



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA



A AÇÃO DO EDUCADOR NA GESTÃO DOS MOMENTOS EM GRANDE GRUPO

Relatório da Prática Profissional Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar

CARINA CARVALHO
NOVEMBRO 2015



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA



A AÇÃO DO EDUCADOR NA GESTÃO DOS MOMENTOS EM GRANDE GRUPO

Relatório da Prática Profissional Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Sob orientação da Professora Manuela Duarte Rosa

CARINA CARVALHO
NOVEMBRO 2015

AGRADECIMENTOS

Desde já um enorme OBRIGADO a todos os que me apoiaram, acompanharam neste percurso e contribuíram para ser quem sou hoje.

Obrigada Lena por ter sido uma mentora ao longo de todo o estágio e até mesmo depois, foi um enorme prazer trabalhar ao seu lado e consigo aprendi muito. É um exemplo para mim e espero poder continuar a aprender consigo durante muitos anos. Obrigada Nanda e Inês, foram grandes companheiras durante a minha jornada.

Obrigada Diretora Patrícia, foi um exemplo de perseverança e de liderança. Obrigada por todos os concelhos e por me ter recebido tão bem na “sua casa”.

Obrigada Rute e Fernanda, pelo apoio e pelos concelhos, por terem contribuído para a minha formação como futura educadora.

Obrigada professora Manuela! Foi muito mais que uma orientadora, foi um pilar para a minha formação, foi o maior apoio que poderia ter tido para ultrapassar os meus medos e dificuldades, não estaria onde estou hoje se não fosse a sua orientação.

Obrigada a todos os professores que me acompanharam ao longo destes 4 anos, são sem dúvida a maior razão para ter chegada até esta etapa.

Obrigada Rita e Mariana por todo o apoio, por todos os elogios, por toda a força, são um orgulho para mim, nunca me esquecerei do que representaram para mim nestes últimos 3 anos.

Obrigada às melhores amigas que poderia ter encontrado: Nini, Bárbara e Marisa. Se não fosse ao vosso lado, estes anos não teriam o mesmo significado. A vossa amizade ajudou-me a chegar onde cheguei e espero continuar a percorrer o resto dos nossos percursos sempre lado a lado e enquanto discutimos se são peros ou maçãs.

Obrigada Sara. És uma inspiração. És um exemplo de garra, persistência e luta. Tenho orgulho da nossa amizade, daquilo que ultrapassamos e por te teres revelado um apoio tão grande nesta fase final.

Obrigada às minhas colegas e amigas de equipa. Peço desculpa pelos treinos que faltei, mas consegui chegar até aqui e só tenho de vos agradecer pela compreensão e apoio que me deram.

Obrigada Patxus, por seres uma irmã e uma companheira. Temos passado por tudo juntas, quero que continue assim para sempre. Obrigada!

Obrigada D. Anabela, Sr. Paulo e Anita, são a minha segunda família e tenho que vos agradecer muito por todo o incentivo e força que me deram.

Obrigada Meu Amor, Melhor amigo, Companheiro, Namorado... Obrigada por me teres aturado todos os dias de maior stress, por me conseguires fazer rir quando estava prestes a chorar. Obrigada por estares ao meu lado, por seres quem és e por despertares o melhor em mim. Amo-te e um obrigado não chega, não existem palavras para agradecer o apoio que és para mim.

Obrigada Avós, por todos mimos e por todos os raspanetes, por serem os meus segundos pais que tanto contribuíram para o meu crescimento.

Obrigada Mano, por seres um chato e por me fazeres rir sempre que entravas pelo meu quarto a dentro enquanto estudava. Também te devo a ti o que sou hoje.

Aos mais importantes, OBRIGADA Mãe e Pai. Só estou onde estou graças a vocês, ao vosso esforço, à vossa dedicação, à vossa força e ao vosso amor. Obrigada Pai por trabalhares tanto para que eu pudesse estudar, obrigada por te preocupares sempre, mesmo estando longe. És um orgulho para mim. E Agradeço do fundo do coração o Pai que és. Obrigada Mãe, se não fosses tu acho que não teria chegado até aqui. Obrigada por todos os mimos, por todos os abraços e por todas as palavras. Por todas as noites que ficaste ao meu lado a fazer-me companhia. Obrigada por seres a Mãe que és. Obrigada aos dois por aquilo que sou hoje, consegui chegar aqui graças a vocês, são o meu maior orgulho. Amo-vos Muito! Obrigada!!!

Por último, obrigada a todas as crianças que passaram na minha vida ao longo dos deste 4 anos. Cresci muito com vocês. Sou o que sou por vocês. Obrigada!

RESUMO

O presente relatório decorre da Prática Profissional Supervisionada, enquadrada no Mestrado em Educação Pré-Escolar, que visa apresentar o resultado da prática nas valências de Creche e Jardim-de-Infância.

O principal objetivo deste relatório é apresentar, analisar e refletir sobre a intervenção e as aprendizagens adquiridas, sendo que existe ao longo de todo o documento uma fundamentação teórica que sustenta todo o trabalho desenvolvido ao longo dos meses de prática e estão também explícitas as minhas intenções pedagógicas referentes à ação.

Durante a prática no contexto de creche surgiu uma dificuldade por mim sentida relativamente aos momentos em grande grupo, questão que posteriormente me suscitou interesse, uma vez que queria perceber que ação pode o educador ter para gerir estes momentos de maior dificuldade. Este obstáculo não foi apenas característico do contexto de creche uma vez que durante a prática em JI a mesma dificuldade foi sentida. Como tal, surgiu então uma problemática significativa: A ação do educador na gestão dos momentos em grande grupo. Ao longo do relatório a problemática será evidenciada através da caracterização do comportamento do grupo de crianças, posteriormente serão apresentadas algumas estratégias por mim estudadas que facilitaram a gestão dos momentos, em grande grupo e por fim os resultados da implementação dessas mesmas estratégias.

O estudo desta problemática foi para mim essencial uma vez que para existir um bom ambiente educativo e para que as aprendizagens sejam realmente adquiridas é extremamente importante existir uma boa gestão do grupo de crianças.

Palavras-chave: Jardim-de-infância; momentos em grande grupo; gestão e ação do educador;

ABSTRACT

This report stems from the professional supervised practice, framed in the master's degree in early childhood education and its objective is to present the result from the practice on the daycare center and kindergarten center. The main purpose of this report is to present, analyses and conclude about the intervention and the acquired learning. This report has a theoretical grounding that sustains all the developed work in the months of practice and there's also explicit pedagogical intentions regarding the intervention. During the intervention on the daycare center there are some challenges when doing large group activities. This issue is good to understand which action the kindergarten teacher may have to manage in the most difficult moments. This obstacle wasn't just seen on the daycare center but also in the kindergarten center and with this, came a meaningful issue: The action of the kindergarten teacher on the management of the large group activities. Along this report the question about managing large group activities is shown with the characterization of the children group behaviors, and then it's presented some strategies that were studied to make easier the management of the large group activities and it's concluded with the results of the implementation of these strategies. This study is essential to improve the educational environment and to learn how to be successful in caring large children groups.

Keywords: Kindergarten; large group activities; management and action of the kindergarten teacher.

ÍNDICE

1. Introdução.....	1
2. Caracterização para a ação.....	3
2.1. Meios onde estão inseridos os contextos	3
2.2. Contexto socioeducativo	4
2.3. Equipa Educativa	6
2.4. Família das crianças.....	8
2.5. Grupo de crianças.....	9
2.6. Análise Reflexiva.....	11
3. Metodologia	15
3.1. Roteiro metodológico.....	15
3.2. Roteiro ético	17
4. Identificação e fundamentação para a ação pedagógica	18
4.1. Creche.....	20
4.2. Jardim-de-infância.....	21
5. Identificação da problemática.....	24
5.1. “Assim ninguém se entende!” - Comportamento do grupo	25
5.2. “Vamos fazer um jogo!” - O papel do educador	32
5.3. “A brincar é que se aprende!” - Resultados.....	37
6. Considerações finais.....	41
Referências bibliográficas	46
Anexos.....	50

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A – Organização do edifício (Creche).....	50
Anexo B - Missão, Visão, Valores e Princípios Educativos (Creche).....	51
Anexo C - Organização do edifício (JI).....	52
Anexo D - Lema, Missão, Visão e Valores (JI).....	53
Anexo E - Equipa educativa que compõe a instituição (Creche).....	54
Anexo F - Equipa educativa que compõe a instituição (JI).....	55
Anexo G - Membros que compõe as respostas sociais (JI).....	56
Anexo H - Nacionalidades das famílias da sala de atividades 6 (JI).....	57
Anexo I - Infirmações sobre as crianças da sala de atividades 2 anos-2 (Creche).....	58
Anexo J - Infirmações sobre as crianças da sala de atividades 6 (JI).....	59
Anexo K - Planta da sala de atividades 2 anos-2 (Creche).....	60
Anexo L - Áreas da sala de atividades 2 anos-2 (Creche).....	61
Anexo M - Rotina diária da sala de atividades 2 anos-2 (Creche).....	62
Anexo N - Instrumentos do MEM utilizados (JI).....	63
Anexo O - Planta da sala de atividades 6 (JI).....	64
Anexo P - Principais características físicas da sala de atividades 6 (JI).....	65
Anexo Q - Áreas da sala de atividades 6 (JI).....	66
Anexo R - Espaços comuns às crianças da instituição (JI).....	67
Anexo S - Rotina semanal da sala de atividades 6 (JI).....	68
Anexo T - Autorização aos pais.....	69
Anexo U – Portefólio do contexto de Creche.....	70
Anexo V – Portefólio do contexto de JI.....	88
Anexo X – Questionário aos pais.....	173

LISTA DE ABREVIATURAS

APEI	Associação de Professores de Educação de Infância
JI	Jardim de Infância
MEM	Movimento da Escola Moderna
NEE	Necessidades Educativas Especiais
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar
PPS	Prática Profissional Supervisionada
SCML	Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como objetivo apresentar e analisar, de forma reflexiva, a Prática Profissional Supervisionada (PPS) desenvolvida nos dois contextos socioeducativos: Creche e Jardim de Infância (JI).

O relatório tem como principais objetivos relatar, analisar e avaliar de forma reflexiva toda a intervenção realizada em ambas as valências.

Respeitando os princípios éticos profissionais, a identificação dos locais de estágio não será referida em momento algum neste documento, exceto os nomes próprios das crianças com que trabalhei, uma vez que tive autorização para os utilizar.

É ainda necessário referir que a intervenção em contexto de Creche teve a duração de 6 semanas, durante os meses de janeiro e fevereiro e foi realizada numa sala de dois anos. Por sua vez, a intervenção em JI foi realizada entres os meses de fevereiro e maio, numa sala com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos.

O estudo realizado na intervenção em JI será aqui também aprofundado, sendo que a problemática surgiu a partir de uma dificuldade por mim sentida no que diz respeito à gestão dos momentos em grande grupo. Desta forma, o título do presente relatório define a problemática em estudo: A ação do educador na gestão dos momentos em grande grupo.

Posto isto, será de seguida apresentado o roteiro do trabalho:

Primeiramente, é apresentada a caracterização para ação onde são expostos os aspetos mais relevantes de cada contexto e que influenciaram a minha ação. Esta secção está subdividida nos seguintes subcapítulos:

- 1) Meios onde estão inseridos os contextos;
- 2) Contexto socioeducativo;
- 3) Equipa educativa;
- 4) Família das crianças;
- 5) Grupo de crianças;
- 6) Análise reflexiva.

De seguida, é apresentado o capítulo da metodologia que se encontra dividido em dois subcapítulos:

- 1) Roteiro metodológico – onde se encontram as opções metodológicas para o estudo realizado;
- 2) Roteiro ético – onde são explicados os princípios éticos que foram seguidos.

Posteriormente encontra-se o capítulo referente à identificação e fundamentação das intenções para a ação pedagógica. Aqui é feita uma análise reflexiva e crítica da prática em Creche e em JI.

No capítulo seguinte é identificada a problemática escolhida para a investigação, onde é inicialmente justificada a escolha da problemática – a ação do educador na gestão dos momentos em grande grupo. Este capítulo encontra-se dividido em 3 subcapítulos:

- 1) “Assim ninguém se entende” – aqui é caracterizado e analisado o comportamento do grupo de crianças;
- 2) “Vamos fazer um jogo” – por sua vez neste subcapítulo é apresentado qual deve ser, para mim, o papel do educador e também as estratégias por mim implementadas que me auxiliaram na gestão do grupo;
- 3) “A brincar é que se aprende” – por último, aqui serão apresentados os resultados do estudo e os aspetos mais importantes a reter.

Por fim, seguem-se as considerações finais onde reflito sobre todo o percurso em ambos os contextos, enunciando também as minha maiores dificuldades e as aprendizagens mais significativas do estudo da problemática.

As referências bibliográficas e os anexos também serão aqui apresentados.

2. CARACTERIZAÇÃO PARA A AÇÃO

2.1. Meios onde estão inseridos os contextos¹

A instituição na qual foi realizada a PPS em Creche pertence a uma das 53 freguesias do concelho de Lisboa. Esta freguesia é caracterizada por ser uma zona antiga da cidade situada junto ao rio. A localidade é caracterizada por uma paisagem marcadamente urbana onde predominam os prédios plurifamiliares, existindo poucos espaços verdes e locais para as crianças brincarem.

A zona é envelhecida e as habitações são, na sua maioria, antigas e degradadas. Também a rede de transportes públicos é fraca dificultando a ligação a outros pontos da cidade.

Relativamente à população, esta freguesia é constituída na sua maioria por idosos com poucos recursos económicos e culturais, e baixo nível de escolaridade.

Uma vez que a zona e as habitações se foram degradando, o comércio diminuindo, a população envelhecendo, fez com que a qualidade de vida diminuísse, justificando o aparecimento de instituições de cariz social.

A instituição na qual foi realizada a PPS em JI pertence a um dos concelhos mais recentes de Portugal. A freguesia possui características essencialmente urbanas e detém uma densidade populacional das mais significativas no concelho. Assim, a localidade onde está inserida a instituição é caracterizada por uma paisagem marcadamente urbana onde predominam os prédios plurifamiliares.

O concelho apresenta ainda uma grande variedade de comércio e de serviços, com boas infraestruturas rodoviárias e meios de transporte públicos. Uma vez que existem serviços e comércio localizado nas proximidades da instituição, é dado às educadoras da instituição a possibilidade de os utilizarem no trabalho com as crianças:

Uma das educadoras vai com as crianças comprar ingredientes para fazer um bolo pois era o aniversário de uma delas.

Nota de campo – 23 fevereiro de 2015

¹ Dados retirados dos Projetos Educativos das instituições

2.2. Contexto socioeducativo²

A instituição na qual foi realizada a PPS em Creche pertence, desde 2011, à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), dispondo das valências de Creche familiar e Creche coletiva com vagas para 64 crianças.

O antigo e adaptado edifício encontra-se em razoável estado de conservação, no entanto as temperaturas sentidas (particularmente no inverno) são desadequadas para a valência de Creche. O edifício encontra-se organizado como demonstra o anexo A.

Após a consulta dos documentos orientadores da ação educativa, onde está expresso a missão, visão, valores da instituição (ver anexo B), e ainda através da observação realizada, é possível afirmar que a equipa educativa aposta na qualidade e competência educativa seguindo a participação das crianças, que visa a partilha dos saberes e experiências, a complementaridade e o espírito de equipa.

Relativamente à instituição onde foi realizada a PPS em JI, esta pertence, por um período de três anos, ou seja, desde 2011 a 2014, à SCML, sendo incerto o seu futuro no ano letivo de 2015/2016:

Por toda a instituição observa-se um clima de incerteza e mal-estar, desde os funcionários às famílias das crianças, uma vez que a SCML não irá continuar a assegurar a gestão do estabelecimento, estando este em risco de encerrar no próximo ano letivo.

Foi observada uma manifestação de pais contra o encerramento da instituição e ainda inúmeras conversas entre funcionários que demonstram falta de motivação e desânimo perante o seu trabalho.

Nota de campo – 27 de fevereiro de 2015

A instituição oferece à população as respostas sociais de creche institucional com capacidade de 34 crianças, creche familiar com capacidade para 92 crianças, jardim-de-infância com capacidade de 141 crianças e um gabinete de intervenção precoce do sistema nacional de intervenção precoce na infância.

² Dados retirados dos Projetos Educativos das instituições

O edifício pertence à camara municipal que cedeu uma parte do edifício à junta de freguesia, onde funciona um centro de dia para idosos. A outra parte, onde funciona a instituição, foi cedida ao instituto da segurança social, que a cedeu posteriormente à SCML. O edifício encontra-se organizado como demonstra o anexo C.

O edifício encontra-se em razoável estado de conservação, no entanto, necessita de alguns melhoramentos:

A fachada da instituição encontra-se extremamente degradada devido ao vandalismo (grafitis). Algumas salas de atividades necessitam de um revestimento novo para o pavimento. Em conversa com uma educadora esta afirmou que a instituição necessita de obras, no entanto, estas não são realizadas pois a SCML não quer investir num edifício que não estará sobre a sua tutela no próximo ano.

Nota de campo – 19 de fevereiro de 2015

A instituição tem como prioridade a educação de crianças provenientes de famílias com carências económicas, admitindo e integrando crianças provenientes de estratos socioeconómicos variados e com Necessidades Educativas Especiais (NEE), com idades compreendidas entre os 4 meses e os 6 anos. Os princípios educativos que regem a ação pedagógica estão expressos nos documentos orientadores da instituição onde se valoriza “sempre atitudes e comportamentos com o horizonte no crescimento global e saudável das crianças” (anexo D).

Através da análise destes documentos orientadores da ação educativa e principalmente do que foi observado, é possível afirmar que a apesar da equipa educativa apostar na qualidade educativa, o ambiente que se vive na instituição devido às incertezas do próximo ano letivo afetam consideravelmente a prática pedagógica das educadoras e das auxiliares de ação socioeducativa e bem como a relação entre a própria equipa educativa. Por consequência, este desequilíbrio afeta o funcionamento da instituição, do grupo de crianças e por vezes as crianças da instituição são envolvidas neste ambiente hostil, havendo por vezes disfuncionamento comportamental dos adultos para com as crianças, que na maioria das vezes se encontram transtornados e afetados pelo ambiente vivido.

2.3. Equipa Educativa³

A equipa educativa da Instituição na qual foi realizada a PPS em Creche é constituída por 17 pessoas (anexo E) e por uma equipa interdisciplinar que apoia à instituição semanalmente e que é composta por uma técnica de serviço social, uma técnica de educação e uma psicóloga.

Esta equipa tem a particularidade de ter vários projetos em comum na instituição: a Humanização da casa, que consiste em decorar o estabelecimento ao longo do ano de acordo com as várias temáticas; o Banco de roupa, que consiste na partilha de roupas com as famílias; o Jornal Mensal que consiste em anunciar às famílias as atividades que as várias salas fizeram ao longo do mês; a Dinamização da biblioteca que tem o objetivo de contar uma história, de forma dinamizada, na biblioteca, para que as famílias possam assistir à hora do conto juntamente com as crianças; por fim, o projeto Manhãs Espetaculares decorre todas as sextas-feiras de manhã, que consiste em dinamizar uma história, canção, lengalenga, rimas ou poemas, na sala da equipa que está responsável pela manhã espetacular da semana, e à qual todas as crianças vão assistir e participar.

Todos estes projetos que decorrem ao longo do ano são uma excelente estratégia para manter os vários profissionais da instituição unidos em trabalhar conjunto. Este trabalho de equipa por projetos proporcionam às crianças e às suas famílias um ótimo ambiente educativo e um conforto necessários para que se sintam seguros e acolhidos na instituição.

A equipa da sala, onde foi realizada a prática, é composta por uma educadora e duas auxiliares de educação, sendo a característica mais evidente desta equipa a grande harmonia e cumplicidade.

A equipa educativa da instituição onde foi realizada a PPS em JI é composta por 57 pessoas, sendo que 34 trabalham dentro da instituição e 23 trabalham fora da instituição (ver anexo F), e ainda por uma equipa interdisciplinar que fornece apoio à instituição e que é composta por 3 pessoas: 1 psicóloga, 1 técnica superior de educação e 1 técnica superior de serviço social.

No anexo G é possível ver as várias respostas sociais que esta instituição

³ Dados retirados dos Projetos Educativos das instituições

abrange.

Uma vez que são muitos os membros que compõe esta equipa, as relações tornam-se um pouco mais distantes e pontuais, ou seja, o trabalho e união da equipa é apenas verificado através de reuniões que existem na instituição. Existem também momentos regulares em que, por exemplo, as auxiliares e educadoras estão todas juntas que se verificam no acolhimento e no recreio. Sendo apenas estes momentos que se se verifica a existência do trabalho e união da equipa:

Foi-se percebendo ao longo dos dias de observação que o contacto entre educadoras e auxiliares do JI faz-se essencialmente durante o acolhimento, em que estão todas as educadoras e todas as auxiliares juntas enquanto vão chegando as crianças ou então durante o recreio onde também se reúnem todas.

Nota de campo – 26 de fevereiro de 2015

Relativamente ao ambiente da equipa educativa, foi observado que este é por vezes hostil e instável, pois é notório o desagrado e a insegurança sentida pelas funcionárias devido à situação que se vive na instituição, uma vez que estão em causa os postos de trabalho:

Tem sido observado um clima de incerteza e mal-estar e um ambiente hostil por parte dos funcionários devido à situação da instituição uma vez que a SCML não irá continuar a assegurar a gestão do estabelecimento, estando este em risco de encerrar no próximo ano letivo. Como tal os postos de trabalho são incertos e os funcionários sentem-se inseguros quanto ao seu futuro.

Nota de campo – 27 de fevereiro de 2015

Relativamente à equipa educativa da sala 6, onde foi realizada a minha PPS, esta é composta por uma educadora-de-infância e uma auxiliar de ação educativa que já trabalham em equipa há três anos. O trabalho em equipa entre a educadora e a auxiliar de ação educativa verifica-se quando ambas tomam decisões relativas ao grupo, como por exemplo a decisão da prenda do dia da mãe (uma das situações observadas) em que não é apenas a educadora a decidir o que fazer, esta pede a opinião à auxiliar de ação educativa e esta contribui com ideias.

2.4. Família das crianças⁴

As famílias do grupo de crianças da sala 2 anos-2 caracterizam-se por serem maioritariamente nucleares e a maioria é de origem portuguesa. Os pais têm idades compreendidas entre 25 e 45 anos e o nível de escolaridade varia entre o 4º ano e a licenciatura.

Uma vez que o contexto onde está inserida a instituição se caracteriza pela ausência de serviços e por ser uma zona envelhecida com habitações antigas e degradadas como referido no ponto 1.1, a situação socioeconómica deste grupo de famílias caracteriza-se por ser média-baixa, sendo que 5 famílias têm os pais desempregados, e existe ainda uma família numa situação de carência económica,

A relação das famílias com a equipa de sala é bastante positiva e de segurança, havendo sempre conversas informais entre os pais e a equipa. A participação das famílias na creche é assegurada fazendo-se pequenos projetos ou *ateliers* com as famílias das crianças.

As famílias das crianças da sala 6, na qual foi realizada a PPS em JI, caracterizam-se por abrangerem apenas 3 tipologias de agregados familiares: Família Nuclear ou Simples, Família Monoparental e Família Alargada ou Extensa, e também pela diversidade de nacionalidades, existindo uma grande multiculturalidade (anexo H). Esta multiculturalidade existente trás grandes benefícios ao educador uma vez que poderá trabalhar com o grupo de crianças a diversidade de culturas. No entanto trás também alguns desafios ao educador, nomeadamente, como comunicar com os pais e inclui-los no processo educativo dos filhos, uma vez que muitos não têm a língua portuguesa como língua materna. Tal situação provoca um afastamento dos pais relativamente à estadia dos filhos na sala de atividades, pois não compreendem (na maioria das vezes) o que lhes é transmitido. Como tal, a relação das famílias com a equipa de sala verifica-se através de algumas conversas informais entre os pais e a equipa. No entanto, existem muitos casos em que os pais se limitam a “deixar” as crianças à porta da sala, sem entregarem o filho a algum membro da equipa e sem transmitem quaisquer informações à educadora ou auxiliar, maioritariamente devido à razão explicada anteriormente referente à multiculturalidade:

⁴ Dados retirados do Projetos Pedagógicos das salas

Hoje a Eva chegou à sala com uma queimadura grave numa das mãos, a queimadura veio completamente exposta, sem sinais de ter sido tratada. Perguntamos à Eva o que tinha acontecido e onde estava a pai para podermos falar com ele e ela disse que foi um tio que a veio por e que já se tinha ido embora.

Nota de campo – 3 de março de 2015

O nível de escolaridade dos pais é em média o 9º ano, o que contribui para que a situação laboral mais recorrente seja o desemprego. Desta situação resulta uma maioria de famílias que se encontra num nível socioeconómico baixo com limitações e carências.

2.5. Grupo de crianças⁵

De acordo com o Projeto Pedagógico da sala, o grupo da sala dos 2 anos-2 é composto por 17 crianças, sendo que 6 são do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Quanto ao nível das idades, o grupo é heterógeno, uma vez que as idades variam entre os 27 e os 37 meses (anexo I). Das 17 crianças que compõem o grupo, 6 já controlam os esfíncteres, contudo durante a hora do repouso usam fralda para proporcionar um maior conforto à criança. Todas as crianças do grupo comem sozinhas, havendo algum apoio dos adultos às que ainda necessitam. Durante o repouso, a maioria das crianças tem dificuldade em adormecer e em ficarem quietas na cama, porque não apresentam sinais de sono e encontram-se demasiado agitados para estarem deitados nas camas.

Quanto aos interesses do grupo, estes oscilam um pouco, mais uma vez devido à diferença de idades. Ou seja, as crianças já com 3 anos, ou perto dos 3, interessam-se muito por livros, puzzles ou construções, já as crianças com 2 anos têm maior preferência pela área do faz de conta.

Em relação às características mais marcantes do grupo, a mais predominante é a grande dificuldade em respeitar regras e aceitar o que o adulto diz. Apesar da relação adulto-criança ser boa, uma vez que o grupo é ativo, bem-disposto e sociável, existe uma grande lacuna a nível comportamental, isto porque o grupo não respeita o que o

⁵ Dados retirados dos Projetos Pedagógicos das salas

adulto diz e não compreende as regras que são colocadas, algo que vai contra as OCEPE (1997) uma vez que afirma que “as regras, elaboradas e negociadas entre todos, são compreendidas pelo grupo, que se compromete a aceitá-las” (p. 53).

Tem sido difícil controlar o grupo nesta primeira semana, porque o grupo não respeita o que o adulto diz ou pede, não respeitam as regras ou pedidos simples que se façam.

Nota de campo – Dia 9 de Janeiro de 2015

Segundo Formosinho (2013) “a criação de laços privilegiados entre a criança e adultos responsivos é reconhecida como basilar para que a criança se sinta segura e aberta a explorar e aprender acerca da diversidade que este novo mundo lhe apresenta.” (p.18), algo que se tem sempre em conta na sala dos 2 anos-2, mas por vezes é difícil de se conseguir. Como tal, também a relação entre pares acaba por ser de constantes conflitos, principalmente devido à partilha de brinquedos, acabando por existirem situações muito físicas e de alguma agressividade:

O grupo tem estado visivelmente agitado, muito barulhento, portam-se mal porque não respeitam o que é dito. Há inclusive casos de agressividade constantes.

Nota de campo – Dia 20 de janeiro de 2015

De acordo com o Projeto Pedagógico de sala, o grupo de crianças da sala na qual foi realizada a PPS em JI era inicialmente composto por 20 crianças, mas devido a duas desistências no início do ano letivo o grupo encontra-se composto por 18 crianças, sendo que 8 são do sexo masculino e 10 do sexo feminino (anexo J). Quanto ao nível das idades, o grupo é heterógeno, as crianças têm entre 3 e 4 anos. Neste grupo, 4 crianças apresentam atrasos significativos ao nível do desenvolvimento mas apenas 3 estão diagnosticadas com NEE e estas são acompanhadas por técnicas de intervenção precoce. Uma das crianças com NEE tem uma doença degenerativa nervosa que a coloca numa posição mais protegida e de maior segurança por parte da equipa educativa. As crianças com NEE e as crianças de 3 anos ainda fazem repouso.

Quanto às características do grupo, este é bem-disposto, interessado, comunicativo e bastante recetivo aos adultos e ao que estes propõem. São faladores,

espontâneos e participativos:

Hoje depois da educadora cooperante me ter apresentado ao grupo e depois de eu ter dito algumas coisas, foram muitas as perguntas e curiosidades colocadas pelas crianças. Praticamente todas tinham algo a dizer ou perguntar. Percebe-se que é um grupo bastante comunicativo.

Nota de campo - 19 de fevereiro de 2015

A partir da observação foi possível perceber que se trata de um grupo com muitas ideias e curiosidades. No entanto, foi também observado que, uma vez que o grupo é muito falador, torna-se por vezes difícil que o grupo faça silêncio e se concentre no que o educador está a dizer, tornando difícil a comunicação entre o educador e o grupo:

Tenho reparado neste primeiros dias que o grupo é bastante comunicativo e falador, por vezes até um pouco demais. Hoje a educadora teve inclusive que ter uma “conversa séria” com o grupo porque estes estavam a falar muito alto e ao mesmo tempo e não conseguiam ouvir os adultos quando estes os mandavam fazer silêncio.

Nota de campo - 24 de fevereiro de 2015

Quanto aos interesses das crianças, estas têm uma maior preferência pela área da construção, a área do faz-de-conta e a garagem. Uma vez que, como referido anteriormente, o grupo é bastante curioso, predomina o gosto pelas histórias e o que podem descobrir a partir destas.

2.6. Análise Reflexiva⁶

Na sala dos 2 anos-2 a equipa educativa defende a importância de promover o respeito pela criança na sua individualidade, tendo em vista uma atitude otimista em relação ao sucesso de cada um na aquisição ou aperfeiçoamento das competências relacionadas com cada uma das áreas de desenvolvimento – desenvolvimento

⁶ Dados retirados do Projeto Pedagógico das salas

cognitivo, desenvolvimento físico-motor e desenvolvimento socio-emocional. Como tal, de acordo com o projeto pedagógico de sala, as intenções educativas têm por base os 10 princípios educativos em creche de Gabriela Portugal, que são:

1. Envolver as crianças nas coisas que lhes dizem respeito;
2. Investir em tempos de qualidade procurando-se estar completamente disponível para as crianças;
3. Aprender a não subestimar as formas de comunicação únicas de cada criança e ensinar-lhes as suas;
4. Investir tempo e energia para contruir uma pessoa “total”;
5. Respeitar as crianças enquanto pessoas de valor e ajudá-las a reconhecer e a lidar com os seus sentimentos;
6. Ser verdadeiro nos sentimentos relativamente às crianças;
7. Modelar os comportamentos que se pretende ensinar;
8. Reconhecer os problemas como oportunidades de aprendizagem e deixar as crianças tentarem resolver as suas próprias dificuldades;
9. Construir segurança ensinando a confiança;
10. Procurar promover a qualidade do desenvolvimento em cada fase etária, mas não apressar a criança para atingir determinados níveis desenvolvimentais.

Desta forma, “num contexto de grupo, o educador responsável representa uma âncora para a criança, a pessoa em quem esta pode confiar para ser tranquilizada, orientada e cuidada.” (Post & Hohmann, 2007, p.64), algo fundamental que deve ser tido em conta e que a equipa educativa de sala, não só a educadora mas também as auxiliares de educação, assegura ao grupo de crianças.

Ainda de acordo com o projeto pedagógico de sala, o Modelo Pedagógico adotado na sala dos 2 anos-2 é a Abordagem High/Scope, em que aprender pela ação é o principal princípio seguido. Assim sendo, através da ação, é oferecido às crianças oportunidades diversificadas que permitam o desenvolvimento integral de todas as suas potencialidades e competências.

Segundo Post e Hohmann, (2007) “uma instituição de cuidados infantis apoia o desenvolvimento de crianças de tenra idade se estiver repleta de materiais variados, seguros, adequados, desafiantes e acessíveis à exploração das crianças.” (p.29), neste sentido, A sala é ampla e o mobiliário é disposto para que haja espaço para as crianças brincarem e se movimentarem à vontade. A sala é equipada com mobiliário e material lúdico-didático adequados à faixa etária das crianças e que permitem às crianças

brincarem e levarem a cabo explorações diversificadas que possibilitam a experimentação, a exploração, a descoberta e a apropriação de novas competências e aprendizagens (anexo K). A sala está organizada em 4 áreas (anexo L).

Relativamente à rotina (anexo M), esta é bem delineada e adequada ao grupo de crianças da sala e à faixa etária. O dia está organizado de modo a satisfazer as necessidades básicas do grupo – refeições, higiene e repouso - e de modo a permitir que a criança dedique tempo a brincar, explorar, criar e aprender. A rotina é fundamental nestas idades – bebés e crianças pequenas – uma vez que a antecipação dos acontecimentos permitirá à criança uma maior segurança e conforto porque pode prever o que vai acontecer ao longo do dia deixando a criança calma e tranquila, tal como afirma Post e Hohmann (2007) referindo que “quando os horários e as rotinas diárias são previsíveis e estão bem coordenadas em vez de em permanente mudança, é mais provável que os bebés e as crianças se sintam seguros e confiantes.” (p.195). Segundo estes mesmos autores a programação diária não deve ser só previsível mas também flexível, de modo a acomodar as necessidades de cada criança (p.197), isto porque “a previsibilidade e a flexibilidade [...] andam de mãos dadas na construção de um dia calmo, centrado na criança.” (p.197). Ainda para Post e Hohmann (2007) “os educadores, à semelhança das crianças, precisam de saber o decurso do dia em termos genéricos [...] e de ter a capacidade de modificar a sucessão geral de acontecimentos para se adaptar às diversas necessidades” (p.197), confirmando assim que não só as crianças que necessitam desta previsibilidade e flexibilidade, também os educadores e auxiliares para que consigam fazer um melhor trabalho, mais completo, organizado, consciente e dedicado.

Na sala 6, a equipa educativa tem como objetivo principal contribuir para uma boa formação da personalidade de cada criança, transmitindo-lhes tanto conhecimentos curriculares como também valores morais e sociais. Para tal, de acordo com o projeto pedagógico de sala, a equipa tem como base a afetividade, a aceitação, a compreensão e, simultaneamente, a firmeza. No entanto, através da observação ao longo da prática, foi-se verificando que nem sempre os adultos orientavam o seu comportamento por estes princípios e valores.

Ainda de acordo com o projeto pedagógico de sala, o Modelo Pedagógico adotado na sala 6 é o Movimento da Escola Moderna (MEM), pois são usados alguns instrumentos característicos deste modelo, os nominados “instrumentos de pilotagem”

(anexo N) uma vez que “estes instrumentos ajudam o educador e as crianças a orientar/regular (planear e avaliar) o que acontece (individualmente e em grupo) na sala construindo-se como «informantes na regulação formativa».”, (Niza, 1996, citado por Folque, 2014, p.55). Contudo o modelo seguido não é totalmente linear mas sim adaptado:

Hoje quando questionei a educadora sobre o Modelo Pedagógico que seguiam, esta explicou-me que se regem pelo MEM, no entanto é de uma forma adaptada uma vez que nem sempre tudo se adequa ao grupo e portanto teve de fazer algumas adaptações.

Nota de campo – 3 de março de 2015

Desta forma, a equipa educativa da sala valoriza a gestão democrática do grupo ao promover a partilha do poder, entre crianças e adultos, e com o intuito de conduzir a uma educação para a cidadania. Uma vez que o MEM valoriza a aprendizagem partilhada e centrada nos interesses e necessidades das crianças, na sala 6 são respeitados os interesses, as necessidades e acima de tudo a opinião do grupo.

Como hoje foi o ultima dia da semana, quando o grupo estava a planear o que fazer na próxima semana, uma das crianças sugeriu fazer um bolo. A educadora inicialmente tentou dissuadir o grupo porque tinham muitos trabalhos para fazer, mas uma outra criança insistiu que já não faziam culinária há muito tempo e que queria também fazer um bolo. Rapidamente surgiram as ideias de que o bolo deveria ser de chocolate, com morangos e pintinhas coloridas. A educadora acabou por concordar com a ideia, respeitando o desejo do grupo.

Nota de campo – 6 de Março de 2015

Como no MEM se destaca o cooperativismo, a solidariedade, a autonomia, a criatividade, a autoestima e a responsabilidade, estes são princípios que são tidos em conta pela equipa educativa de sala.

A sala de atividades 6 (anexo O) está situada no piso 0 do edifício e no anexo P encontram-se as principais características da sala. A sala é bem estruturada e organizada por 7 áreas distintas (anexo Q). É ainda equipada com mobiliário e material lúdico-didático adequados à faixa etária das crianças e “Os materiais são organizados

de modo a estarem acessíveis, permitindo que as crianças os utilizem sem precisarem de ajuda.” (Folque, 2014, p.57). Fora da sala existem ainda alguns espaços que são destinados a todas as crianças da instituição e onde estas realizam diversas atividades (anexo R).

Quanto à rotina do grupo (anexo S), esta é semanal, uma vez que em cada dia da semana é explorado uma área de conteúdo diferente, portanto o dia do grupo começa pelo acolhimento feito numa sala polivalente com todas as crianças do JI, de seguida o grupo vai para a sala e é realizado o plano do dia, durante a manhã é explorada uma área de conteúdo e à tarde também, ou poderá existir a exploração das áreas ao invés de uma área de conteúdo. Considero que a rotina é bem delineada e adequada ao grupo de crianças da sala e à faixa etária do mesmo, contudo é importante referir que “As rotinas, tendo embora uma organização bem definida devem ser flexíveis para dar resposta às necessidades do grupo e de cada criança, de acordo com os fatores contextuais da vida diária.” (Folque, 2014, p.59).

3. METODOLOGIA

3.1. Roteiro metodológico

Uma vez que a investigação realizada durante a PPS em JI incide na ação do educador de infância na gestão dos momentos em grande grupo de crianças, considere ser necessário e pertinente “proceder a mudanças, de alterar um determinado *status quo*, [e] intervir na reconstrução de uma realidade” (Coutinho et al., 2009, p.356). Como tal, o tipo de investigação realizada enquadra-se na lógica da investigação-ação sendo esta a natureza da investigação a mais apropriada ao contexto.

Desta forma, é ainda importante referir que, segundo Coutinho et al. (2009, p.360), o essencial na investigação-ação é a exploração reflexiva que o professor faz da sua prática, contribuindo dessa forma não só para a resolução de problemas como também (e principalmente) para a planificação e introdução de alterações na prática, sendo este um dos objetivos desta investigação-ação, refletir sobre a prática do educador e introduzir as alterações necessárias à mesma.

No estudo que se levou a cabo desenvolveu-se uma abordagem qualitativa, uma vez que esta abordagem “[trata] de significados, discursos, motivações, imagens,

valores que não podem ser alvo de análises qualitativas” (Tomás, 2007, p.57), sendo como tal fundamental nesta investigação obter explicações para o porquê das situações observadas de uma forma mais descritiva e não quantitativa. Desta forma, relativamente a análise de dados, esta foi também realizada de forma qualitativa, uma vez que o objetivo é entender as causas e os efeitos dos dados recolhidos durante a investigação, a fim de encontrar uma resposta explicativa.

Em relação às técnicas utilizadas, de acordo com Carmo e Ferreira (2008), “observar é selecionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão”, desta forma, foi a partir de uma observação participante que foi dirigida a investigação-ação, de forma a ser possível um envolvimento com as crianças mostrando-me disponível perante as mesmas na tentativa de estabelecer uma relação de parceria que é essencial neste processo, isto porque foram introduzidas estratégias de forma a investigar o modo como o educador pode mediar o comportamento do grupo de crianças. Neste sentido, o meu papel não foi só o de observadora mas também de participante dado que houve uma intervenção com a implementação das novas estratégias, como pequenos jogos realizados em grande grupo que facilitavam o comportamento das crianças.

Tomás (2011, p.148) refere ainda que a observação participativa permite cruzar dados a partir de discursos, atividades e brincadeiras, algo que foi acontecendo ao longo da PPS, nomeadamente com a inserção das novas estratégias de regulação do comportamento, e que permitiu a recolha de dados e de informações fundamentais para chegar aos resultados da investigação-ação. Será ainda utilizada a técnica de inquérito por questionário, realizado aos pais a fim de recolher informações pertinentes para esta investigação.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1998), “os métodos de recolha e os métodos de análise de dados são normalmente complementares e devem, portanto, ser escolhidos em conjunto, em função dos objetivos e das hipóteses de trabalho” (p. 185), assim sendo, os instrumentos utilizados durante o estudo foram: as notas de campo, reflexões diárias, consulta documental e entrevistas e diálogos informais com a equipa educativa de sala e com as crianças. É importante salientar que as notas de campo e as reflexões diárias foram os instrumentos mais utilizados e mais relevantes para esta investigação, uma vez que incluem informação essencial sobre as estratégias utilizadas e os resultados obtidos.

3.2. Roteiro ético

No âmbito da minha ação como atual estagiária e futura educadora, foram tidos em conta alguns princípios éticos (Tomás, 2011) que foram seguidos e respeitados, nomeadamente: a explicitação a todos os atores envolvidos sobre os acontecimentos da minha prática; o respeito pela privacidade e confidencialidade de todos os dados a que tive acesso; a preservação da identidade das crianças e das famílias; o pedido de autorização às famílias das crianças para poder fotografá-las (anexo T); no momento que em foram tiradas as fotografias, foi sempre perguntado à criança se esta concordava; foi sempre mantido em anonimato a instituição onde desenvolvi a minha prática; as crianças e os adultos envolvidos na investigação foram sempre informados sobre os objetivos e da natureza da prática e da investigação; as crianças sabiam que podiam desistir a qualquer momento, cabendo a elas a decisão da sua participação; e, por fim, o nome das crianças a usar nos trabalhos académicos foi acordado com os pais, com a educadora e com as próprias crianças, tendo disso concordado que se utilizaria apenas o primeiro nome da criança.

Ao longo da prática, toda a ação foi, também, baseada na Carta de Princípios para uma Ética Profissional (APEI, 2012 (secção referente aos Compromissos)): “Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança” (ponto 1); “Procurar uma atitude que tenha em conta valores claramente assumidos e uma conduta que reúna atenção, respeito e confiança nos outros”; “bem-estar físico e psicológico de modo a responder adequadamente às exigências da profissão”; e “assumir a profissão na procura de uma articulação dialógica entre o eu pessoal e o eu profissional” (ponto 6). Estes foram aspetos cruciais que foram garantidos e respeitados ao longo de toda a PPS e durante a investigação-ação de forma a garantir o bem-estar e integridade de todos os participantes.

4. IDENTIFICAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO PARA A AÇÃO PEDAGÓGICA

Ao longo do presente capítulo serão expostas as intenções da minha prática em ambos os contextos educativos (creche e jardim-de-infância), demonstrando as minhas ações pedagógicas subjacentes ao trabalho desenvolvido. É possível consultar em anexo o portefólio de Creche (anexo U) e o de JI (anexo V).

Primeiramente, considero que para garantir uma educação integral à criança e de forma a contribuir para o seu desenvolvimento e consolidação das suas aprendizagens, é fundamental que os direitos das crianças sejam tidos em consideração nas finalidades educativas e, como tal, respeitados, com o intuito de garantir que cada criança é ouvida, respeitada, orientada, protegida e amada, aspetos que considero uma base para a minha prática educativa. Deste modo, defendo ainda que:

“A educação deve destinar-se a promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicas, na medida das suas potencialidades. E deve preparar a criança para uma vida adulta ativa numa sociedade livre e inculcar o respeito pelos pais, pela sua identidade, pela sua língua e valores culturais, bem como pelas culturas e valores diferentes dos seus.” (Convenção Sobre os Direitos da Criança, Unicef Portugal)

Devido ainda à experiência vivida na prática no contexto de JI, existem alguns princípios éticos que destaco para a minha ação educativa, presentes na Carta de Princípios para uma Ética Profissional (APEI, 2012 (secção referente aos Compromissos, ponto 1)) que são:

- Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.
- Proteger as crianças, contra abuso físico ou psicológico, mobilizando outros agentes quando necessário.
- Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.

Acredito também que o educador, na definição da sua ação educativa, deve

centrar-se inteiramente no desenvolvimento de cada criança, tendo em conta as suas especificidades e características individuais, isto é, o desenvolvimento individual de cada criança deve guiar a ação educativa. Estes aspetos vão ao encontro de dois princípios éticos presentes na Carta de Princípios para uma Ética Profissional (APEI, 2012 (secção referente aos Compromissos, ponto 1)) que considero definir a minha prática pedagógica, que são:

- Cuidar da gestão da *aproximação* e da *distância* na relação educativa, no respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança e na promoção da autonomia pessoal de cada uma;
- Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem;

De acordo com o ponto 4 - no âmbito da relação e da ação educativa – do anexo 1 do Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de Agosto, cabe ao educador de infância: relacionar-se com as crianças por forma a favorecer a necessária segurança afetiva e a promover a sua autonomia; fomentar a cooperação entre as crianças, garantindo que todas se sintam valorizadas e integradas no grupo; apoiar e fomentar o desenvolvimento afetivo, emocional e social de cada criança e do grupo; estimular a curiosidade da criança pelo que a rodeia, promovendo a sua capacidade de identificação e resolução de problemas; e promover o desenvolvimento pessoal, social e cívico numa perspetiva de educação para a cidadania; entre outros. Assim sendo, e concordando com as especificações do referenciado decreto-lei, creio que o educador tem como dever garantir a total integridade da criança e “responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance” (Associação de Profissionais de Educação de Infância).

Posto tal, a natureza colaborativa da aprendizagem, principalmente desenvolvida por Vygotsky, é importante uma vez que a criança aprende não só em contacto com o ambiente como também com os seus pares e com os adultos. Estes contactos que a criança vai experienciando, vão ao encontro das teorias construtivistas de J. Piaget, J. Bruner e, principalmente, de L. S. Vygotsky. Para Costa (2007), o construtivismo social atribui especial importância à cultura e ao contexto em que as aprendizagens ocorrem. Este autor sublinha a importância da interação social na aprendizagem. As teorias construtivistas afirmam ainda que é com base nas suas próprias experiências do dia-a-dia e do contexto em que vivem que indivíduos

constroem de forma ativa o seu próprio conhecimento, questão com a qual me identifico pois também considero que proporcionar momentos de aprendizagem através da ação faculta às crianças momentos enriquecedores para que estas aprendam, se desenvolvem e crescem.

Além de considerar que é através das experiências do dia-a-dia que as crianças aprendem, julgo também que “Promover o brincar livre e espontâneo nas crianças, como facilitador das mais variadas aprendizagens, é uma mais-valia para as crianças” (Coelho & Tadeu, 2015, p. 112), uma vez que através dos momentos de brincadeira, estas adquirem aprendizagens significativas e valiosas, estimuladas pela curiosidade e exploração, e que fomentam a autonomia de cada criança.

Para que as aprendizagens adquiridas pelo grupo de crianças seja significativo, é fundamental que o educador adeque as suas práticas pedagógicas consoante as necessidades e individualidades do grupo. Para tal, é essencial que os interesses das crianças sejam o ponto de partida para a realização de todas as suas aprendizagens.

Considero ainda relevante referir a importância da reflexão do educador sobre a sua ação educativa no decorrer do seu trabalho. É através da reflexão que o educador se torna consciente da sua prática, que reflete sobre as suas dificuldades e obstáculos, e também encontra possíveis soluções para alterar a sua prática se necessário. Neste sentido a reflexão permitirá ao educador desenvolver “competências metacognitivas que lhes permitam conhecer, analisar, avaliar e questionar a sua própria prática docente, assim como os substratos éticos e de valor a ela subjacentes” (García, 1999, p.153) e a “crítica reflexiva, [proporcionará] ao educador instrumentos de análise que lhe permitam uma maior compreensão do seu trabalho” (Cardona, 1999, 138).

Todas estas intenções dizem respeito tanto à creche como ao jardim-de-infância, uma vez que são comuns a todas as crianças.

4.1. Creche

Especificamente sobre o contexto em creche, considero que como base está o desenvolvimento de relações de confiança entre a criança e o adulto. Sendo fundamental que o educador proporcione um ambiente acolhedor e propício à exploração e descoberta do mundo por parte da criança. Segundo Portugal (2012) existem algumas necessidades que devem ser asseguradas, e as quais pretendo seguir

como futura educadora: a necessidade física, a necessidade de afeto, a necessidade de segurança, a necessidade de reconhecimento e afirmação, a necessidade de se sentir competente e a necessidade de significados e valores. Através da satisfação destas necessidades estarão reunidas as condições básicas para o bom crescimento e desenvolvimento das crianças. Ainda neste sentido, e segundo a mesma autora, é importante que a ação pedagógica do educador em contexto de creche passe pela promoção do desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima, do desenvolvimento da curiosidade e ímpeto exploratório e do desenvolvimento do autocontrolo através da competência social e comunicacional.

De acordo com Formosinho (2006), “ Como a maior parte da aprendizagem feita durante os primeiros anos, as competências sociais são aprendidas e reforçadas principalmente através de processos interactivos” (p. 80), como tal e indo novamente ao encontro das teorias construtivistas, será através da interação – com o meio e com os pares – que a criança irá desenvolver.

Deste modo, como futura educadora é meu dever, no contexto de creche, proporcionar às crianças momentos de exploração ativa, promover a independência na movimentação e conseqüentemente o aumento da autonomia, facultar situações desafiadoras e auxiliar na resolução de problemas sendo que “caberá a cada profissional da creche compreender formas diversas de assegurar a progressão das finalidades educativas” (Portugal, 2012). Posto isto, as minhas intenções para a prática pedagógica em creche passam por:

- Proporcionar experiências de exploração sensorial;
- Fomentar interações entre pares;
- Promover a autonomia das crianças;
- Proporcionar momentos individualizados com a criança;
- Melhorar as competências verbais.

4.2. Jardim-de-infância

Relativamente ao contexto em jardim-de-infância, creio que devem ser criados momentos de interação positiva com as crianças. Uma vez que um dos princípios que defendo é que as crianças aprendem fazendo e explorando, é dever do educador proporcionar-lhes situações de desafio, responder aos seus interesses, abordar

assuntos que sejam do agrado do grupo, dando-lhes sempre a liberdade necessária para escolherem, observarem e alcançarem as pessoas e os materiais que lhe suscitam a atenção, incentivando-os a explorar o mundo à sua volta.

Segundo Hohmann *et al.* (1995) “A sala [deve dividir-se] em áreas de trabalho bem definidas, e em cada área os materiais estão organizados logicamente e identificados com clareza, o que permite à criança atuar de forma independente e com o máximo controle possível sobre o ambiente que a rodeia.” (p. 51), como tal através das áreas disponíveis na sala, o educador deve incentivar a criança a explorá-las, isto porque esta é um sujeito ativo que aprende através da ação, possibilitando assim “uma participação ativa, na organização e no desenvolvimento das diferentes atividades desenvolvidas.” (Cardona, 1999, p.137), para tal “é fundamental a existência de uma estruturação espaço-temporal bem definida e explícita, que lhes permita um funcionamento autónomo, dentro da sala de atividades.” (Cardona, 1999, p.137), questões estas que tentei respeitar ao longo de toda a prática, mas que por vezes foram difíceis de conciliar.

O educador deve tentar, sempre que possível, observar o que as crianças estão a fazer para que as possa compreender e auxiliar se for necessário. Contudo, é importante salientar que o auxílio prestado às crianças deve ser moderado e de modo a deixar a criança aprender por si e não fazendo o trabalho pela criança, isto porque “Os adultos que andam sempre à volta das crianças, prontos a «saltar de paraquedas» ao primeiro sinal de frustração, podem privar as crianças de uma aprendizagem valiosa e oportunidades de adquirirem confiança.” (Hohmann *et al.*, 1995, p. 355). Deste modo, “Os adultos devem procurar facilitar o processo de resolução de problemas, sem o tomarem nas suas mãos” (Hohmann *et al.*, 1995, p. 355) deixando as crianças terem a capacidade de resolver os seus próprios problemas e dificuldades

Além destes aspetos, o educador deve ainda garantir, acima de tudo, que as crianças se sintam bem na sala de atividades, e cabe ao mesmo estruturar a sala da forma mais correta e funcional pois, “O arranjo da sala reflete os princípios educativos dos adultos responsáveis por essa sala de atividades.” (Hohmann *et al.*, 1995, p. 51).

Entretanto, penso que para uma prática eficiente, orientada e mais centrada deve ter-se também em conta os objetivos pedagógicos definidos nas OCEPE (1997), como por exemplo: promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências da vida democrática; fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos; desenvolver a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas;

despertar a curiosidade e o pensamento crítico; entre outros. Deste modo, concordo que o educador deverá encorajar as crianças a explorar o ambiente e a expressarem-se de diversas formas, através de palavras, movimento, desenho, pintura, modelagem, colagem, jogo dramático, música, entre outros (Lino & Niza, 2013). Sabendo ainda que

“A criança em idade pré-escolar começa por tornar-se capaz de refletir sobre os seus próprios atos, de evocar a experiência passada, de prever consequências em sequências habituais de causa-a-efeito, de resolver mentalmente certos tipos de problemas quotidianos, sem se apoiar exclusivamente no processo físico de tentativa e erro, e de pensar em lugares e tempos para além do aqui e agora.” (Hohmann *et al.*, 1995, p. 15)

como futura educadora pretendo incentivar as crianças a saber observar, a saber colocar questões e a saber representar de diversas formas (as observações, ideias, memórias, sentimentos e novos conhecimentos).

Segundo Lino e Niza (2013), um dos objetivos dos educadores é criar um ambiente agradável e familiar onde crianças, educadores e famílias se sintam em casa. Assim sendo, penso que será meu dever como educadora elogiar, encorajar, dar apoio, orientar e promover a autonomia das crianças, pois acredito que são questões que irão contribuir para o desenvolvimento e progressão das mesmas.

Portanto, relativamente às intenções para o trabalho com um grupo de crianças em JI, tive em atenção as maiores fragilidades do grupo, definindo assim os seguintes objetivos:

- Valorizar o trabalho cooperativo entre as crianças;
- Respeitar as várias opiniões (respeito pelo outro);
- Promover a participação na planificação, gestão e funcionamento da sala;
- Promover a autonomia;
- Desenvolver o espírito crítico;
- Despertar a curiosidade para o mundo que as rodeia;

5. IDENTIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Ao longo da PPS em creche, surgiu uma questão que me inquietou relativamente ao comportamento do grupo de crianças. Essa inquietação manteve-se durante toda a prática em creche, pensando então que seria um bom tema para ser investigado, nomeadamente a ação que o educador pode ter para gerir os momentos em grande grupo, uma vez que era esta a maior dificuldade sentida durante a prática em creche. Contudo, visto que a PPS em contexto de creche era de menor duração, relativamente ao contexto de JI, não daria tempo de fazer o estudo. Assim sendo, teria de decidir apenas na PPS em JI que tema iria abordar e investigar.

Quando se iniciou a prática em JI, ao longo das primeiras semanas, deparei-me precisamente com a mesma dificuldade sentida anteriormente em creche – de que forma pode o educador gerir os momentos em grande grupo. Sabendo que “À medida que a criança cresce e passa mais tempo na escola, o efeito do conhecimento das emoções sobre um comportamento socialmente adaptado torna-se cada vez mais importante” (Santos & Veríssimo, 2008, p.466), durante a intervenção em JI, uma vez que o grupo em questão era muito falador e agitado, não sabendo respeitar as regras de sala nem o educador quando este falava, foi por vezes difícil controlar o comportamento das crianças.

Mais uma vez, durante o planeamento da manhã, senti dificuldades em fazer-me ouvir, como o grupo é muito falador, na maioria das vezes não consigo fazer com que me ouçam, até porque o grupo não respeita as regras que vou tentando impor.

Nota de campo – 12 de março e 2015

Após uma conversa com a supervisora institucional, que concordou ser um tema possível de abordar e investigar, decidi então que este seria um tema interessante para estudar - A Ação do Educador na Gestão dos Momentos em Grande Grupo. Uma vez que se trata de um tema muito presente e que me causou dificuldades e obstáculos tive um interesse especial em encontrar soluções para o resolver, considero assim que este se trata de um tema relevante para análise e reflexão.

Assim sendo, ao longo da PPS em JI, foram alguns os momentos “ em que as crianças «nos põem à prova». Necessitam de ver se os adultos estão seguros ou

inseguros, qual a sua capacidade de resposta, de atuação, de resolução dos problemas” (Reyes, 2010, citado por Catarina Fonseca, 2013, p.26), portanto foi necessária a implementação de algumas estratégias de forma a “controlar” o comportamento do grupo, tornando-se estas imprescindíveis ao longo da prática. Foi ainda passado aos pais um inquérito de forma a recolher afirmações relativas ao comportamento dos filhos fora do jardim-de-infância (anexo X).

5.1. “Assim ninguém se entende!” - Comportamento do grupo

De acordo com Fonseca e Rosa (2015) “Inúmeros são os desafios que se colocam, diariamente, a um profissional de educação; sendo que, no início de carreira, existe um que se configura muito frequente: a dificuldade de gestão das dinâmicas de grande grupo.” (p. 116), este desafio definiu de certa forma toda a minha intervenção durante a PPS, como tal considero necessário ir ao fundo da questão de modo a tentar encontrar soluções para este obstáculo.

Irei, de seguida, clarificar o que entendo por comportamento e gestão do grupo, com base no que considero ser o comportamento espetável nas idades do grupo em questão (3 e 4 anos) e ainda qual a atitude que, para mim, deve ser tomada pelo educador na gestão do grupo de crianças.

Mas, em primeiro lugar, apoiando-me na perspetiva psico-social de Erickson (1976, citado por Rosa, 1994), a criança que frequenta a educação pré-escolar, encontra-se apta para partir à conquista das grandes definições psicossociais do seu Eu. Estas poderão ser: a aceitação de si mesma numa dimensão psicossocial, enquanto rapaz ou rapariga e a experimentação dos comportamentos e sentimentos associados a essa definição. Ao assumirem competências, as crianças fazem-no sobretudo à custa de processos de identificação com "protótipos ideais", com maior relevância para os pais, educadores e outros adultos, onde as crianças vão buscar a legitimação dos comportamentos psicossociais e a definição de controlos morais que são assumidos como relevantes.

Nesta faixa etária é possível alargar temáticas para além da experiência imediata da criança consigo própria: a casa, a família, o meio físico e social próximo, acontecimentos do quotidiano, projetos vários, etc. As crianças começam a desenvolver um interesse pela comunidade e pelo mundo para além de si próprias (Rosa, 1994).

Relativamente ao comportamento, o que contava encontrar quando iniciei a PPS em JI difere muito do que realmente encontrei. Com base no meu percurso académico, de acordo com o que aprendi, é importante compreender a importância dos momentos em grande grupo, para tal é relevante voltar a mencionar a teoria construtivista, mais especificamente o construtivismo social que está ligado entre outras, às teorias desenvolvidas por Vygotsky. Para este autor, citado por Costa (2007),

“Cada função do desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro no nível social e depois no nível individual; ou seja, primeiro entre as pessoas (interpsicológica) e depois no interior da criança (intrapsicológica). Tal aplica-se igualmente à atenção voluntária, à memória lógica e à formação de conceitos. Todas as funções superiores têm origem nas relações reais entre os indivíduos” (p. 90).

Continuando, o autor explica que “Vygotsky defende, portanto, a aprendizagem com base na construção de conhecimento em comunidade, a partir da colaboração e interação entre os indivíduos. O contexto social é, pois, um aspecto importante e determinante na aquisição e construção de saber.” (p. 91), neste sentido, os momentos em grande grupo e de interação contribuem para “um ambiente favorável a uma multiplicidade de perspectivas”.

Após compreender a importância dos momentos de grupo e de interação, e voltando-me para a problemática que defendo, considero que nestes momentos, nomeadamente no início do dia - no planeamento – as crianças, antes de mais, devem saber respeitar as regras da sala de atividades, compreende-las, interioriza-las e aceita-las. Como tal, quando estas estão sentadas à mesa em grande grupo, devem saber estar em silêncio, devem participar na conversa, expressar a sua opinião, mas que o façam quando é oportuno, ou seja, quando é solicitado, não falando enquanto o educador ou outra criança falam, que espere pela sua vez de intervir e que coloque o braço no ar para poder falar. Para tal, é importante que a criança tenha consciência da sua posição no grupo, que respeite as opiniões dos colegas e que haja compreensão do outro e consideração pelo próximo. Posto isto, o que encontrei, quando se iniciou a semana de observação em JI, foi um grupo “bem-disposto”, interessado, curioso e muito comunicativo, e que conseqüentemente são muito faladores e participativos. No entanto, estas principais características remetem ao principal desafio sentido neste

grupo: como levar cada criança a entender a necessidade de ouvir, respeitar o que o outro diz, falar quando for a sua vez, compreender e interiorizar as regras, e ter noção do seu lugar nos momentos em grande grupo, de modo a favorecer a comunicação entre todos os elementos do grupo, quer seja entre educador-criança como entre os pares. Estas são questões que considero elementares para um bom funcionamento nos momentos em grande grupo. Quero com isto dizer que, como se trata de um grupo muito falador, torna-se por vezes difícil que o grupo faça silêncio ou que fale uma criança de cada vez. Portanto, torna-se complicado o educador falar e por vezes é quase impossível a comunicação entre o educador e o grupo:

Hoje durante uma atividade em grande grupo, o grupo estava tão agitado e tão falador que tive de parar a explicação da atividade e esperar que o grupo resolvesse fazer silêncio.

Nota de campo – 11 de março de 2015

Neste sentido, o que acontecia muitas vezes durante os momentos em grande grupo eram situações de confusão, em que todas as crianças falavam ao mesmo tempo e alto (uma vez que todas se queriam fazer ouvir), tornando difícil a comunicação por parte do educador e até mesmo entre as próprias crianças. Aliada a esta situação acrescia o facto de o grupo não respeitar as regras quando o educador pedia silêncio ou que falassem um de cada vez:

Tem sido difícil inculcar regras no grupo, apesar de já existirem regras de sala, tenho percebido que raramente o grupo as respeita e quando se pede silêncio ou quando se pede que fale um de cada vez, o grupo não entende e continua com a mesma atitude.

Nota de campo – dia 12 de março de 2015

Porém, para que o comportamento do grupo de crianças se enquadre no que foi acima referido, é importante que o educador saiba geri-lo e que tenha um papel mediador durante os momentos de reunião, pois para que um grupo sirva de apoio e estímulo à aprendizagem e desenvolvimento de todos os seus elementos, é necessário que o educador saiba ouvir, saiba observar e esteja atento a cada criança, de forma a potencializar o saber de cada um. Assim, e em primeiro lugar, julgo que os momentos

de grande grupo devem ter uma duração que se enquadre nas suas capacidades de atenção, concentração e participação. Deste modo, evita-se que as crianças fiquem saturadas de estar sentadas e que acabem por dispersar a atenção. Segundo Rosa (1994), as crianças mostram uma crescente habilidade em prestar atenção por um tempo mais longo e em grupos maiores se o assunto tem significado para eles. Portanto, caso o assunto não seja do interesse do grupo, este poderá desanimado e por consequência com menores picos de concentração, mas caso o tema vá ao encontro dos interesses das crianças, estas conseguem prestar atenção por um período mais extenso. Como tal, “A gestão do tempo, quando não é suficientemente definida e explicitada, passa a ser apenas do domínio do educador, tendo como consequência o não corresponder às verdadeiras necessidades das crianças” (Cardona, 1999, p. 137), assim cabe ao educador fazer uma boa gestão do tempo em grande grupo de forma a serem respeitadas as necessidades e interesses das crianças, levando assim ao aproveitamento destes momentos. Outro aspeto também relevante, e levemente referido acima, diz respeito aos temas abordados nos momentos em grande grupo e à participação que a criança tem nesses mesmos momentos. Quero com isto dizer que, o educador deve “Fazer com que as crianças participem, tanto quanto possível, no planeamento de tempo do trabalho em círculo. Perguntar-lhes o que gostariam de fazer, elaborando talvez uma lista numa grande folha de papel, à medida que forem apresentando as suas preferências.” (Hohmann et al., 1995, p. 133), deste modo o educador estará a valorizar a opinião da criança e a responsabilizá-la pelas decisões que toma. Hohmann (1995) refere que devem ser as próprias crianças a decidir a forma como vão passar o dia e os momentos de trabalho, cabendo ao educador encorajar a criança a expressar o que realmente gostaria de fazer. Caso o educador menospreze a participação da criança, este criará “situações de grande grupo com interações adulto-criança de fraca qualidade.” (Folque p.100), provocando assim o desinteresse da criança pelos momentos em grande grupo. Para Cazden (2001, citado por Folque, 2014) o “pouco envolvimento intelectual das crianças e [a] grande predominância do adulto”, por exemplo nas conversas realizadas nos momentos de grande grupo dará origem a “uma estrutura «seca» de interação.” (p.100). Portanto, no meu ponto de vista, o papel do educador na gestão dos momentos de grande grupo passa muito por tentar ir ao encontro dos interesses das crianças, respeitar o que é sugerido por elas e incentivá-las a participar. Para Post e Hohmann (2007), “os educadores proporcionam os materiais e as experiências que permitem que as crianças persigam os seus interesses

em vez de tentarem estimular ou sobrecarregá-las com as coisas pelas quais os adultos gostariam que as crianças se interessassem.” (p.83), pois isso levará ao descontentamento e frustração da criança. Todavia, para que haja uma boa gestão, é preciso ter em conta muito mais do que apenas os interesses das crianças, é também necessário que o educador em conjunto com as crianças estipule regras de sala de aula e que as relembre frequentemente como algo criado pelas próprias crianças e que devem ser respeitadas. Este aspeto relativo às regras será desenvolvido mais à frente.

Após a clarificação do que considero ser o comportamento e a gestão dos momentos em grande grupo, é importante referenciar que associados aos conceitos de comportamento e gestão existe ainda outro termo que considero importante clarificar: a disciplina. Quando se refere comportamento, gestão e, eventualmente, controlo do grupo, o pensamento é rapidamente remetido para postura da criança e conseqüentemente pensa-se em disciplina.

Julgo que a disciplina é uma das bases para que exista uma boa aquisição de aprendizagens e experiências, principalmente se estas forem feitas em momentos de grande grupo. Uma vez que “O tempo de trabalho em círculo é a oportunidade de todas as crianças participarem num grande grupo, partilhando e demonstrando as suas ideias e pondo em prática ou imitando as ideias dos outros.” (Hohmann et al., 1995, p. 130), é importante que a forma como as crianças se comportam em grupo (com base no que defini ser, para mim, o comportamento) seja a mais adequada permitindo que se façam ouvir os intervenientes e que se respeite o que estes dizem. Para tal, é crucial que o grupo de crianças tenha como referência regras básicas que levam ao encontro da disciplina e do “bom comportamento”. Essencialmente, a disciplina tem como objetivo maior promover sentimentos de autocontrolo, de reconhecimento dos sentimentos, de perceção dos sentimentos dos outros, de desenvolvimento de um sentido de justiça e de altruísmo (Brazelton & Sparrow, 2009), pois estas são capacidades que facilitam a aquisição das regras de “bom comportamento” e que por conseguinte farão com que os momentos em grande grupo tenham um ambiente favorável para a aquisição de conhecimentos e aprendizagens. Para que seja bem esclarecido, é necessário ter em atenção que “a disciplina tem a ver com o ensino e não com a punição” (Brazelton & Sparrow, 2009, p.13), portanto aqui entende-se disciplina como uma capacidade que permitirá ao grupo saber estar e saber respeitar os momentos em grande grupo, questão elementar da minha problemática.

Logo, sabendo como se caracterizava o comportamento das crianças nos

momentos em grande grupo, ou seja, como estas agiam e o facto de não respeitarem as regras solicitadas pelo educador, e sabendo ainda no que se baseia, para mim, a gestão do grupo, tentei perceber que regras existiam na sala e se estas eram ou não frequentemente referidas. Durante a semana de observação reparei que estavam afixadas algumas regras de sala, numa das paredes da sala de atividades, relativamente alto (acima da visão da criança) e em folhas A4.

Ao observar a sala, a exposição dos materiais pela sala e a exposição de instrumentos de trabalho, reparei que existem regras de sala estabelecidas, no entanto estão em folhas pequenas e muito acima da visão das crianças, questionando-me se será adequado o local onde elas estão afixadas.

Nota de campo – 24 de fevereiro de 2015

Nessa mesma semana, numa conversa informal, questioneei a educadora cooperante se as regras expostas tinham sido criadas com as próprias crianças ou se já estavam pré-estabelecidas pela própria. A educadora prontamente explicou que tinham sido criadas no início do ano letivo com o grupo de crianças, tendo sido as mesmas a sugerir as regras. Estas foram posteriormente escritas pela educadora e ilustradas pelas crianças. Fazendo uma breve análise, julgo ter sido importante serem as crianças a sugerir as regras que achavam relevantes para o funcionamento da sala de atividades, contudo relativamente à exposição das mesmas (numa parede, a uma altura considerável e em folhas A4) no meu entender, estas deveriam ter sido colocadas num ponto estratégico da sala, a altura das crianças e bem visíveis para que as mesmas, mesmo não sabendo ler, reparassem nelas e se lembrassem que existiam regras da sala, até porque estavam ilustradas pelas próprias crianças sendo este um meio de comunicação para elas. Uma vez que para Coelho e Tadeu (2015), o educador, uma vez que é um agente educativo, tem o dever de criar um ambiente de qualidade, sendo que a organização do ambiente educativo deve ser feita de forma intencional, cabendo portanto ao educador ter intencionalidade em tudo o que faz dentro da sala de atividades, desde a organização das áreas na sala até à disposição de materiais e trabalhos. Relativamente à frequência com que eram mencionadas as regras, esta era essencialmente feita por parte dos adultos dizendo às crianças o que estavam a fazer de errado em determinada altura:

Durante um momento em grande grupo, enquanto estavam a planear o dia, a educadora ao perguntar o que queriam fazer, todas as crianças começaram a falar ao mesmo tempo, não se percebendo o que estavam a dizer. A educadora insistiu várias vezes para que o grupo fizesse silêncio e que falasse um de cada vez. O grupo não ouviu a educadora e continuou a falar.

Nota de campo – 23 de fevereiro de 2015

No entanto, penso que, o educador ao lembrar a criança “Não grites!”, “Não batas no colega!”, “Deixa o colega acabar de falar!”, apesar de estar a inculcar regras, não as relembrou que são regras da sala, propostas pelas próprias crianças e explicando que não as estavam a respeitar, questão que acho fundamental quando se propõe regras de sala, para que as crianças entendam a sua importância e as respeitem como tal. Inclusive, o próprio educador, nos momentos de incumprimento das regras da sala deveria abordar a criança, lembra-la das regras que criaram em conjunto, questionar a criança qual a atitude mais correta a tomar, de acordo com as regras da sala, e em conjunto encontrar uma solução para modificar o comportamento, portanto “a nossa função, enquanto adultos de referência, passa, sem dúvida, por auxiliar a criança a construir a sua própria disciplina.” (Fonseca & Rosa, 2015, p.168)

Em relação às regras propostas pelas crianças no início do ano-letivo, estas abrangiam vários domínios, desde a não-violência, à gestão correta dos materiais da sala e ao comunicar de forma correta. Aqui serão então apresentadas as regras de sala elaboradas pelo grupo:

1. Não bater nos colegas;
2. Falar um de cada vez;
3. Não gritar;
4. Arrumar sempre os materiais;
5. Respeitar o que os adultos dizem;
6. Arrumar a área antes de mudar para outra área;
7. Não dizer asneiras;
8. Não fazer disparates.

Dentro deste grupo de regras existiam de facto algumas que ao serem respeitadas facilitarão os momentos em grande grupo, nomeadamente) a 2ª, a 3ª e a 5ª. Estas dizem respeito à forma de estar das crianças para que haja um bom funcionamento na sala de atividades, até porque “A existência de regras concretas, explícitas e funcionais

constitui, assim, um instrumento precioso na regulação da vida social do grupo” (Carita & Fernandes, 1997, citado por Fonseca & Rosa, 2015, p.169). Contudo, era evidente que tais regras não eram respeitadas nem tidas em consideração pelo grupo.

Após caracterizar o comportamento do grupo de crianças e de referir as regras existentes na sala, considerei que para iniciar o meu estudo, deveria começar por lembrar as regras, criar mais algumas, específicas para os momentos em grande grupo, e ainda inserir estratégias que gerissem melhor os momentos de maior desordem.

5.2. “Vamos fazer um jogo!” - O papel do educador

Segundo Machado e Simões (2015) “Apesar de uma relação pedagógica ser pautada pela presença de afetos e sentimentos positivos, as crianças necessitam de ver no adulto alguém que seja firme nas suas decisões e que imponha limites quando necessário” (p. 202). Esta questão incitou, ao longo da intervenção e em parte por incentivo da educadora cooperante, a necessidade de me afirmar perante o grupo, mostrar firmeza e impor o meu papel como futura educadora, levando-me a estabelecer limites e regras que considerei essenciais ao longo de toda a prática. Para Carita e Fernandes (1997, citado por Fonseca, 2013), deve haver o reconhecimento da importância das competências do profissional de educação na gestão do grupo, sendo este um “meio de promoção de um bom clima para a aprendizagem e socialização” (p.32), pois se o educador não tiver capacidades para gerir o grupo, o clima acabará por ser prejudicado e será difícil que grupo adquira quaisquer conhecimentos.

Situação complicada com o grupo pois andam muito agitados, a comportarem-se mal e não tenho querido impor-me demais ao grupo. A Rute teve de intervir e disse-me para não ter medo de me impor e ser mais firme com o grupo.

Nota de campo – 27 de Abril de 2015

Na minha ótica, e como já referi no ponto anterior, a capacidade de gestão do grupo de crianças por parte do educador passa em parte por saber delinear regras, fazê-las prevalecer, dando a devida importância às mesmas e se necessário encontrar estratégias que facilitem a aprendizagem dessas regras melhorando a forma de estar do grupo, porque

“As crianças reconhecem e cumprem regras; porém, a tentativa de as testarem e de a elas se sobreporem, está muito presente no quotidiano das interações, sendo o papel do adulto fundamental no sentido de moderar os conflitos e as tentativas de incumprimento ou desrespeito.” (Machado & Simões, 2015, p. 202).

Assim sendo, após identificar qual a atitude que, a meu ver, deve ser tomada pelo educador relativamente á gestão do grupo, identifiquei de seguida duas regras que acrescentei àquelas que já tinham sido definidas pela educadora cooperante para que os momentos em grande grupo não fossem tão desordeiros. A primeira regra diz respeito aos momentos em que as crianças querem falar, uma vez que (como já foi referido anteriormente) todas falavam ao mesmo tempo, não respeitando uma das regras já existentes – falar um de cada vez – propus às crianças que sempre que quisessem falar pusessem o braço no ar. Esta é uma das regras mais comuns, quando pensamos em regras de sala de aula, porém o grupo não tinha o hábito de o fazer. Ao propor esta regra, as crianças concordaram em adotá-la:

Hoje sugeri a regra de por o braço no ar quando quisessem falar, pois tenho percebido que o grupo não tem esse hábito. Ao colocar a ideia, o grupo rapidamente aderiu e as crianças começaram logo a por o braço no ar porque queriam falar.

Nota de campo – 13 de abril de 2015

Todavia, apesar de se ter estabelecido esta regra e de, de facto, algumas crianças a começarem a utilizar, continuava a persistir o problema: algumas crianças continuavam a falar sem que fosse dada permissão. Ou seja, as crianças que se lembravam da regra de por o braço no ar, apesar de a utilizarem acabavam por não conseguir falar devido ao barulho que as outras crianças causavam. Deste modo, propus uma nova regra, para que fosse dada a palavra à criança que tinha o braço no ar, todas as outras tinham de fazer silêncio. Esta regra parece óbvia, contudo o grupo não compreendia bem esta questão. Como tal, senti a necessidade de tornar esta regra um pequeno jogo que se processava da seguinte forma: sempre que um braço era levantado, o grupo tinha de se calar imediatamente. Esta situação não acontecia apenas quando uma criança queria falar, consistia em ser utilizada em qualquer situação.

Portanto sempre que se levantava um braço (fosse de uma criança ou do um adulto) todos tínhamos de fazer silêncio.

Quando impus a regra de por o braço no ar, inicialmente o grupo aderiu bem e respeitava a regra, mas ao longo da semana tenho percebido que aos poucos se esquecem da regra e voltam a falar todas ao mesmo tempo. Decidi então que era importante criar ou regra para que esta funcionasse. Por isso o grupo tinha de fazer silêncio automaticamente sempre que alguém punha o braço no ar para falar. Referi ainda que se ratava de um jogo e que a última criança a fazer silêncio perdia. Desta forma sempre que alguém queria falar e punha o braço no ar, o grupo realmente o grupo fazia silêncio.

Nota de campo – 16 de abril de 2015

Após a implementação destas duas regras e depois de ter sentido a necessidade de inventar um pequeno “jogo” para que as regras fossem cumpridas, tentei encontrar outras estratégias, tendo sempre por base uma brincadeira, de forma a gerir o grupo nos momentos de maior desordem.

Surgida a necessidade de gerir o comportamento das crianças e sabendo que não existem estratégias específicas delineadas para serem utilizadas em situações mais desordeiras, “isto porque tudo depende de muitos fatores, mas principalmente, da predisposição do grupo de crianças.” (Fonseca & Rosa, 2015, p. 168), irei apresentar algumas estratégias por mim criadas de forma a gerir os momentos em grande grupo. Sabendo que para Selman (1986, citado por Costa 2003) “estratégias de negociação interpessoal são métodos de resolução de situações” (p.216), as estratégias posteriormente apresentadas não só melhoraram as situações de confusão como também, algumas delas, agradaram o grupo na medida em que eram vistas como pequenos jogos que divertiam as crianças e que melhoravam o ambiente da sala. Brazelton e Greenspan (2009) referem que “quando a disciplina é estabelecida como uma aprendizagem e é reforçada com muita empatia e carinho, as crianças sentem-se bem por seguirem as regras” (p.189).

Posto isto, uma vez que as crianças “Necessitam de ver se os adultos estão seguros ou inseguros, qual a sua capacidade de resposta, de atuação, de resolução dos problemas” (Reyes, 2010, citado por Fonseca, 2013, p. 26), as estratégias que serão de seguida inumeradas, foram a forma que encontrei para lidar com a dificuldade sentida

na gestão dos momentos em grande grupo e tornaram-se essenciais ao longo de toda a prática.

As estratégias criadas não só faziam com que o grupo fizesse silêncio em determinado momento, como também que todas as crianças ficassem quietas sempre que necessário. As estratégias a que me refiro são:

- O jogo - estátua: sempre que a palavra “estátua” era dita na sala, todos os elementos que tivessem presentes (inclusive adultos) tinham de ficar totalmente imóveis até ordem em contrário;
- O jogo - Ninguém pode mostrar os dentes”: sempre que o educador perguntava se queriam jogar ao jogo de não mostrar os dentes, todas as crianças fechavam a boca e tinham de aguentar o máximo de tempo sem mostrar os dentes ou até a ordem em contrário por parte do educador;
- A estratégia - baixar o tom de voz: esta estratégia consistia em o educador começar a falar muito baixinho quando existia mais barulho nos momentos em grande grupo e conforme o grupo baixa-se também o tom de voz, o educador elevava-o e vice-versa;
- A estratégia – apagar a luz da sala: esta estratégia que consistia em se apagar a luz da sala, que por sua vez ficava mais escura, provocando surpresa nas crianças e fazendo-as parar automaticamente o que estavam a fazer.

A primeira estratégia – o jogo da estátua – começou por ser inserido numa sessão de expressão motora e consistia em ficar completamente imóvel sempre que o educadora dizia estátua, só podendo voltar a mexer-se quando o educador desse permissão. Este pequeno jogo rapidamente foi adotado na sala, uma vez que era difícil que o grupo ouvisse o educador e estivesse quieto enquanto este falava, deste modo o educador dizia a palavra estátua e todas as crianças sabiam que tinham de ficar imóveis. Neste momento era mais fácil para o educador transmitir a mensagem que queria, pois todo o grupo estava quieto e em silêncio:

O jogo da estátua tem um grande impacto no grupo, para além de este gostar muito da brincadeira, realmente resulta porque o grupo de facto fica quieto e em silêncio. Portanto sempre que sentia necessidade de transmitir alguma coisa ao grupo, dizia “estátua” e o grupo rapidamente fazia silêncio.

Nota de campo – dia 6 de maio de 2015

A segunda estratégia – o jogo “Ninguém pode mostrar os dentes” surgiu num momento em que estava a ter maior dificuldade em que o grupo fizesse silêncio e sugeri que ninguém podia mostrar os dentes e queria ver quem aguentava mais tempo. O grupo rapidamente aderiu à brincadeira e divertiam-se a fazê-la uma vez que tinham de fazer um grande esforço para não rir, pois caso o fizessem perdiam o jogo. Nos momentos em que era feito o jogo, rapidamente se instalava o silêncio na sala, e era aproveitado para o educador comunicar com o grupo. Só o educador dizia quando podiam voltar a mostrar os dentes.

Tenho feito frequentemente um jogo com o grupo que consiste em não mostrar os dentes até que eu diga o contrário. Tenho feito este jogo porque nos momentos em grande grupo e também durante os momentos em que se faz o comboio o grupo fica muito barulhento. Este jogo faz com que o grupo fique em silêncio durante algum tempo até que o jogo acabe. É interessante perceber o quanto o grupo gosta deste jogo, pois acham graça ao facto de fazerem um grande esforço para não rir porque se o fizerem vão mostrar os dentes:

Nota de campo – 12 de maio de 2015

A terceira estratégia - baixar o tom de voz - foi aprendida com uma professora da licenciatura em Educação Básica e que consistia em o educador falar muito baixinho sempre que houvesse mais barulho. Esta ação faria com que o grupo comesçassem instintivamente a falar também mais baixo para que conseguissem ouvir o educador. Sempre que isso acontecia o educador voltava a elevar o tom para se fazer ouvir normalmente. Caso voltasse a haver barulho por parte do grupo, o educador diminuía novamente o tom de voz, e assim sucessivamente.

Hoje enquanto fazia o plano do dia com o grupo, uma vez que as crianças estavam todas a conversar, comecei a falar muito baixinho sobre o que iríamos fazer durante o dia. A maioria das crianças não me ouvia, mas as crianças que estavam ao mesmo lado estando mais perto, ouviam algumas coisas. Para que me conseguissem ouvir na totalidade, as crianças que estavam ao meu lado, baixinho, diziam aos colegas que tinham também de falar mais baixo porque assim não me conseguiam ouvir. Os restantes colegas assim fizeram, aos

poucos foram baixando o tom de voz para me poderem conseguir ouvir.

Nota de campo – 7 de abril de 2015

Por último, a estratégia - apagar a luz da sala - foi sugestão da educadora cooperante que a costumava usar quando precisava. Contudo esta era a menos usada por mim, uma vez que só a utilizava em casos extremos, por exemplo, quando nenhuma das outras estratégias funcionava. Esta estratégia consistia em apagar a luz da sala quando houvessem momentos de grande confusão. Ao fazer este gesto, as crianças ficavam bastante surpresas e conseqüentemente paravam o que estavam a fazer e ficavam em silêncio. Só era possível utilizar esta estratégia porque uma a sala tinha pouca luz natural, ou seja, haviam cortinas na sala que tapavam a claridade proveniente da rua.

Hoje perto da hora do lanche a educadora disse às crianças para começarem a arrumar as áreas em que estavam a para posteriormente fazerem fila. Alguns minutos depois de ter dado a ordem, a educadora reparou que as crianças continuavam a brincar. Entretanto a educadora dirige-se á porta e desliga a luz da sala, ficando a sala mais escura. Reparei que neste momento todas as crianças pararam o que estavam a fazer e ficaram imóveis e em silêncio a olhar para a educadora. A educadora aproveitou este momento para chamar a atenção do grupo uma vez que não a tinham ouvido da primeira vez.

Nota de campo – 11 de maio de 2015

Todas as estratégias acima explicadas foram de extrema utilidade uma vez que resultavam na gestão dos momentos em grande grupo. Os resultados da implementação destas estratégias serão apresentados no ponto seguinte.

5.3. “A brincar é que se aprende!” - Resultados

Como referido nos pontos anteriores, para que haja uma boa gestão dos momentos em grande grupo, são necessários reunir certos requisitos, não só relativamente ao comportamento do grupo mas também relativamente ao papel do educador. No meu ponto de vista, uma das bases para a resolução dos problemas de

comportamento é o estabelecimento de regras logo desde o início, contudo não basta apenas defini-las é também necessário que o grupo as interiorize, para que ao longo dos vários momentos do dia, as crianças saibam agir em conformidade com o meio social. Neste aspeto, “os professores podem ajudar as crianças a adquirirem um comportamento adequado tornando-lhes claro aquilo que se espera delas de uma forma direta e clara” (Formosinho et al., 2006, p. 27). Portanto, a compreensão das regras de funcionamento da sala fará com que as crianças saibam estar e saibam agir socialmente, contribuindo para a formação pessoal e social da criança e para a sua inserção na cidadania, até porque

“Uma educação infantil que garanta a cidadania às crianças requer propostas pedagógicas que as reconheçam como sujeitos que se expressam sobre o mundo de maneira peculiar, na interação com os elementos da natureza e da cultura, com outras crianças e adultos.” (Agostinho, 2014, p. 1138).

Para Costa (2007) o desenvolvimento cognitivo do sujeito está diretamente relacionado com o seu desempenho em sociedade e o modo como este interage e comunica com ela. Uma vez que as regras são uma forma das crianças saberem estar e saberem agir socialmente, pode-se afirmar, de acordo com o mesmo autor, que a aprendizagem acontece primeiro em sociedade e só depois tem impacto ao nível dos processos cognitivos do indivíduo.

Uma vez que o educador tem um papel fundamental na preparação da criança para a sociedade, e sabendo que na “educação de infância se valorizam, preferencialmente, as aprendizagens das crianças na interação com os seus pares, na ação direta com os materiais, na apropriação que elas fazem do espaço sempre que agem sobre ele” (Mesquita, 2014, p.118) é dever do educador preparar a criança o seu futuro como cidadão. Deste modo, “As crianças têm “voz” porque têm opiniões, ideias, experiências, sentimentos a nos dizer. Importa, então, que queiramos ouvi-las.” (Agostinho, 2014, p.1130). Para tal, mais especificamente para os momentos em grande grupo, é preciso compreender a importância que o educador tem na mediação das conversas entre o grupo, dando a palavra a quem quer intervir, desde que este se comporte de forma adequando respeitando as regras existentes, e estimulando as crianças a exporem aquilo que pensam, porque “Aquilo que as crianças dizem e produzem coloca em evidências as suas ideias, os seus interesses, os seus saberes e

as suas necessidades” (Mesquita, 2014, p. 119), como tal, o educador ao valorizar a criança e os seus pensamentos, está a fornecer á criança a autoestima necessária para que vá construindo o seu pensamento critico. “Para escutar a voz das crianças, o ambiente pedagógico deve promover interações humanizantes, de respeito e segurança, que permitam a participação e comunicação entre todos” (Mesquita, 2014, p. 119), só assim a criança adquirirá aprendizagens significativas e predominantes para o seu futuro, até porque “os adultos têm uma oportunidade única para contribuir para os processos de construção de uma sólida base para a aprendizagem social da criança.” (Formosinho, 2006, p. 47)

Agora, sabendo que “Um dos objetivos principais das estratégias de orientação e de estabelecimento de limites é ajudar as crianças a atingirem um controlo dos impulsos internos” (Formosinho, 2006, p. 28), quando penso nos resultados da implementação das estratégias, acredito que estas foram preponderantes e assertivas, na medida em que, aos poucos, ao longo das semanas de estágio, as estratégias surtiram efeito, uma vez que o grupo tinha um maior autocontrolo e uma maior compreensão das regras.

Tenho sentido nas últimas duas semana que a atitude do grupo mudou, tenho sentido que estão mais calmos nos momentos em grande grupo, mais respeitadores a nível das regras e concentrados quando se dão estes momentos.

Nota de campo – 18 de maio de 2015

Hoje aconteceu uma situação interessante durante a avaliação ao fim do dia. Quando estávamos a fazer a avaliação do plano do dia, o grupo estava a conversar, entretanto uma das crianças disse “Vamos jogar! A partir de agora ninguém pode mostrar os dentes!”. A criança em questão era a única que estava calada, á espera de fazer a avaliação. Esta percebendo que o grupo não estava a prestar atenção, tomou a iniciativa de propor o jogo, para que desta forma o grupo fizesse silêncio. No fim, a criança em questão disse-me “Não te preocupes que sempre que eles não estiverem a ouvir eu faço o jogo de não mostrar os dentes, assim eles calam-se!”.

Nota de campo – 25 de maio de 2015

Hoje, quando estávamos a fazer uma atividade de grupo, em que observávamos uma experiência, todas as crianças estavam a comentar o que estava a acontecer. Uma delas em particular, queria fazer um comentário, mas como estavam a falar todos ao mesmo tempo, ela não se conseguia fazer ouvir. A criança em questão tomou então a iniciativa e disse bem alto “Estátua!”. Rapidamente todos os elementos do grupo ficaram imóveis, como tal a menina responde “E agora, já posso falar?”. Esta atitude leva-me a pensar que o grupo já vai tendo algum autocontrolo e iniciativa para que as regras sejam respeitadas.

Nota de campo – 30 de abril de 2015

Estes exemplos referidos, ilustram a forma como as próprias crianças lidavam com o seu comportamento ou incumprimento das regras, sendo as próprias a utilizar as estratégias para se autocontrolarem sem que fosse necessária a intervenção do educador. Estas observações levaram-me a perceber que as estratégias impostas trouxeram benefícios ao grupo e melhoraram a forma de estar do mesmo. Contudo é importante referir que as estratégias aqui expostas podem não se adequar a todos os grupos e devem ser alteradas consoante as individualidades e características dos mesmos, uma vez que “não existem fórmulas simples e facilmente aplicáveis que resolvam as complexidades próprias do ensino de crianças pequenas.” (Formosinho, 2006, p.47)

Ainda em relação as estratégias que foram por mim utilizadas e que considero terem sortido feito no grupo é necessário referir que, uma vez que não acompanhei o grupo para além do tempo de prática, não sei ao certo até que ponto estas estratégias realmente alteraram, ou não, o comportamento do grupo.

Na tentativa de perceber como os pais identificavam o comportamento dos seus filhos e como resolviam os problemas comportamentais na família, elaborei um pequeno questionário para passar aos pais. Levando em consideração a caracterização que apresentei das famílias, pais cuja língua materna não era o português e o baixo nível de escolaridade, elaborei o questionário só com quatro questões, recorrendo, em três questões, a sugestões de comportamento que se poderiam verificar, e noutra uma resposta aberta.

Dos 18 inquéritos entregues, apenas me foram devolvidos 6. Uma vez que não são um número significativo de repostas, ou seja, não correspondem sequer á maioria dos pais, não foi possível levar em consideração os questionários respondidos. Esta

situação, ilustra também, a dificuldade que senti ao longo da prática, no estabelecimento da relação com os pais, sendo difícil a partilha de informações sobre a vida dos filhos no jardim-de-infância. O pedido para responder ao questionário não foi sentido pelos pais como importante e por consequência, a maioria dos pais não lhe deram relevância.

Refletindo à distância considero que a forma de os inquirir não foi a mais adequada, e no futuro deverei procurar outra estratégia, como por exemplo, em vez de responderem ao questionário em casa, fazê-lo comigo, em que eu preenchia as questões, fazendo uma conversa, que poderia ser tratada como uma entrevista.

No entanto, dos questionários respondidos, alguns pais referiram que os filhos, relativamente ao comportamento, eram calmos mas desobedientes, que as estratégias que utilizavam para lidar com a situação passava por conversar com o filho, ralhar e pôr de castigo e por último a reação das crianças aos atos dos pais era chorar ou ignorar o que era dito.

É interessante perceber que o comportamento que este pequeno grupo de pais caracterizou enquadra-se nos comportamentos por mim observados, o que me leva a perceber, que esta informação teria sido relevante quando comecei a pensar na problemática que trato no relatório. Teria percebido melhor os comportamentos individuais que se apresentavam no momento de grande grupo. Poderia também, incluir os pais, apesar das dificuldades sentidas, nalgumas estratégias de aprendizagem do autocontrolo. Vejo agora, que desta forma seria possível fazer uma avaliação das ações pensadas para o desenvolvimento do estudo de forma mais objetiva.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este último capítulo será uma síntese sobre as experiências vividas ao longo da PPS em ambos os contextos e as aprendizagens que fiz durante todo o meu percurso. Como tal, será exposto o impacto da minha intervenção e farei uma reflexão sobre a construção da minha identidade profissional.

Para Sarmiento (2012), a “formação de professores constitui uma estrutura fundamental na sua construção identitária” (p. 24), entretanto relativamente à identidade do educador, Cardona (2006) afirma que no desenrolar da história dos educadores de infância a sua identidade é:

“fruto de um processo de socialização complexo e diversificado, os diferentes tipos de identidade que podemos encontrar dentro de um mesmo grupo profissional têm em comum a partilha da consciência de serem um grupo, com uma história comum, cujos desempenhos obedecem às mesmas normas de funcionamento” (p. 92).

Considero ainda que, tal como as crianças aprendem com base nas suas próprias experiências do dia-a-dia e do contexto em que vivem, isto de acordo com as teorias construtivistas, penso que também o educador constrói os seus conhecimentos através deste mesmo sistema, através das vivências do dia-a-dia e do contexto em que se insere até porque também para Sarmiento (2012) “o processo identitário é contingente, articula-se com o tempo e com as circunstâncias” (p.25), portanto o educador está sempre em crescimento constante, o seu papel é de mudanças constantes e terá sempre aspetos a melhorar ao longo de toda a sua carreira.

É importante referir o peso que têm estes últimos quatro anos de formação. Estes deram-me as bases mais importantes para construir a minha identidade enquanto educadora mas com a consciência que essa identidade nunca será definitiva.

Agora, relativamente às 6 semanas da Prática Profissional Supervisionada no contexto de creche, sinto que deixei a minha impressão, não só junto das crianças, mas também junto da equipa educativa. Penso que a minha prática teve sempre em conta os interesses e necessidades do grupo, respeitando sempre a individualidade de cada um, apoiando o grupo, dando o melhor de mim.

Foi a primeira vez que estive em contacto, a nível profissional, com um grupo de crianças de creche e inicialmente foram muitos os receios e dúvidas, mas rapidamente, com o apoio da educadora e das auxiliares, esses receios desapareceram. No entanto, as dúvidas acompanharam-me sempre ao longo de todo o estágio, até porque há umas que são esclarecidas mas vão sempre surgindo novas, que no fundo comprovam o meu crescimento e evolução, tanto a nível profissional como pessoal também. Algo que me ajudou muito à adaptação ao grupo foi o facto de este ser tão acessível e sociável. Rapidamente consegui ganhar a confiança das crianças e aos poucos elas foram olhando para mim como um adulto de referência, algo que me deixou feliz e com um sentimento de objetivo alcançado uma vez que este era um dos meus maiores receios – o grupo não me reconhecer como um adulto de referência. Portanto, esse receio foi

mesmo ultrapassado, consegui transmitir às crianças que podiam confiar em mim e que podiam sentir-se seguras comigo, uma relação que nem sempre é fácil de se conseguir.

Outro aspeto que me surpreendeu muito foi a minha relação com a equipa educativa da sala. Senti desde a primeira semana que me integraram na equipa, olharam para mim sempre como uma educadora e uma colega, algo que me fez sentir que fazia mesmo parte daquela equipa. Todas as experiências que partilhei com esta equipa contribuíram muito para a minha formação profissional, deram-me conselhos imprescindíveis que sei que ficarão para toda a minha carreira.

Quanto ao progresso e evolução que senti relativamente ao grupo, este foi sentido essencialmente sentido no final da prática. Se o estágio tivesse uma maior duração, certamente iria notar as diferenças no grupo, a evolução e todo o progresso que fizeram. Claro que existiram progressos que fui verificando ao longo das semanas, mas penso que 6 semanas serviram para conhecer bem o grupo e que com mais tempo de estágio poderia ter alcançado muito mais com eles.

No fundo, mais do que a evolução das crianças, senti a minha evolução como futura educadora, senti que cresci juntamente com elas e juntamente com a equipa educativa. Penso que afirmei um pouco mais o meu papel de educadora durante este estágio e sem dúvida a experiência que tive nas 6 semanas de PPS em contexto de creche, com a educadora cooperante e as auxiliares de educação, fizeram de mim uma melhor profissional.

Ao longo da Prática Profissional Supervisionada em contexto de JI, julgo que deixei a minha marca no grupo de crianças com o qual tive o grande prazer de trabalhar. Ao longo da minha prática garanti sempre os interesses e necessidades do grupo, respeitando sempre a individualidade de cada um, apoiando o grupo, dando o melhor de mim a cada uma delas, uma vez que senti que também elas deram o melhor de si.

Esta foi a segunda vez que tive a oportunidade de trabalhar em contexto de JI, a primeira foi de apenas um mês, tendo sido pouco o tempo para trabalhar com um grupo. Desta segunda vez, foram quase três meses e, apesar de continuar a achar pouco tempo, foi uma oportunidade incrível para por em prática tudo o que foi aprendido ao longo de quatro anos de estudo. Contudo, seria desonesto se afirma-se que foi a melhor experiência, que aprendi tudo o que poderia aprender e até mesmo que pus em prática tudo o que queria e ambicionava.

Primeiramente, não foi a melhor experiência que tive, por um conjunto de razões que influenciaram a minha prática. Não foram muitas, mas foram suficientemente fortes para que me levassem a descuidar um pouco da minha verdadeira motivação e intenção como educadora, e me levassem a certa altura a quase desistir da prática. Essencialmente senti que ao longo da prática pus em causa diversas vezes a minha verdadeira capacidade para ser educadora e acima de tudo tive muitas dúvidas se seria esta a minha “vocação”. Contudo acho que a prática serve para isso mesmo, para nos fazer questionar e muitas vezes duvidar da nossa intenção e vocação, e muitas vezes essas dúvidas acabam por ser fortalecidas precisamente porque nos obrigamos a questionar e a refletir sobre cada passo dado. De uma forma geral foi precisamente o que aconteceu, existiram mais incertezas do que certezas e mais desmotivação do que motivação, mas que no fundo serviram para me fazer crescer e melhorar como profissional. Perto do final da prática, interrogava-me muitas vezes sobre as aprendizagens feitas na PPS neste contexto, com este grupo, nesta instituição e com a equipa educativa em questão. As frequentes reflexões levaram-me a perceber que nem sempre aprendemos e alcançamos aquilo que “queremos ser”, por vezes o facto de aprendermos aquilo que “não queremos ser” define ainda mais o nosso verdadeiro papel como educador. Essencialmente, foi este o sentimento que definiu a minha intervenção em contexto de JI.

Seguidamente, penso que o facto de não ter sido a melhor experiência, ou o facto de ter estado mais desmotivada, acabou por não permitir que eu alcançasse o que realmente queria e que me desse a mim e às crianças todas as oportunidades que merecíamos, para aprender mais e crescer melhor. Julgo que como futura educadora, poderia ter explorado muito mais com o grupo, ter feito mais atividades, mais empolgantes e desafiadoras, penso que ficou há quem daquilo que realmente poderia ter feito.

Por fim, é importante referir que apesar de não ter sido a melhor prática e a melhor experiência, não significa que não tenha sido uma boa aprendizagem, na realidade foi, no fundo o contexto em que foi realizada a PPS deu-me uma grande bagagem para enfrentar muitas situações complexas e desafiadoras que terei certamente de enfrentar no meu futuro profissional. Posso ainda dizer que todas as inseguranças e incertezas sentidas ao longo da prática fizeram-me perceber que apesar de por vezes ser difícil de continuar e de exigir muito de nós, no fim, essas questões acabam por nos fortalecer e ajudar a afirmar aquilo que queremos ser e fazer.

Relativamente à problemática, as aprendizagens adquiridas com o estudo foram essencialmente muito práticas e benéficas uma vez que me auxiliaram numa das maiores dificuldades sentidas: a gestão dos momentos em grande grupo. Deste modo, de forma a encontrar soluções que me auxiliassem a ultrapassar este desafio, acabei por delinear um conjunto de estratégias que permitiram uma melhor gestão do grupo de crianças, aplicando-as no grupo e tirando as conclusões sobre o impacto que estas tiveram no grupo de crianças. Posto isto, sinto que o balanço foi positivo uma vez que consegui encontrar soluções para as dificuldades sentidas. Contudo, tenho presente que as estratégias implementadas, apesar de terem resultado neste grupo de crianças, poderiam não resultar noutro, uma vez que cada grupo tem as suas características e individualidade. Neste sentido, outra aprendizagem foi a capacidade perceber que se devem adaptar estratégias de acordo com cada grupo.

Para além da implementação de estratégias, este estudo possibilitou que me aprofunda-se um pouco mais no comportamento das crianças e no papel do educador em gerir os momentos em grande grupo, sendo esta a maior aprendizagem.

Ao longo de toda a intervenção, o papel que o educador desempenha foi a minha maior preocupação. Com isto aprendi que “a forma como os professores planificam e dispõe o ambiente e as atividades lúdicas influenciam as oportunidades das crianças de adquirir e praticar competências sociais.” (Formosinho, 2006, p.43), ou seja, por trás do trabalho do educador deve sempre existir uma intencionalidade pois só assim conseguiremos chegar aos nossos objetivos com um propósito e significado.

Por fim, novamente em relação à intervenção, existem dois aspetos que considero que me definiram como aprendiz e para o meu futuro como educadora. Estes aspetos são a qualidade do ambiente educativo e o respeito pelos Direitos das Crianças. Relativamente ao primeiro, considero que deve haver “uma atenção para a importância do clima, da atmosfera que se cria na sala de atividades e que se apresenta como fundamental para a promoção da moralidade das crianças (Oliveira Formosinho, 1994, citado por Formosinho, 2006, p.81), pois só assim o educador se sentirá predisposto e confiante com o seu trabalho e com a sua influência sobre as crianças, pois caso o clima não seja o mais apropriado, isso influenciará toda a ação do educador. O segundo, referente aos Direitos das Crianças, levam-me a ter muito presente a importância do respeito pela criança e de ter bem assente que o educador, sendo para a criança um adulto de referência, tem o direito e o dever de garantir o bem-estar físico e emocional

da criança, de a proteger, de defender os seus direitos e de a amar independentemente de todos os fatores que possam estar relacionados com a criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agostinho, K. (2014). *A complexidade da participação das crianças na educação infantil. Perspectiva, Florianópolis*, v. 32, n. 3, 1127 - 1143
- Brazelton, T. & Greenspan, S. (2009). *A Criança e o seu mundo – requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*. Lisboa: Editorial Presença
- Brazelton, T. & Sparrow, J. (2009). *O método de Brazelton – A Criança e a disciplina*. Lisboa: Editorial Presença
- Cardona, M. J. (1999). *O Espaço e o Tempo no Jardim de Infância*. Pro-Posições - Vol. 10, nº 1 (28), março, 132-138
- Cardona, M. J. (2006). *Educação de Infância: Formação e Desenvolvimento Profissional*. Chamusca. Edições Cosmos.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coelho, R. & Tadeu, B. (2015). *A importância do brincar na educação de infância*. Escola Superior de Educação de Lisboa: Atas do II Encontro de Mestrados em Educação
- Costa, C. (2007). *O Currículo numa Comunidade de Prática*. SÍSIFO/ Revista de Ciências de Educação. Nº 3 Mai/Ago.
- Costa, M. (2003). *Gestão de Conflitos na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta
- Coutinho et al. (2009). *Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas*

educativas. Psicologia, Educação e Cultura, vol. XIII, nº2, 455-479

Folque, M. A. (2014). *O aprender a Aprender no Pré-escolar: O modelo pedagógico do movimento da escola moderna*. (2ªedição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Fonseca, C. (2013). *A construção da disciplina na educação pré-escolar: um desafio para o educador*. (Dissertação de mestrado) Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.

Fonseca, A. C. & Rosa, M. (2015). *A construção da disciplina na Educação: pré-escolar e escolar. Desafios e estratégias*. Escola Superior de Educação de Lisboa: Atas do II Encontro de Mestrados em Educação

Formosinho, J.; Katz, L.; McClellan, D. & Lindo, D. (2006). *Educação Pré-Escolar – A construção social da moralidade*. Lisboa: Texto Editores.

Formosinho, J. O. & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora

García, C. M. (1999). *Formação de Professores – Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.

Hohmann, M.; Banet, B. & Weikart, D. P. (1995). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação.

Machado, S. & Simões, A. (2015). *A Educação de Infância e a gestão do grupo de crianças: relato de um percurso*. Escola Superior de Educação de Lisboa: Atas do II Encontro de Mestrados em Educação

Mesquita, C. (2014). *Aprender a Documentar a Voz e as Aprendizagens Das Crianças. Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente-SP, v. 25, n.3, 116-136

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME.

- Portugal, G. (2012). Finalidades e Práticas Educativas em Creche, das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche. Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS)
- Post, J. & Hohmann, M. (2007). *Educação de bebés em infantários: cuidados e primeiras aprendizagens* (3ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa. Gradiva.
- Rosa, J. (1994). Observação e Registo do Desenvolvimento da Criança em Jardim de Infância. Departamento da Educação Básica.
- Santos, A. & Veríssimo, M. (2006). *Relações entre o conhecimento das emoções, as competências académicas, as competências sociais e a aceitação entre pares*. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), 463-478.
- Sarmiento, T. (2012). *Narrativas de professoras-estagiárias sobre os contributos da formação em análise organizacional para a construção de uma identidade profissional*. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP – Campinas, 24-36
- Tomás, C. (2007). *Há muitos mundos no mundo... Direitos das Crianças, Cosmopolitismo Infantil e Movimentos Sociais de Crianças. Diálogos entre crianças de Portugal e do Brasil*. (Tese de Doutoramento). Instituto de Estudos da Criança/Universidade do Minho, Braga.
- Tomás, C. (2011). *«Há muitos anos no mundo» - Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Porto: Edições Afrontamento.

Documentos estruturantes das instituições:

Projetos Educativos de ambas as Instituições;

Projeto Pedagógico da sala 2 anos – 2;

Projeto Pedagógico da sala de JI.

Outros documentos consultados:

Carta de Princípios para uma Ética profissional – APEI. Consultada no website <http://apei.pt/upload/ficheiros/var/carta.etica.pdf>, acedido pela última vez no dia 20 de novembro de 2015

A convenção Sobre os Direitos da Criança – Unicef. Consultada no website https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf, acedido pela ultima vez no dia 26 de Novembro de 2015

Legislação consultada:

Lei n.º 5/97 (Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar).

Portaria n.º 262/2011 de 31 de Agosto.

ANEXOS



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA



A AÇÃO DO EDUCADOR NA GESTÃO DOS MOMENTOS EM GRANDE GRUPO

Relatório da Prática Profissional Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar

CARINA CARVALHO

NOVEMBRO 2015

Anexo A – Organização do edifício (Creche)

Rés-do-chão

- Berçário
- Copa do leite
- Sala de atividades
- Refeitório para crianças
- Casa de banho para crianças
- Casa de banho para adultos
- Refeitório para adultos
- Salão
- Recepção
- Sala de reuniões
- Sala de direção
- Lavandaria
- Despensa
- Cozinha

Primeiro Andar

- Biblioteca para a primeira infância
- Duas salas de atividade
- Sala de movimento
- Sala de educadores
- Casa de banho para crianças
- Casa de banho para adultos
- Terraço
- Refeitório para crianças
- Salas de arrumos.

Anexo B - Missão, Visão, Valores e Princípios Educativos (Creche)

Missão

“Assegurar o acolhimento diurno das crianças especialmente das mais desfavorecidas, promovendo um desenvolvimento global, permitindo a inserção das crianças na sociedade, numa ação consertada na dimensão económica social e cultural”.

Visão

“Prendemos que a dinâmica da instituição promova qualitativamente a vida das famílias e suas crianças através da transmissão de valores éticos, sociais e culturais”.

Valores

“Ética, o profissionalismo, a cidadania, o compromisso social, o desenvolvimento social e as relações humanas”.

Princípios educativos

“Todos são simultaneamente sujeitos e agentes do processo educativo, a transmissão de valores, o respeito pela individualidade, o respeito por ritmos e necessidades próprias através de uma relação afetiva, coesa e consistente”.

Anexo C - Organização do edifício (JI)

Piso 1

- Secretaria,
- Gabinete da direção,
- 2 Salas de atividades afetas à valência de creche
- 2 Salas afetas à valência de jardim-de-infância
- Sala de apoio à creche familiar,
- Sala de reuniões,
- Refeitório para a creche
- 1 Refeitório para funcionários
- 2 Casas de banho para crianças
- 2 Casas de banho para adultos
- Salão polivalente
- Sala de intervenção precoce
- Recreio exterior
- 2 Despensas.

No piso 0

- 4 Salas de atividades afetas à valência de jardim-de-infância
- Salão polivalente
- Refeitório
- Cozinha
- Casa de banho de adultos
- 4 Casas de banho de crianças
- Arrecadação
- Despensa
- Recreio exterior
- Lavandaria.

Anexo D - Lema, Missão, Visão e Valores (JI)

Lema

“Educar hoje para colher amanhã”.

A missão

“Melhoria das condições de qualidade de vida das crianças, promovendo o seu desenvolvimento, com uma efetiva igualdade de oportunidades, em função das suas características individuais”.

A visão

“Inovação na adequação e aplicação das metodologias de intervenção, definindo como eixos prioritários excelência, de modo a que todos os que são alvo de uma atividade se sintam os protagonistas da instituição”.

Valores

“Os valores que orientam a prática educativa da instituição são o respeito pela criança, a equidade, a responsabilidade e a integridade.”

Anexo E - Equipe educativa que compõe a instituição (Creche)

Tabela 1
Equipe educativa que compõe a instituição (Creche)

Função	Nº de pessoas
Diretor pedagógico	1
Educador de Infância	4
Auxiliar de Educação	6
Auxiliar de serviços gerais	2
Responsável de portaria e secretaria	2
Auxiliar de cozinha	1
Auxiliar de limpeza	1

Anexo F - Equipe educativa que compõe a instituição (JI)

Tabela 2
Equipe educativa da instituição (JI)

Função	Nº de pessoas
Diretor Pedagógico	1
Assistente Administrativo	1
Educador de Infância	12
Ama	23
Ajudante Familiar	5
Auxiliar de Ação Socioeducativa	12
Auxiliar de Serviços Gerais	3

Anexo G - Membros que compõe as respostas sociais (JI)

Tabela 3
Membros que a compõe as respostas sociais (JI)

Resposta Social	Função Desempenhada	Nº de pessoas
Creche Familiar	Educador de Infância	4
	Ama	23
Creche	Educador de Infância	2
	Auxiliar de Ação Socioeducativa	4
Jardim-de-Infância	Educador de Infância	6
	Auxiliar de Ação Socioeducativa	8
Intervenção Precoce	Psicólogo	1
	Ajudantes Familiares	5

Anexo H - Nacionalidades das famílias da sala de atividades 6 (JI)

Tabela 4
Nacionalidade das famílias da sala 6 (JI)

País	Nº de famílias
Guiné	5
Angola	3
Moldávia	1
Brasil	2
São Tomé	2
Portugal	2
Senegal	1
Roménia	1
México	1

Anexo I - Infirmações sobre as crianças da sala de atividades 2 anos-2 (Creche)

Tabela 5
Informações das crianças da sala 2 anos-2 (Creche)

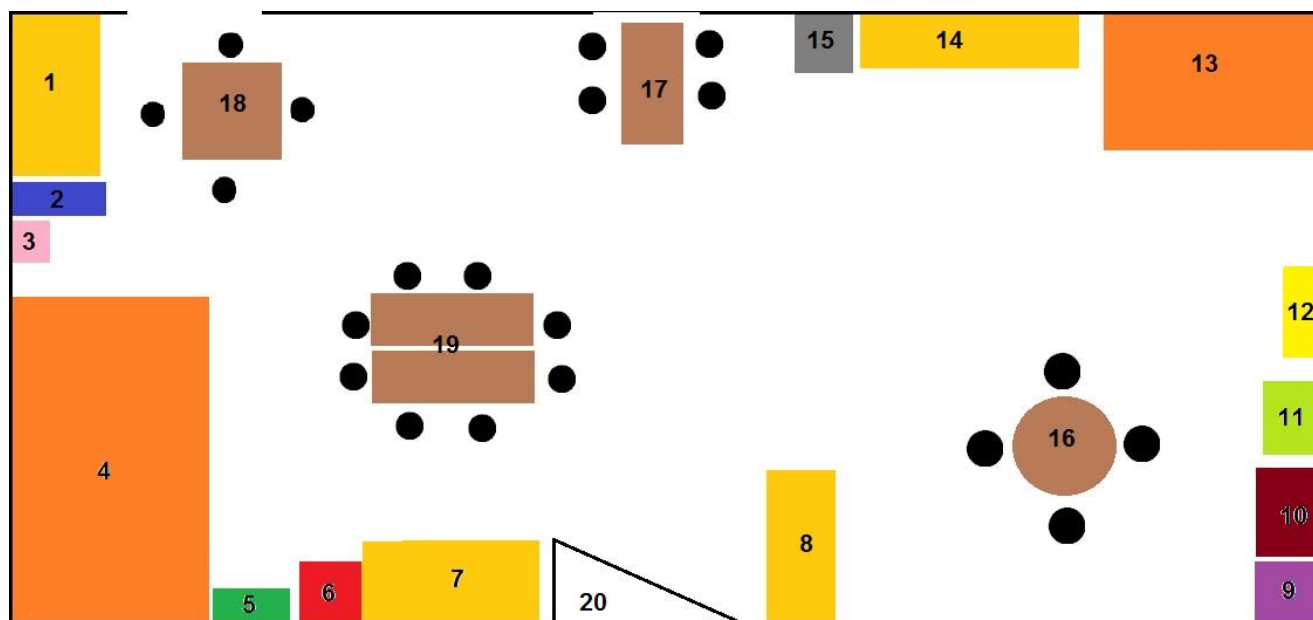
Nome	Idade	Género	Colocação anterior
Afonso	29 meses	M	Ama
Camila	33 meses	F	Transitou
David G.	37 meses	M	Transitou
David S.	127 meses	M	Ama
Diego C.	31 meses	M	Transitou
Diego S.	28 meses	M	Meio familiar
Dionísio	37 meses	M	Transitou
Eduardo	28 meses	M	Outra creche
Gabriel	36 meses	M	Transitou
Gabriella	30 meses	F	Meio familiar
Laura	27 meses	F	Ama
Leonor	37 meses	F	Transitou
Matilde	31 meses	F	Meio familiar
Noa	36 meses	F	Transitou
Rodrigo	36 meses	M	Transitou
Santiago	32 meses	M	Meio familiar
Sukrish	31 meses	M	Transitou

Anexo J - Informações sobre as crianças da sala de atividades 6 (JI)

Tabela 6
Informações das crianças da sala 6 (JI)

Nome	Idade	Género	Colocação anterior
Alexandra	4 anos	F	Sala 6
Alexandre	4 anos	M	Sala 6
Cristina	4 anos	F	Sala 6
Damien	4 anos	M	Outro JI
Daniel	3 anos	M	Meio familiar
Dione	4 anos	F	Transitou da sala 5
Eliaquim	4 anos	M	Sala 6
Érica	4 anos	F	Sala 6
Eva	4 anos	F	Sala 6
Francisco	4 anos	M	Sala 6
Inês	3 anos	F	Meio familiar
Íris	4 anos	F	Sala 6
João	3 anos	M	Ama
Mathias	3 anos	M	Meio familiar
Nénéta	4 anos	F	Sala 6
Pedro	4 anos	M	Sala 6
Rafaela	4 anos	F	Meio familiar
Serena	4 anos	F	Sala 6

Anexo K - Planta da sala de atividades 2 anos-2 (Creche)



- | | |
|---|--|
| 1- Armário com duas portas, de arrumação de material de desgaste | 10- Móvel de cozinha (fogão e lava loiça) |
| 2- Biblioteca (móvel de três prateleiras) | 11- Cabeleireiro |
| 3- Caixa de fantoches | 12- Arca de trapalhadas |
| 4- Tapete de apoio à biblioteca | 13- Garagem |
| 5- Móvel com 3 prateleiras, para arrumação de papel e caixas de lápis | 14- Bancada de mudas com 16 gavetas |
| 6- Móvel com 2 portas, para arrumação de instrumentos musicais | 15- Ponto de água |
| 7- Móvel com 3 prateleiras, para arrumação de jogos de mesa | 16- Mesa de apoio ao faz-de-conta (com 4 cadeiras) |
| 8- Móvel de arrumação de jogos de chão | 17- Mesa com 4 cadeiras, para modelagem ou pinturas |
| 9- Máquina de lavar roupa | 18- Mesa com 4 cadeiras, para apoio à biblioteca |
| | 19- Duas mesas com 6 cadeiras, para execução de jogos de mesa/desenhos |

Figura 1. Planta da sala de atividades 2 anos-2 (Creche)

Anexo L - Áreas da sala de atividades 2 anos-2 (Creche)

Tabela 7
Áreas da sala de atividades 2 anos-2 (Creche)

Áreas	Descrição
Biblioteca	Espaço com uma estante com livros infantis, adequadas às idades, e um tapete onde se realizam também as conversas em grande grupo e onde se cantam e se ouvem músicas.
Jogos de mesa e de construção	Espaço com duas mesas e 8 lugares, destinado à exploração de jogos de mesa, de encaixe e puzzles, e também materiais de construção.
Faz-de-conta	Espaço também designado como “casinha”, onde as crianças exploram a imaginação e a criatividade e onde predominam as brincadeiras de faz-se-conta.
Garagem	Espaço composto por um tapete (ilustrado com estradas) e uma caixa com diversos carrinhos e pistas.

Anexo M - Rotina diária da sala de atividades 2 anos-2 (Creche)

Tabela 8
Rotina diária da sala de atividades 2 anos-2 (Creche)

Hora	Rotina Diária
08h00 – 09h30	Acolhimento e atividades livres
09h30 – 09h45	Reforço alimentar (se necessário)
09h45 – 11h30	Atividades organizadas/livres
11h30 – 11h45	Higiene
11h45 – 12h15	Almoço
12h15 – 12h45	Higiene e muda de fralda
12h45 – 15h00	Repouso
15h00 – 15h30	Higiene e muda de fralda
15h30 – 16h00	Lanche
16h00 – 18h00	Atividades livres e saída

Anexo N - Instrumentos do MEM utilizados (JI)

Instrumentos do MEM utilizados na sala de atividades 6:

- Mapa de presenças
- Diário de turma
- Mapa de tarefas
- Mapa de atividades
- Mapa do tempo
- Plano do dia
- Mapa de projetos

Anexo P - Principais características físicas da sala de atividades 6 (JI)

Características físicas da sala de atividades 6:

- Luz natural através de duas janelas e uma porta vidrada;
- Inclui duas casas de banho (para meninos e para meninas);
- Inclui dois lavatórios;
- Bem climatizada;
- Existência de uma porta na sala que dá acesso direto ao recreio.

Anexo Q - Áreas da sala de atividades 6 (JI)

Tabela 9
Áreas da sala de atividades 6 (JI)

Áreas	Descrição
Biblioteca	Espaço com uma estante com livros infantis, adequadas às idades, uma pequeno sofá e almofadas.
Oficina da escrita	Espaço com um quadro magnético, letras, imagens, canetas, lápis, tesoura, cola e um computador.
Faz-de-conta	Espaço onde se desenvolvem os papéis sociais e as relações interpessoais. É um espaço equipado com uma mesa, um fogão, um armário para a louça, uma cama para bonecas e bonecas.
Matemática e ciência	Espaço que oferece às crianças o contacto com os números, as quantidades, as formas geométricas, as medidas, os pesos, jogos de encadeamento e lógica, blocos lógicos, balança, fita métrica, lupa e outros materiais de apoio à realização de experiências.
Plástica	Espaço onde se exploram diversos materiais e técnicas de expressão plástica. Neste espaço existem tintas, plasticina, tecidos, revistas, etc.
Construções e jogos	Espaço composto por jogos de encaixe, de associação, puzzles e legos.
Reunião	Espaço composto por mesas várias mesas onde todas as crianças se sentam e onde se realizam as reuniões de grande grupo, onde se contam novidades, onde se faz o plano do dia e também a avaliação do mesmo.

Anexo R - Espaços comuns às crianças da instituição (JI)

Tabela 10
Espaços comuns às crianças da instituição (JI)

Espaços	Descrição
Salão polivalente	Espaço onde se faz o acolhimento das crianças, composto por uma televisão e um leitor de cd's. Espaço onde se realizam também outro tipo de atividades, como por exemplo a aula de música.
Recreio exterior	Espaço amplo e dividido em dois recreios. Um deles é coberto por um pano que protege parte da área do sol. Equipado com balouços, escorregas e uma casa de madeira.
Auditório	Auditório exterior ao edifício mas ao qual existe acesso por escadas. Local se realiza a expressão motora.

Anexo S - Rotina semanal da sala de atividades 6 (JI)

Tabela 11
Rotina semanal da sala de atividades 6 (JI)

Hora/Dia	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
09h00	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
09h30	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo
10h00	Exploração das áreas e projetos	Expressão Motora e Hora do conto	Exploração das áreas e projetos	Expressão Musical e Hora do conto	Exploração das áreas e projetos
11h15	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11h50	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene
12h00	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13h00	Recreio/Repouso	Recreio/Repouso	Recreio/Repouso	Recreio/Repouso	Recreio/Repouso
14h00	Jogos sociais ou dramatizações	Atividades de linguagem e escrita	Atividades de plástica ou tarde com as famílias	Atividades de matemática ou ciência	Arrumar trabalhos semanais
15h30	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo
15h50	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene
16h00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

Obs. À 2ª e 6ª feira, as atividades são feitas quinzenalmente.

Anexo T - Autorização aos pais



Prática Profissional Supervisionada
Centro Infantil de Odivelas

AUTORIZAÇÃO

Eu _____
(encarregado de educação) autorizo a estagiária (Carina Carvalho
– aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar) a filmar e tirar
fotografias do Pedro, da sala 6, durante o seu estágio, assim como
a utilizar posteriormente este material para a realização de
trabalhos académicos (uso exclusivo para o meio académico).

Odivelas, ____ de _____ de 2015.

Assinatura: _____

Anexo U – Portefólio do contexto de Creche



**PORTEFÓLIO DA PRÁTICA PROFISSIONAL SUPERVISIONADA
EM CONTEXTO DE CRECHE
(27-37 meses)**

**Carina Carvalho
(Nº2014080)**

Trabalho apresentado no âmbito da Unidade Curricular de Prática Profissional
Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Docente: Manuela Rosa

2014-2015

ÍNDICE

1. Craterização reflexiva do contexto socioeducativo.....	1
1.1. Meio onde está inserido o contexto	1
1.2. Contexto socioeducativo.....	2
1.3. Equipa educativa	3
1.4. Família das crianças.....	4
1.5. Grupo de crianças	5
1.6. Análise reflexiva	8
2. Análise reflexiva da intervenção	12
2.1. Planificação geral	12
2.2. Planificação semanal e diária	14
2.3. Identificação da problemática	22
3. Processos de avaliação	22
3.1. Avaliação pessoal semanal (autoavaliação)	22
3.1.1. Semana de 9 a 12 de dezembro.....	22
3.1.2. Semana de 5 a 9 de janeiro.....	27
3.1.3. Semana de 12 a 16 de janeiro.....	31
3.1.4. Semana de 19 a 23 de janeiro.....	33
3.1.5. Semana de 26 a 30 de janeiro.....	37
3.1.6. Semana de 2 a 6 de fevereiro.....	39
3.1.7. Semana de 9 a 13 de fevereiro.....	43
3.2. Avaliação do ambiente educativo	46
3.3. Avaliação do grupo de crianças.....	49
4. Considerações finais	53
Referências bibliográficas.....	55
Anexos	56

INDICE DE FIGURAS

Figura 1. Mural de fotos das atividades sensoriais realizadas ao longo da PPS.....	59
Figura 2. Comemoração do Carnaval.....	60
Figura 3. Exploração de caixas.....	60
Figura 4. Construção das máscaras de Carnaval.....	61
Figura 5. Planta da sala.....	61
Figura 6. História do projeto com as famílias.....	62

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Informações das crianças da sala 2 anos-2.....	7
Tabela 2. Rotina Diária.....	11
Tabela 3. Planificação semanal e diária da semana de 5 a 9 de janeiro de 2015.....	14
Tabela 4. Planificação semanal e diária da semana de 19 a 23 de janeiro de 2015....	16
Tabela 5. Planificação semanal e diária da semana de 26 a 30 de janeiro de 2015....	17
Tabela 6. Planificação semanal e diária da semana de 2 a 6 de fevereiro de 2015....	19
Tabela 7. Planificação semanal e diária da semana de 9 a 13 de fevereiro de 2015...20	
Tabela 8. Observações.....	49
Tabela 9. Observações.....	50

1. CARATERIZAÇÃO REFLEXIVA DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

1.1. Meio onde está inserido o contexto¹

A instituição na qual foi realizada a Prática Profissional Supervisionada (PPS) pertence a uma das 53 freguesias do concelho de Lisboa. A freguesia foi criada em 13 de Abril de 1978. Em 2012, a freguesia foi alvo de uma reforma administrativa na qual o seu território e o de outra freguesia foram unidos. Esta freguesia é caracterizada por ser uma zona antiga da cidade situada junto ao rio. Os equipamentos pertencentes a esta freguesia são três conventos, sendo que um deles dá nome à freguesia e outro inclui um museu, dois cemitérios, uma igreja, um forte ou baluarte inserido numa linha de defesa da orla ribeirinha, um chafariz, uma fonte monumental e um palácio.

Relativamente à população esta freguesia conta com 27967 habitantes, dispersos por uma área de 2,71 km^2 , sendo constituída na sua maioria por idosos com poucos recursos económicos e culturais e baixo nível de escolaridade.

A localidade onde está inserida a instituição é caracterizada por uma paisagem marcadamente urbana onde predominam os prédios plurifamiliares, existindo poucos espaços verdes e locais para as crianças brincarem. A rede de transportes públicos é fraca dificultando a ligação a outros pontos da cidade.

O espaço envolvente da instituição é constituído por um pequeno largo isolado com total ausência de serviços, à exceção de um pequeno café. A zona é envelhecida e as habitações são, na sua maioria, antigas e degradadas. Nas proximidades encontram-se uma escola do primeiro ciclo e uma do segundo ciclo, uma fundação com funções de creche pertencente à mesma instituição de solidariedade social onde decorreu a PPS, bem como um convento com funções de recolhimento.

Em suma, tendo em conta os equipamentos da freguesia é notável que esta já foi outrora um local turístico e rico. No entanto, a zona e as habitações foram-se degradando, o comércio diminuindo, a população envelhecendo, o que fez com que a qualidade de vida diminuísse e surgissem instituições de solidariedade social e que um dos conventos tivesse de assumir funções de recolhimento.

¹ Todas as informações presentes neste ponto do portefólio são retiradas do Projeto Educativo da instituição de 2014/2017.

1.2. Contexto socioeducativo

A instituição surgiu a 1 de Outubro de 1983, sobre a alçada da Segurança Social, com a valência de atividade de tempos livres (ATL), dando apoio a uma escola do primeiro ciclo que se encontrava na proximidade. Em 1948 a escola é encerrada e a instituição passa então a disponibilizar as respostas sociais de creche e jardim-de-infância. Em 2001 a instituição alarga o seu leque de serviços abrindo a valência de creche familiar com 6 amas. Em 2011 a instituição passa para a gestão da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), através do Decreto de lei nº 16/2011 de 25 de Janeiro, onde é estabelecido o regime legal da cedência dos Estabelecimentos Integrados do ISS, por um período de três anos, dispondo das valências de creche familiar e creche coletiva com uma capacidade de 64 crianças. No início do ano letivo de 2011/2012 a creche iniciou a atividade com 51 crianças e sem a valência de creche familiar, uma vez que esta passou para a gestão de outra instituição da SCML.

O edifício que comporta a instituição (que foi nos anos 30 do século passado uma maternidade) encontra-se em razoável estado de conservação, no entanto, as temperaturas que se fazem sentir durante o inverno na instituição não são as mais adequadas para a valência de creche.

O edifício contempla, no rés-do-chão, o berçário, a copa do leite, uma sala de atividades, um refeitório, uma casa de banho para crianças, uma casa de banho e um refeitório para adultos, um salão, uma receção, uma sala de reuniões, uma sala de direção, uma lavandaria, uma despensa e uma cozinha. No primeiro andar existe uma biblioteca para a primeira infância, duas salas de atividade, uma sala de movimento, uma sala de educadores, uma casa de banho para crianças, uma casa de banho para adultos, um terraço, um refeitório para crianças e salas de arrumos. O terraço, que apenas pode ser explorado por uma ou duas salas em simultâneo devido às suas reduzidas dimensões, não permite a colocação de estruturas fixas, no entanto existem escorregas, rampas e tapetes.

A missão da instituição é “assegurar o acolhimento diurno das crianças especialmente das mais desfavorecidas, promovendo um desenvolvimento global, permitindo a inserção das crianças na sociedade, numa ação consertada na dimensão económica social e cultural”. A visão afirma que pretendem “que a dinâmica da instituição promova qualitativamente a vida das famílias e suas crianças através da transmissão de valores éticos, sociais e culturais”. Os valores que orientam a prática

educativa da instituição são “a ética, o profissionalismo, a cidadania, o compromisso social, o desenvolvimento social e as relações humanas”. E regem-se pelos princípios educativos de que “todos são simultaneamente sujeitos e agentes do processo educativo, a transmissão de valores, o respeito pela individualidade, o respeito por ritmos e necessidades próprias através de uma relação afetiva, coesa e consistente”.

Através da análise dos documentos orientadores da ação educativa e daquilo que testemunhámos podemos afirmar que a equipa educativa aposta na qualidade e competência educativa seguindo a pedagogia de participação que visa a partilha dos saberes e experiências, a complementaridade e o espírito de equipa.

1.3. Equipa educativa

A equipa educativa da Instituição é constituída por: uma diretora pedagógica (formação de base: educadora de infância), quatro educadoras de infância, seis auxiliares de educação, duas auxiliares de serviços gerais, uma responsável de portaria e secretaria, uma utente (de um instituto médico/pedagógico) integrada em trabalho normalizado, e uma auxiliar de cozinha e uma auxiliar de limpeza contratadas por empresas externas. Existe ainda uma equipa interdisciplinar que fornece apoio à instituição semanalmente e que é composta por: uma técnica de serviço social, uma técnica de educação e uma psicóloga.

A equipa educativa tem a particularidade de ter vários projetos em comum na instituição, que comprovam e reforçam o bom trabalho em equipa que se desenvolve neste estabelecimento. Estes projetos são: a Humanização da casa, pelo qual duas auxiliares de educação (de salas diferentes) são responsáveis, e que consiste em decorar o estabelecimento ao longo do ano de acordo com as várias temáticas; o Banco de roupa, também à responsabilidade de duas auxiliares de educação (de salas diferentes), e que consiste na partilha de roupas com as famílias, ou seja, as famílias das crianças da instituição doam a roupa dos filhos que já não lhes serve e podem levar outras peças de roupa do Banco de que estejam a precisar; ainda outro projeto é o Jornal Mensal exposto num cartaz à entrada da instituição, realizado por toda a equipa educativa e que consiste em anunciar às famílias as atividades que as várias salas fizeram ao longo do mês e ainda receitas culinárias, o livro do mês, dicas variadas e também os aniversários das crianças; a Dinamização da biblioteca é outro projeto que decorre ao longo do ano, de 15 em 15 dias, realizado apenas pelas educadoras da

instituição e que tem o objetivo de contar uma história, de forma dinamizada, na biblioteca, para que as famílias (quando vêm buscar as crianças) possam assistir à hora do conto juntamente com as crianças; por fim, o projeto Manhãs Espetaculares decorre todas as sextas-feiras de manhã, realizado pelas equipas educativas de sala e que consiste em dinamizar uma história, canção, lengalenga, rimas ou poemas, na sala da equipa que está responsável pela manhã espetacular da semana, e à qual todas as crianças vão assistir e participar.

Todos estes projetos em comum que decorrem ao longo do ano são uma excelente estratégia para manter a equipa educativa da instituição unida e a trabalhar em conjunto, reforçando e melhorando o bom trabalho em equipa existente e que é fundamental para o bom funcionamento do estabelecimento. É importante ainda referir que durante a estadia das estagiárias na instituição, estas participaram também nos vários projetos mencionados acima, sendo sempre incluídas como parte integrante da equipa educativa. Acima de tudo, os vários projetos a decorrer proporcionam às crianças e às suas famílias um ótimo ambiente educativo e um conforto necessário para que se sintam seguros e acolhidos na instituição.

Relativamente à sala dos 2 anos – 2, esta é composta por uma equipa educativa de uma educadora e duas auxiliares de educação.

1.4. Família das crianças²

As famílias do grupo de crianças da sala 2 anos-2 caracterizam-se por serem maioritariamente nucleares (nove famílias), cinco são monoparentais femininas, duas são reconstituídas e uma é alargada. Os pais têm idades compreendidas entre 25 e 45 anos e o nível de escolaridade varia entre o 4º ano e a licenciatura.

Em relação à situação profissional dos pais da sala 2 anos-2, esta divide-se entre o setor secundário e terciário, no entanto, existem cinco famílias com a mãe desempregada e duas famílias com o pai desempregado.

Uma vez que o contexto onde está inserida a instituição se caracteriza pela ausência de serviços e por ser uma zona envelhecida com habitações antigas e degradadas como referido no ponto 1.1, a situação socioeconómica deste grupo de

² Algumas informações presentes neste ponto do portefólio são retiradas do Projeto Pedagógico da sala 2 anos-2 e outras partiram da observação.

famílias caracteriza-se por ser média-baixa e existe ainda uma família numa situação de carência económica.

Quanto à nacionalidade das famílias deste grupo de crianças, existe uma de origem filipina, outra de origem nepalesa, duas de origem brasileira e duas em que apenas o pai é também de origem brasileira.

A relação das famílias com a equipa educativa de sala é na maioria bastante positiva e de segurança, havendo sempre conversas informais entre os pais e a educadora, as auxiliares e a estagiária (durante o período de estágio) onde existe uma partilha de informações sobre a criança não só em relação ao desenvolvimento da criança na creche mas também em casa. No entanto, existem alguns pais que não têm este tipo de relação com a equipa educativa, isto porque, apenas deixam a criança na sala de atividades sem ter qualquer tipo de conversa ou partilha de informações. Como tal, existe na sala um “Registo Diário” para cada criança, o qual a educadora tem de preencher todos os dias onde indica algumas informações de como a criança passou o dia (referindo não só as atividades que a criança fez durante o dia mas também informações, por exemplo, sobre o estado de saúde da criança, ou pequenos acidentes, etc.). Este tipo de registo é fundamental, principalmente nos casos em que as famílias não comunicam com a equipa. Desta forma, as famílias estão sempre informadas sobre o que acontece durante o dia e uma vez que é necessária a assinatura dos pais (ou outro familiar que venha por ou buscar a criança) no registo diário, tanto à entrada como à saída, é certificado que os pais ou familiares leem a informação.

Relativamente à participação das famílias na creche esta é assegurada fazendo-se pequenos projetos ou *ateliers* com as famílias das crianças, em que os pais participam de forma ativa ou passiva, por exemplo indo à creche e interagindo com as crianças ou apenas fornecendo objetos ou produtos que são solicitados.

1.5. Grupo de crianças³

O grupo da sala dos 2 anos-2 é composto por 17 crianças, sendo que 6 são do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Quanto ao nível das idades, o grupo é heterógeno, uma vez que as idades variam entre os 27 e os 37 meses (até à data), essa heterogeneidade é verificada devido à discrepância de interesses e das competências

³ Algumas informações presentes neste ponto do portefólio são retiradas do Projeto Pedagógico da sala 2 anos-2 e outras partiram da observação.

já adquiridas pelas crianças. Relativamente ao percurso institucional das crianças, 9 transitaram do ano anterior, 3 estiveram em amas, 4 vieram do meio familiar e 1 veio de outra creche (ver tabela 1). Das 17 crianças que compõem o grupo, 6 já controlam os esfíncteres, contudo durante a hora do repouso usam fralda para proporcionar um maior conforto à criança. Todas as crianças do grupo comem sozinhas, no entanto as mais pequenas precisam de alguma ajuda para aprender a pegar melhor nos talheres. Durante o repouso, a maioria das crianças tem dificuldade em adormecer e em ficarem quietas na cama.

As características de desenvolvimento deste grupo de crianças varia muito, principalmente devido à disparidade das idades. Uma vez que existem crianças já com 3 anos e outras com 2 anos e poucos meses, o nível de competências que as crianças já adquiriram até à data é muito irregular.

Por exemplo, relativamente à fala, segundo Brazelton (1992) “uma criança de dois anos já emprega frases com verbos e advérbios. «Vamos às compras.» «Roupa bonita.» «Quero aquilo. É bonito.»” (p.219), contudo só 9 crianças, que são as mais velhas da sala, é que se encontram a este nível. As de dois anos ou não falam ou não se percebe o que dizem (ver anexo A – nota de campo 1). Mas, por exemplo, “se pedirmos: «Vai buscar um brinquedo à outra sala, trá-lo aqui e põe em cima da cadeira.» ela demonstrará uma clara compreensão destas três sequências de discurso recetivo.” (Brazelton, 1992, p.219), de facto a maioria das crianças deste grupo encontra-se a este nível, à exceção de 3 crianças, 2 porque não falam e não percebem muito o português (ver anexo A - nota de campo 2) e 1 porque poderá ter um atraso no desenvolvimento (a criança em questão encontra-se em estudo de caso, ver anexo A - nota de campo 3). Porém, ainda segundo Brazelton (1992), “a idade com que a criança consegue fazer tudo isto varia muito. [...] Se a criança conseguir fazer gestos claros e usar a linguagem corporal, é porque já compreende os códigos comunicativos e é provável que fale dentro em breve.” (p.219) e as restantes crianças, as que ainda não falam, encontram-se neste patamar, portanto com o tempo começarão a falar.

Quanto aos interesses do grupo, estes oscilam um pouco, mais uma vez devido à diferença de idades. Ou seja, as crianças já com 3 anos, ou perto dos 3, interessam-se muito por livros, puzzles ou construções, já as crianças com 2 anos têm maior preferência pela área do faz de conta. A sala do movimento (onde têm túneis, bolas e outros jogos) e a sala com balcões de areia são locais onde todo o grupo gosta muito de estar e de explorar.

Em relação às características mais marcantes do grupo, a mais predominante é a grande dificuldade em respeitar regras e aceitar o que o adulto diz. Apesar da relação adulto-criança ser boa, uma vez que o grupo é ativo, bem-disposto e sociável, existe uma grande lacuna a nível comportamental, isto porque o grupo não respeita o que o adulto diz e não compreende as regras que são colocadas (ver anexo A - notas de campo 4 e 5). Segundo Formosinho (2013) “a criação de laços privilegiados entre a criança e adultos responsivos é reconhecida como basilar para que a criança se sinta segura e aberta a explorar e aprender acerca da diversidade que este novo mundo lhe apresenta.” (p.18), algo que se tem sempre em conta na sala dos 2 anos-2, mas por vezes é difícil de se conseguir. Como tal, também a relação entre pares acaba por ser de constantes conflitos, principalmente devido à partilha de brinquedos, acabando por existirem situações muito físicas e de alguma agressividade.

Ainda assim, à exceção destas características mais vincadas do grupo, existe um pequeno grupo de crianças na sala que demonstra grande interesse em conhecer, em querer saber, descobrir, explorar e comunicar verbalmente, tanto entre os seus pares como com os adultos.

Tabela 1 – Informações das crianças da sala 2 anos-2

Nome	Idade	Género	Colocação anterior
Afonso	09.2012 (29 meses)	M	Ama
Camila	05.2012 (33 meses)	F	Transitou
David G.	01.2012 (37 meses)	M	Transitou
David S.	11.2012 (27 meses)	M	Ama
Diego C.	07.2012 (31 meses)	M	Transitou
Diego S.	10.2012 (28 meses)	M	Meio familiar
Dionísio	01.2012 (37 meses)	M	Transitou
Eduardo	10.2012 (28 meses)	M	Outra creche
Gabriel	02.2012 (36 meses)	M	Transitou
Gabriella	08.2012 (30 meses)	F	Meio familiar
Laura	11.2012 (27 meses)	F	Ama
Leonor	01.2012 (37 meses)	F	Transitou
Matilde	07.2012 (31 meses)	F	Meio familiar

Noa	02.2012 (36 meses)	F	Transitou
Rodrigo	02.2012 (36 meses)	M	Transitou
Santiago	04.2012 (32 meses)	M	Meio familiar
Sukrish	03.2012 (31 meses)	M	Transitou

1.6. Análise reflexiva⁴

Na sala dos 2 anos-2 a equipa educativa defende a importância de promover o respeito pela criança na sua individualidade, tendo em vista uma atitude otimista em relação ao sucesso de cada um na aquisição ou aperfeiçoamento das competências relacionadas com cada uma das áreas de desenvolvimento – desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento físico-motor e desenvolvimento socio-emocional. Como tal, de acordo com o projeto pedagógico de sala, as intenções educativas têm por base os 10 princípios educativos em creche de Gabriela Portugal, que são:

1. Envolver as crianças nas coisas que lhes dizem respeito;
2. Investir em tempos de qualidade procurando-se estar completamente disponível para as crianças;
3. Aprender a não subestimar as formas de comunicação únicas de cada criança e ensinar-lhes as suas;
4. Investir tempo e energia para contruir uma pessoa “total”;
5. Respeitar as crianças enquanto pessoas de valor e ajudá-las a reconhecer e a lidar com os seus sentimentos;
6. Ser verdadeiro nos sentimentos relativamente às crianças;
7. Modelar os comportamentos que se pretende ensinar;
8. Reconhecer os problemas como oportunidades de aprendizagem e deixar as crianças tentarem resolver as suas próprias dificuldades;
9. Construir segurança ensinando a confiança;
10. Procurar promover a qualidade do desenvolvimento em cada fase etária, mas não apressar a criança para atingir determinados níveis desenvolvimentais.

Desta forma, “num contexto de grupo, o educador responsável representa uma âncora para a criança, a pessoa em quem esta pode confiar para ser tranquilizada, orientada e cuidada.” (Post & Hohmann, 2007, p.64), algo fundamental que deve ser

⁴ Algumas informações presentes neste ponto do portefólio são retiradas do Projeto Pedagógico da sala 2 anos-2 e outras partiram da observação.

tido em conta e que a equipa educativa de sala, não só a educadora mas também as auxiliares de educação, assegura ao grupo de crianças.

Ainda de acordo com o projeto pedagógico de sala, o Modelo Pedagógico adotado na sala dos 2 anos-2 é a Abordagem High/Scope, em que aprender pela ação é o principal princípio seguido. Assim sendo, através da ação, é oferecido às crianças oportunidades diversificadas que permitam o desenvolvimento integral de todas as suas potencialidades e competências. Também a Abordagem Ecológica do Desenvolvimento de Urie Bronfenbrenner - conjunto de processos através dos quais as particularidades da pessoa e do ambiente interagem para produzir constância e mudança nas características da pessoa no curso da sua vida - é um modelo com o qual a educadora cooperante se identifica e considera pertinente para o desenvolvimento das crianças.

De forma a serem mantidas as intenções educativas e os princípios orientadores, é recorrente na equipa educativa de sala, reflexões sobre as estratégias que são utilizadas e algumas falhas que podem eventualmente surgir, assegurado assim uma ação pedagógica coesa, rica e que melhor contribui para o desenvolvimento das crianças do grupo.

Segundo Post e Hohmann, (2007) “uma instituição de cuidados infantis apoia o desenvolvimento de crianças de tenra idade se estiver repleta de materiais variados, seguros, adequados, desafiantes e acessíveis à exploração das crianças.” (p.29), neste sentido, a sala de atividades 2 anos-2 está situada no 1º andar do edifício, dispõe de luz natural através de duas janelas, não inclui casa de banho na sala (é fora da sala e comum a duas salas) e a climatização não é apropriada às idades. A sala é ampla e o mobiliário é disposto de forma a que haja espaço para as crianças brincarem e se movimentarem à vontade. O fraldário encontra-se na sala e inclui um conjunto de 16 gavetas (uma para cada criança) onde se encontra alguma roupa, bens pessoais e produtos para fazer a higienização das crianças. A sala é equipada com mobiliário e material lúdico-didático adequados à faixa etária das crianças e que permitem às crianças brincarem e levarem a cabo explorações diversificadas que possibilitam a experimentação, a exploração, a descoberta e a apropriação de novas competências e aprendizagens (ver anexo F). A sala está organizada em 4 áreas:

- Biblioteca: espaço com uma estante com livros infantis, adequadas às idades, e um tapete onde se realizam também as conversas em grande grupo e onde se cantam e se ouvem músicas;

- Jogos de mesa e de construção: espaço com duas mesas e 8 lugares, destinado à exploração de jogos de mesa, de encaixe e puzzles, e também materiais de construção;
- Faz-de-conta: espaço também designado como “casinha”, onde as crianças exploram a imaginação e a criatividade e onde predominam as brincadeiras de faz-se-conta;
- Garagem: espaço composto por um tapete (ilustrado com estradas) e uma caixa com diversos carrinhos e pistas.

Fora da sala existem ainda alguns espaços que são destinados a todas as crianças da instituição:

- Sala de psicomotricidade: sala equipada com tuneis, bolas de relaxamento, carros e outros jogos;
- Sala de tinas de areia: sala equipada com 2 tinas com areia, pás, ancinhos, recipientes, etc;
- Biblioteca infantil: sala acolhedora, devidamente decorada e com diversos livros infantis com livros adequados a todas as idades (0-5);
- Salão: espaço central da instituição, amplo e bem iluminado, equipado com diversos brinquedos, uma piscina de bolas, balancés e vários carros (espécie de triciclo sem pedais);
- Terraço exterior: espaço pequeno, com um toldo e equipado com um escorrega e dois balancés.

Relativamente à rotina, esta é bem delineada e adequada ao grupo de crianças da sala e à faixa etária. O dia está organizado de modo a satisfazer as necessidades básicas do grupo – refeições, higiene e repouso - e de modo a permitir que a criança dedique tempo a brincar, explorar, criar e aprender. A rotina é fundamental nestas idades – bebés e crianças pequenas – uma vez que a antecipação dos acontecimentos permitirá à criança uma maior segurança e conforto porque pode prever o que vai acontecer ao longo do dia deixando a criança calma e tranquila, tal como afirma Post e Hohmann (2007) referindo que “quando os horários e as rotinas diárias são previsíveis e estão bem coordenadas em vez de em permanente mudança, é mais provável que os bebés e as crianças se sintam seguros e confiantes.” (p.195). Segundo estes mesmos autores a programação diária não deve ser só previsível mas também flexível, de modo

a acomodar as necessidades de cada criança (p.197), isto porque “a previsibilidade e a flexibilidade [...] andam de mãos dadas na construção de um dia calmo, centrado na criança.” (p.197). Ainda para Post e Hohmann (2007) “os educadores, à semelhança das crianças, precisam de saber o decurso do dia em termos genéricos [...] e de ter a capacidade de modificar a sucessão geral de acontecimentos para se adaptar às diversas necessidades” (p.197), confirmando assim que não só as crianças que necessitam desta previsibilidade e flexibilidade, também os educadores e auxiliares para que consigam fazer um melhor trabalho, mais completo, organizado, consciente e dedicado.

Posto isto, apresenta-se em seguida a rotina diária da sala dos 2 anos-2:

Tabela 2 – Rotina diária

Hora	Rotina Diária
08h00 – 09h30	Acolhimento e atividades livres
09h30 – 09h45	Reforço alimentar (se necessário)
09h45 – 11h30	Atividades organizadas/livres
11h30 – 11h45	Higiene
11h45 – 12h15	Almoço
12h15 – 12h45	Higiene e muda de fralda
12h45 – 15h00	Repouso
15h00 – 15h30	Higiene e muda de fralda
15h30 – 16h00	Lanche
16h00 – 18h00	Atividades livres e saída

2. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

2.1. Planificação geral

Segundo Post e Hohmann (2007), “os educadores proporcionam os materiais e as experiências que permitem que as crianças persigam os seus interesses em vez de tentarem estimular ou sobrecarregá-las com as coisas pelas quais os adultos gostariam que as crianças se interessassem.” (p.83), como tal, através de uma observação participativa e atenta, foi possível perceber as preferências do grupo relativamente às atividades e também algumas fragilidades existentes. Para além da observação foi também tido em atenção o plano de atividades estipulado no Projeto Pedagógico de Sala e ainda as opiniões da educadora cooperante, que inclusive aconselhou fazer-se as planificações semanais consoante os interesses e estado do grupo.

Assim sendo, a planificação geral foi elaborada em torno de atividades sensoriais (ver anexo B), exploração do espaço e dos materiais – algo que este grupo tem um grande prazer em fazer - e ainda atividades que ajudassem a melhorar os conflitos entre pares – a grande fragilidade deste grupo. É importante também referir que as planificações semanais foram realizadas de semana para semana (como sugeriu a educadora) uma vez que se tentou seguir os desejos e interesses das crianças, adequando a planificação conforme o que as crianças queriam e gostavam de fazer, isto porque os educadores “apoiam a interação continuada das crianças com materiais e atividades em que manifestem interesse, em vez de se centrarem e obrigarem as crianças a interagir com as coisas que não lhes despertam o interesse.” (Post & Hohmann, 2007, p.83).

Posto isto, após o diagnóstico feito ao grupo, ao longo da PPS pretende-se essencialmente que o grupo de crianças desenvolva:

- Atividades sensoriais com materiais diversificados, promovendo a exploração;
- Sessões de psicomotricidade através da exploração do espaço e de materiais;
- Momentos que fortaleçam as interações e melhorem as relações interpessoais;
- Atividades que aumentem as competências verbais.

As planificações semanais, de uma forma geral, incidiram especialmente em atividades sensoriais porque “a exploração sensório-motora conduz ao crescimento e

desenvolvimento do bebé e da criança pequena.” (Post & Hohmann, 2007, p.84) e também em atividades que melhorem os conflitos entre pares uma vez que “com o apoio dos educadores, as crianças pequenas desenvolvem e treinam a capacidade de resolver muitos dos seus próprios conflitos sociais.” (Post & Hohmann, 2007, p.92).

Assim sendo, no final da PPS, pretende-se que as crianças do grupo tenham tido a possibilidade de:

- Melhorar a tomada de iniciativa;
- Possuir uma maior autonomia;
- Possuir um maior autocontrolo;
- Melhorar as relações interpessoais;
- Contactar e explorar diversas sensações e diversos materiais;
- Brincar de forma livre explorando o espaço e materiais;
- Melhorar as competências verbais;
- Aumentar o vocabulário.

Para além do tipo de atividades que foram delineadas anteriormente, estão também previstas algumas dinamizações (de histórias e canções) com a equipa educativa de sala e também entre as estagiárias da PPS.

Por último, de forma a envolver as famílias durante o estágio e visto que no Projeto Pedagógico de Sala está determinado a necessidade do trabalho com as famílias, foi conversado com a educadora que seria importante a criação de um pequeno projeto no qual os pais pudessem participar (ver anexo A - nota de campo 6).

2.2. Planificação semanal e diária

Serão então apresentadas as planificações diárias e semanais das 6 semanas de estágio, sendo que foram planeadas ao longo da PPS e com o conhecimento de que poderiam sofrer ajustes e alterações.

Tabela 3 - Planificação semanal e diária da semana de 5 a 9 de janeiro de 2015

Data	Atividades	Descrição da atividade	Distribuição do grupo	Recursos
5/01	História “Um amigo como tu”	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar a atividade com todo o grupo sentado no tapete, em meia-lua, voltados para a estagiária; - Contar a história “Um amigo como tu” dinamizando-a com fantoches de dedo, representando as duas personagens da história – o panda e o macaco; - Depois de contada a história, questionar o grupo com questões simples sobre a amizade; - Deixar as crianças do grupo verem o livro sozinhas, com a supervisão de um adulto. 	Grande grupo, sentados no tapete	Livro infantil “Um amigo como tu”
	Exploração do corpo e movimento	<ul style="list-style-type: none"> - Inicialmente dividir o grupo em dois pequenos grupos, um fica na sala a fazer atividades orientadas ou livres, o outro fica na sala de psicomotricidade para a atividade planeada (ao longo da atividade troca-se as crianças); - Ao som de música, deixar as crianças dançarem livremente, explorando o corpo e diversos movimentos; 	Pequeno grupo, na sala da psicomotricidade	Leitor de cd's

		- Ao longo da atividade dar pequenas orientações para que dancem a pares, em trios, em roda, etc.		
6/01 (Dia de Reis)	Teatro de sombras	- Teatro de sombras sobre a história dos 3 reis magos dinamizado pelas estagiárias da PPS para todas as crianças da instituição.	Grande grupo, sentadas	Fantocheiro
	Canção alusiva ao dia	- Colocar a música a tocar na sala, a estagiária começa a dançar e convida as crianças a fazer o mesmo; - Cantar a música enquanto se dança, acentuando o refrão para que as crianças o aprendam;	Todo o grupo, de pé, na sala de atividades	Leitor de cd's
7/01	Atividade sensorial: massa mágica	- Inicialmente dividir o grupo em dois pequenos grupos, um fica na sala a fazer a atividade planeada, o outro fica na sala de psicomotricidade a brincar livremente; - Vestir as batas às crianças, coloca-las em frente a um recipiente (espécie de tupperware); - Colocar farinha Maizena juntamente com água em cada recipiente, deixar as crianças explorarem como quiserem;	Pequeno grupo, na sala de atividades	Farinha Maizena, água, recipientes
8/01	História “Um amigo como tu”	- Iniciar a atividade com todo o grupo sentado no tapete, em meia-lua, voltados para a estagiária; - Contar a história “Um amigo como tu” dinamizando-a com fantoches de dedo, representando as duas personagens da história – o panda e o macaco; - Depois de contar a história pedir que as crianças as recontem, auxiliando-as;	Grande grupo, sentados no tapete	Livro infantil “Um amigo como tu”

	Pintura com pincéis a pares	- Inicialmente dividir o grupo em dois pequenos grupos, um fica na sala a fazer a atividade planeada, o outro fica na sala da tina de areia a brincar livremente; - Vestir as batas às crianças, coloca-las a pares em frente a uma folha A3, deixando-as pintar com um pincel, da forma que quiserem;	Pequeno grupo, a pares, na sala de atividades	Folhas A3, recipientes com tinta
09/01	Projeto Manhãs espetaculares			

Tabela 4 - Planificação semanal e diária da semana de 19 a 23 de janeiro de 2015⁵

Data	Atividades	Descrição da atividade	Distribuição do grupo	Recursos
19/01	Atividade sensorial: pintura com as mãos	- Inicialmente dividir o grupo em dois pequenos grupos, um fica na sala a fazer a atividade planeada, o outro fica na sala da psicomotricidade a brincar livremente; - Vestir as batas às crianças, coloca-las em frente a uma folha A3, deixando-as pintar com as mãos na folha;	Pequeno grupo, na sala de atividades	Folhas A3, recipientes com tinta
20/01	Atividades livres	- Brincar livremente em grande grupo no salão da instituição;	Grande grupo, no salão da instituição	-----
21/01	Atividade sensorial: brincar com gelatina	- Inicialmente dividir o grupo em dois pequenos grupos, um fica na sala a fazer a atividade planeada, o outro fica na sala da psicomotricidade a brincar livremente;	Pequeno grupo, na sala de atividades	Recipientes com gelatina

⁵ Esta semana foi planificada com algumas atividades que já estavam anteriormente planificadas para a semana de 19 a 23 de janeiro que por motivos de saúde não se realizou.

		- Vestir as batas às crianças, coloca-las em frente a um recipiente com gelatina (sabor a morango e a ananás) deixando-as explorar livremente com os vários sentidos (tato, olfato, paladar, visão);		
22/01	Explorar na Biblioteca	- Inicialmente dividir o grupo em dois pequenos grupos, um fica na sala a fazer a atividades livres ou orientadas, o outro fica na biblioteca a fazer a atividade planeada; - Deixar as crianças explorarem livremente os livros da biblioteca; - Ler algumas histórias caso as crianças o solicitem.	Pequeno grupo, na biblioteca infantil da instituição	-----
23/01	Projeto Manhãs espetaculares			

Tabela 5 - Planificação semanal e diária da semana de 26 a 30 de janeiro de 2015

Data	Atividades	Descrição da atividade	Distribuição do grupo	Recursos
26/01	Atividade sensorial: massa de farinha	- A atividade é realizada com um pequeno grupo de crianças numa mesa, sendo que as restantes estão nas atividades livres da sala; - É entregue a cada criança um pedaço da massa de farinha, deixando-as explorar livremente com os vários sentidos (tato, olfato, paladar, visão);	Pequeno grupo, na sala de atividades	Massa de farinha previamente feita
27/01	Jogos heurísticos	- Inicialmente dividir o grupo em dois pequenos grupos, um fica na sala a fazer a atividade planeada, o outro fica no terraço exterior a brincar livremente; - É colocado no centro da sala de atividades, 2 caixas de cartão com diversos objetos do dia-a-dia lá dentro;	Pequeno grupo, na sala de atividades	2 Caixas de cartão com variados objetos do dia-a-dia

		- Deixar que as crianças explorem livremente os variados objetos;		
28/01	Atividade sensorial: digitinta	- Inicialmente dividir o grupo em dois pequenos grupos, um fica na sala a fazer a atividade planeada, o outro fica na sala da tina de areia a brincar livremente; - Vestir as batas às crianças, coloca-las em frente a uma mesa; - Colocar um pouco da digitinta (farinha, água e tinta) na mesa e deixar a criança explorar livremente com as mãos, fazendo desenhos; - No final, colocar uma folha A3 por cima da digitinta e “fazer a impressão” do desenho.	Pequeno grupo, na sala de atividades	Farinha, água, tinta e folhas A3
29/01	Atividade de movimento e exploração de caixas	- Inicialmente dividir o grupo em dois pequenos grupos, um fica na sala a fazer a atividades livres ou orientadas, o outro fica na sala da psicomotricidade a fazer a atividade planeada; - É colocado pela sala de psicomotricidade diversas caixas de cartão de diferentes tamanhos e deixa-se que as crianças as explorem livremente;	Pequeno grupo, na sala da psicomotricidade	Caixas de cartão de diferentes tamanhos
30/01	Projeto Manhãs espetaculares			

Tabela 6 - Planificação semanal e diária da semana de 2 a 6 de fevereiro de 2015

Data	Atividades	Descrição da atividade	Distribuição do grupo	Recursos
2/02	Canção: "Animais da quinta"	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar a atividade com todo o grupo sentado no tapete, em meia-lua, voltados para a estagiária; - Começar a cantar a canção, por frases, uma de cada vez e esperar que as crianças repitam; 	Grande grupo, sentados no tapete	Imagens dos animais da quinta
	Deslocamento dos animais	<ul style="list-style-type: none"> - Inicialmente dividir o grupo em dois pequenos grupos, um fica na sala a fazer atividades livres ou orientadas, o outro fica na sala da psicomotricidade a fazer a atividade planeada; - Começa-se por mostrar a imagem de um animal da quinta e pergunta-se ao grupo como acham que este animal se descola e imita-se o deslocamento do animal, de acordo com o que as crianças disseram; - Repete-se o processo para os restantes animais da quinta; 	Pequeno grupo, na sala da psicomotricidade	Imagens dos animais da quinta
3/02	Reconhecer, nomear e apontar	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar a atividade com todo o grupo sentado no tapete, em meia-lua, voltados para a estagiária; - Apresentar as imagens dos animais da quinta, pedir as crianças que digam qual é e qual o som que o animal faz; - Posteriormente mostrar uma imagem com diversos animais e pedir que apontem para os animais que são da quinta; 	Grande grupo no tapete	Imagens dos animais da quinta

4/02	Identificação e recorte de animais em revistas	<ul style="list-style-type: none"> - A atividade é realizada com um pequeno grupo de crianças numa mesa, sendo que as restantes estão nas atividades livres da sala; - É disponibilizado às crianças algumas revistas e pede-se que procurem e identifiquem os animais da quinta; - Quando uma criança encontra o animal o adulto ajuda a criança a recortar; 	Pequeno grupo, na sala de atividades	Revistas e tesouras de pontas arredondadas
5/02	Colagens com as imagens das revistas recolhidas	<ul style="list-style-type: none"> - A atividade é realizada com um pequeno grupo de crianças numa mesa, sendo que as restantes estão nas atividades livres da sala; - É disponibilizado às crianças as imagens que recortaram no dia anterior e colocado à frente das crianças uma folha A3 onde têm de colar (à vontade) as imagens dos animais. 	Pequeno grupo, na sala de atividades	Folha A3, cola branca e imagens recortadas
6/02	Projeto Manhãs espetaculares			

Tabela 7 - Planificação semanal e diária da semana de 9 a 13 de fevereiro de 2015

Data	Atividades	Descrição da atividade	Distribuição do grupo	Recursos
9/02	Pintura com esponja: Criação das máscaras de carnaval	<ul style="list-style-type: none"> - A atividade é realizada com uma criança numa mesa, sendo que as restantes estão nas atividades livres da sala; - É disponibilizado à criança uma cartolina branca e um recipiente com tinta e uma esponja; - Pede-se à criança que pinte a cartolina com a esponja; 	Individual, na sala de atividades	Recipiente com tinta, esponja e cartolina branca

10/02	Pintura com esponja: criação das máscaras de carnaval	<ul style="list-style-type: none"> - A atividade é realizada com uma criança numa mesa, sendo que as restantes estão nas atividades livres da sala; - É disponibilizado à criança uma cartolina branca e um recipiente com tinta e uma esponja; - Pede-se à criança que pinte a cartolina com a esponja; 	Individual, na sala de atividades	Recipiente com tinta, esponja e cartolina branca
11/02	Pintura com os pés: criação de um mural	<ul style="list-style-type: none"> - Inicialmente dividir o grupo em dois pequenos grupos, um fica na sala a fazer atividades livres ou orientadas, o outro fica na sala da psicomotricidade a fazer a atividade planeada; - As crianças fazem a atividade uma de cada vez; - Coloca-se no chão o papel de cenário, descalça-se a criança e ajuda-se a molhar os pés em tinta; - Posteriormente auxilia-se a criança a andar sobre o papel de cenário; - Repete-se o processo para todas as crianças. 	Pequeno grupo, na sala da psicomotricidade	Recipientes com tinta e papel de cenário
12/02	Atividade de movimento: dançar e parar	<ul style="list-style-type: none"> - A atividade é realizada com todo o grupo, de pé, na sala de atividades; - Coloca-se música a tocar e pede-se que as crianças dançam livremente; - Para-se a música e pede-se às crianças que parem de dançar; - Coloca-se novamente a música a tocar e pede-se que as crianças dançam livremente e que parem quando a música parar; 	Grande grupo, na sala de atividades	Leitor de cd's
13/02	Comemorações de Carnaval – Desfile e Baile de máscaras (ver anexo C)			

2.3. Identificação da problemática

Durante toda a Prática Profissional Supervisionada não surgiu qualquer ideia ou tema sobre a problemática que poderei vir a desenvolver futuramente.

3. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO

3.1. Avaliação pessoal semanal (autoavaliação)

3.1.1. Semana de 9 a 12 de dezembro

Reflexão diária do dia 9

Durante a história da manhã, foram poucas as crianças que se mostraram concentradas e interessadas em ouvir a história. A maioria das crianças, quando a educadora cooperante começou a contar a história, levantaram-se e foram brincar. Pude perceber que os picos de atenção destas crianças são muito reduzidos. Conversei com a educadora sobre esta situação e esta respondeu-me que não obriga as crianças a ouvirem a história, ficam as que querem. Se obrigar as que não querem a ficarem sentadas vão acabar por destabilizar as crianças que estão interessadas.

Reflexão diária do dia 12

Hoje o pai do Eduardo ficou algum tempo na sala à tarde quando veio buscá-lo. Por norma o Eduardo é um menino calmo e que respeita o que o adulto diz, no entanto com a presença do pai na sala, o Eduardo ficou extremamente agitado, não respeitava o que o pai lhe dizia e também o que a educadora lhe pedia. A situação deixou-me desconfortável e com muitas questões visto que o Eduardo é sempre calmo mas com o pai a postura altera-se por completo, fazendo-me pensar que talvez não existam regras em casa.

Reflexão semanal

A semana de observação em contexto de pré-escolar iniciou-se na terça-feira, uma vez que na segunda-feira tinha sido feriado. Desde logo, assim que entramos (eu e as minhas duas colegas que estão na mesma instituição) deparamo-nos com alguns

aspectos que nos chamaram logo a atenção. Esses aspectos dizem respeito essencialmente à decoração dos corredores e portas da sala e à informação que está afixada. Quero com isto dizer que, reparamos imediatamente que os corredores são muito bem decorados, não só por trabalhos realizados pelas crianças mas também pelas educadoras, este trabalho das educadoras passa pela informação que transmitem ao colocar cartazes com imagens das atividades que fizeram com as crianças, de novidades, de notícias (existe inclusive um jornal mensal afixado que é feito pela equipa de educadoras) e também de planificações semanais que estão afixadas à entrada de cada sala para que os encarregados de educação estejam sempre a par do que se irá fazer ao longo da semana, servindo também de memorando às educadoras.

Feitas as observações relativamente à exposição dos trabalhos, fomos muito bem recebidas pela Diretora do estabelecimento que nos começou logo por explicar a história da instituição, uma vez que até 2011 pertencia à Segurança Social e a partir desse ano passou a pertencer à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Uma vez que a instituição que rege o estabelecimento se alterou a diretora Patrícia explicou-nos que também a organização e funcionamento mudaram, ou seja, algumas pessoas que trabalhavam no estabelecimento foram embora tendo de ser contratadas outras pessoas e ainda foram alteradas outras situações como por exemplo, passou a ser obrigatório que as educadoras fizessem um projeto pedagógico de sala, algo que não acontecia até 2011. Outro aspeto que a diretora referiu foi a dinâmica existente entre todas as educadoras e as auxiliares, uma vez que estas formam uma grande equipa, ou seja, não é cada uma por si, algo que pude verificar e que explicarei mais adiante). Após nos explicar como tudo funcionava e como estava organizada a instituição, a diretora levou-nos a conhecer o estabelecimento e também toda a equipa que pertence à instituição (desde educadoras a auxiliares gerais). Feita a visita a todo o estabelecimento eu e as minhas colegas organizamo-nos para decidir quem ficava em que sala. Inicialmente tinha preferência por ficar numa das salas dos mais pequenos, por exemplo no berçário, mas uma vez que nós três queríamos o mesmo acabei por decidir que ficava com a sala dos 2 anos – 2, com a educadora Helena Gonçalves, (habitualmente tratada por Lena) e as duas auxiliares, Fernanda (Nanda) e Inês.

Atribuídas as salas a cada estagiária, dirigi-me à sala dos dois anos onde pude conhecer melhor a educadora Lena assim como as auxiliares e as crianças. Neste primeiro contacto com o grupo tentei não me intrometer demais nas brincadeiras das crianças esperando que estas me procurassem e me quisessem conhecer, mantive-me

sempre numa postura mais observante para que pudesse ir percebendo como é o grupo e as suas rotinas. Durante a manhã tive ainda a oportunidade de conversar com a educadora, uma vez que a educadora Lena queria saber quais as experiências que tinha e que aspetos me preocupavam, questões às quais fui bastante sincera uma vez que ainda não tinha tido qualquer experiência em contexto de creche. A educadora Lena, percebendo as minhas preocupações explicou-me como tudo ali funcionava e acalmou-me dizendo que me ia adaptar muito bem e que ia gostar muito da experiência. Ao longo dos primeiros dois dias fui tentando aproximar-me mais das crianças, oferecendo-me para brincar e ajudar, tendo sido bastante bem recebida pelo grupo, exceto algumas crianças que são um pouco mais reservadas. Relativamente a este aspeto a educadora explicou-me que não me deveria preocupar e que devo deixar que sejam as crianças a procurar-me e não o contrário. Ainda no decorrer do primeiro dia pude perceber que se trata de um grupo bastante agitado e com poucas regras (segundo a educadora estas crianças não sabem aceitar as regras e o não), mas bastante ativo e recetivo as atividades que a educadora propõe.

Ao longo da restante semana fui percebendo como funciona a rotina do grupo, o tipo de atividades que realizam, como estão organizados os dias da semana uma vez e também mais algumas características do grupo. Em relação a organização dos dias semana a educadora explicou-me que à segunda as crianças podem ir para a sala da psicomotricidade, às terças podem ir para o salão da instituição (onde existem diversos brinquedos), as quartas são destinadas ao trabalho com os pais ou à saída da escola, às quintas fazem-se atividades na biblioteca e às sextas são as manhã espetaculares em que são reunidas todas as salas para fazerem uma atividade dinamizadas por todas as educadoras. A educadora Lena explicou-me que devo tentar manter estes dias nas planificações que irei realizar. Pude ainda durante a semana de observação conversar muito com a educadora, perceber como esta trabalha, os seus ideais e objetivos, uma vez que acho importante, quando pegar no grupo em janeiro, tentar seguir as linhas orientadoras da educadora para que o grupo se sinta confortável e espetável em relação ao que vai acontecer.

Agora, relativamente às auxiliares, pude observar que não existe uma diferença marcada entre auxiliares e educadora, estas trabalham de facto em equipa, complementam-se e têm todas as mesmas responsabilidades, no entanto, obviamente que é a educadora Lena que pega mais no grupo e que organiza a semana e as atividades. Esta questão do trabalho entre a educadora Lena e as auxiliares Nada e

Inês deixou-me bastante agradada uma vez que considero que esta boa dinâmica entre elas beneficia as crianças e também o trabalho dos adultos pois podem sempre contar com o apoio umas das outras. Esta questão foi algo que presenciei e também senti, uma vez que as 2 auxiliares da sala se demonstraram bastante acessíveis e prontas a ajudar-me no que eu precisasse, algo que também fiz questão de lhes transmitir da minha parte, mostrando-me sempre disponível e acessível.

Relativamente a situações mais marcantes, um dos momentos que mais me marcou e preocupou esta semana, aconteceu na quinta-feira, numa situação em que me encontrei sozinha com uma das auxiliares a tomar conta do grupo, uma vez que a educadora Lena estava numa reunião de estudo de caso sobre uma criança e a outra auxiliar estava a ajudar noutra sala, ficando eu e Nanda sozinhas com o grupo. Esta situação deixou-me bastante preocupada porque o grupo estava muito agitado e muito barulhento, e não estávamos a conseguir controlar o grupo. No meu caso, senti que ainda não tenho à vontade e experiência suficiente para pegar no grupo e propor uma atividade, logo senti-me um pouco impotente e desorientada sem saber o que poderia fazer para acalmar o grupo. Durante esta situação lembrei-me algumas vezes em deitar-me no chão e esperar que as restantes crianças me imitassem (umas vez que nestas idades elas funcionam muito por imitação) e tentar desta forma acalmá-las, mas uma vez que não tenho qualquer experiência com crianças desta idade, não sabendo se era apropriado e também não tinha confiança para o fazer, resolvi não fazê-lo e tentar controlar o grupo como conseguisse, algo que não resultou tão bem.

Mais tarde quando a educadora Lena voltou à sala a auxiliar Nanda explicou-lhe que tinha sido uma tarde muito agitada e complicada e que foi difícil só nos duas controlarmos o grupo. Nesse momento aproveitei para expor à educadora que a situação da tarde me tinha deixado bastante preocupada pois tenho receio que em janeiro quando estiver com o grupo não consiga controlá-lo. A educadora Lena mostrou-se muito compreensiva e explicou-me que é importante que eu vá tendo a noção de como é o grupo e que poderão existir momentos que por vezes fogem do nosso controlo, no entanto não é caso para me preocupar tanto uma vez que aos poucos vou ganhando experiência e vou sabendo que estratégias funcionam ou não e ainda que ela estará sempre disponível para me orientar e ajudar. Como tal, aproveitei e partilhei com a educadora Lena a ideia que tive quando o grupo estava agitado e que decidi não fazê-lo pois não sabia se era adequada, ao que a educadora respondeu dizendo que quando tenho estas ideias devo fazê-las porque podem resultar e caso não resultem aprendo

com isso e aprendo também a improvisar até chegar a uma atividade que de facto resulte com o grupo. A educadora referiu ainda que este grupo funciona bastante por imitação, portanto se eu de facto me deitasse no chão e por exemplo apagasse as luzes, que sem dúvida o grupo faria o mesmo e poderia entretanto improvisar e fazer alguns exercícios no chão (como rebolar, abrir e fechar as pernas, levantar e baixar) e que o grupo iria aderir muito bem, tinha apenas que tentar e experimentar. A conversa com a educadora deixou-me muito mais calma e de certa forma aliviada uma vez que poderei sempre por em prática as ideias que tenho e ajustá-las caso não resultem tão bem. Ainda noutros momentos de conversa com a educadora fui esclarecendo algumas dúvidas relativamente a atividades que poderei fazer com o grupo em janeiro e a educadora também me informou no trabalho que fazem com os pais, uma vez que os tentam envolver o máximo que puderem, algo que terei também de fazer em janeiro e qual aprecio bastante, uma vez que acho muito importante que os pais participem na vida dos filhos na creche e que se envolvam nas atividades.

Para além das conversas informais que fui tendo com a educadora Lena na sala de atividades, pude também participar nas horas de registo das educadoras, ou seja, estas depois de almoço juntam-se todas na sala das educadoras para decidir algumas coisas relativamente a atividades que fazem juntas, nesta semana em específico estava em questão a festa de natal e o que iriam fazer. Deixou-me muito agradada a dinâmica que existe entre as educadoras e o facto de estas tentarem fazer sempre tudo em conjunto e todas darem as suas opiniões e sugestões. De relevar também que nos incluíram nestas decisões perguntando sempre o que nós, estagiárias, achávamos.

Concluindo, considero que esta primeira semana de observação me possibilitou ficar a conhecer melhor o grupo de crianças com quem irei trabalhar, permitiu também que ganhasse a confiança das crianças e que estas se habituassem há minha presença. Segunda a educadora Lena, esta considera que eu fui muito bem aceite pelo grupo e tive a postura correta para os conquistar. Desta forma, penso que será mais fácil, uma vez que já conheço um pouco o grupo, conseguir planear atividades que sejam do agrado das crianças e adaptadas a estas com base nas conversas que fui tendo com a educadora. Também o facto de a educadora e as auxiliares se mostrarem tão acessíveis para comigo me deixou mais confiante para mais tarde interagir com o grupo. A dinâmica que as educadoras nos transmitiram fez-me perceber também que poderei fazer algumas atividades em conjunto com as minhas outras duas colegas para todas as salas, algo que a educadora Lena fez questão de confirmar dizendo que devemos

sempre aproveitar o facto de trabalharmos bem em conjunto, pois beneficiará as crianças e proporcionar-lhes-á grandes momentos.

Desta forma, sinto que muitas das preocupações que tinha desapareceram à medida que fui conversando e conhecendo a educadora Lena, mas claro que também tantas outras surgiram, no entanto sei que a educadora e as auxiliares estarão disponíveis para me ajudar e orientar no que for preciso, uma vez que estas no último dia fizeram questão de me dizer que poderei sempre recorrer a elas se precisar pois estão ali para me ensinar e também aprender comigo. Todo este apoio que senti deixou-me feliz, confiante e entusiasmada para estagiar em janeiro, pois sei que poderei arriscar e propor atividades e que terei o apoio da educadora e auxiliares caso precise.

3.1.2. Semana de 5 a 9 de janeiro

Reflexão diária do dia 5

O dia foi marcado por não ter sido possível realizar a atividade planeada. A atividade era de dança, mas o grupo estava excessivamente agitado para fazer uma atividade que os excitaria ainda mais. A educadora explicou-me que às segundas-feiras é melhor fazerem-se atividades mais relaxante uma vez que eles vêm muito agitados do fim-de-semana.

Reflexão diária do dia 7

De manhã, assim que cheguei à sala, algumas crianças vieram cumprimentar-me, uma delas depois de me abraçar, puxou-me pela mão e levou-me até ao tapete. Pegou num livro da biblioteca e começou a apontar para as figuras do livro para que eu disse-se os nomes, depois de eu o fazer duas vezes inverti a leitura, ou seja, apontava eu para as figuras e o Diego S. dizia os seus nomes, algo que ele apreciou bastante uma vez que o fizemos várias vezes seguidas. Entretanto à tarde, quando já algumas crianças se tinham ido embora, o Diego chamou-me e já estava sentado no tapete com o mesmo livro, insinuando que queria lê-lo comigo. Fui ter com ele e repetimos a atividade. Pude perceber que o Diego estava bastante interessado em fazer este pequeno exercício e como tal aproveitei para o fazer com outros livros para tentar, aos poucos, aumentar o vocabulário do Diego (ver anexo A - nota de campo 6).

Reflexão diária do dia 8

Durante a muda de uma fralda, a criança em questão, enquanto eu punha a pomada, estava a mexer muito na pilinha. Eu, uma vez que estava a por a pomada, expliquei-lhe: "David não mexas na pilinha que ficas com as mãos sujas de creme! Dói-te?", ao qual a criança me responde: "Não! A pilinha é para as meninas! ". Tal resposta deixou-me perplexa e na altura sem reação! Entretanto, recompus-me, continuei a pôr-lhe a fralda e respondi-lhe explicando: "David, os meninos têm uma pilinha e as meninas um pipi!". Depois de acabar a muda da fralda, comentei com a educadora a situação e conversámos, concordando que este tipo de linguagem deve vir de casa, das coisas que ouve ou que dizem à criança, algo que nos deixa preocupadas, uma vez que a educação que dão à criança em casa não parece ser a mais correta, porque não são conversas para se ter com uma criança de apenas 2 anos.

Reflexão diária do dia 9

Tenho percebido ao longo desta primeira semana que uma das crianças, o Diego C., diz uma única palavra. A criança em questão já tem 27 meses. O Diego só comunica através de gestos e sons. Quando apontamos para um animal, um porco por exemplo, a criança faz o barulho do animal mas não é capaz de dizer o nome, mesmo depois de nós o dizermos. Perguntei à educadora sobre esta situação que me respondeu que já tinha encaminhado o Diego para estudo de caso.

Reflexão semanal

A primeira semana de estágio em contexto de creche iniciou-se na segunda-feira, sendo que existia uma planificação a ser seguida para toda a semana. Contudo, logo pela manhã de segunda-feira, não foi possível realizar-se a atividade planeada, ou seja, a semana começou com uma alteração à planificação inicial. Algo que já previa que poderia acontecer, isto porque, com crianças tão pequenas, é necessário ajustar-se sempre as atividades ao grupo. Para este dia estava planeada uma atividade de música e dança na sala de psicomotricidade, com o objetivo de exploração do corpo, do espaço, do som e também da interação entre pares. No entanto, uma vez que o grupo se encontrava muito agitado nessa manhã a educadora cooperante sugeriu realizar-se antes uma atividade de pintura porque é algo que relaxa bastante as crianças, algo que me pareceu adequado à situação e com o qual concordei. Deste modo, compreendi que no início da semana se devem realizar atividades mais relaxantes uma vez que as

crianças estão mais excitadas quando regressam do fim-de-semana, algo que terei em conta nas planificações das restantes semanas. Esta foi uma atividade que orientei sozinha e que correu bem mesmo não tendo sido planeada. É importante referir que a atividade foi realizada a trios, ou seja, três crianças a pintar na mesma folha, facilitando assim que as interações aumentem e melhorem as relações interpessoais, que alias era um dos objetivos para a semana. Portanto, apesar do ajuste feito à planificação, os objetivos foram cumpridos com a atividade.

Relativamente ao segundo dia, terça-feira, este correu como planeado. Era Dia de Reis e as estagiárias da instituição encenaram uma pequena peça de teatro de sombras para todas as crianças da instituição, momento ao qual as crianças do grupo com que estou a estagiar prestaram muita atenção e mostraram-se interessadas. Ainda neste dia, á tarde, realizei uma atividade que não estava planeada inicialmente, mas que me pareceu apropriada uma vez que o grupo se encontrava muito irrequieto. Nesse aspeto, decidi começar a fazer bolinhas de sabão, sozinha, na zona do tapete e perceber que impacto tinham sobre o grupo. Rapidamente algumas crianças se juntaram a mim, divertidas a querer rebentar as bolinhas de sabão e quando dei por mim, tinha todo o grupo sentado ao meu lado a querer fazer bolas de sabão comigo. Percebi de imediato que esta era uma boa atividade para os relaxar, acalmar e mantê-los perto de mim e mais sossegados quando estivessem mais agitados. Ao longo da semana repeti esta atividade praticamente todos os dias, por norma depois do lanche da tarde, de forma a tentar acalma-los e a diverti-los também. Juntamente com as bolinhas de sabão fui introduzindo uma canção (sobre as mesmas) à qual as crianças reagiram bem tentando canta-la comigo sempre que o faço, isto porque “os livros, brinquedos, jogos, música ou canções deverão ser cuidadosamente escolhidos, de forma a serem responsivos à pluralidade de experiências que se deseja que a criança possa viver.” (Formosinho & Araújo, 2013). Para além da parte lúdica da atividade, tenho-a aproveitado para tentar introduzir algumas regras ao grupo, uma vez que estes ainda não respeitam muito as regras. Neste sentido, combinei com o grupo que teriam de se sentar todos para eu poder fazer as bolas de sabão e que não se poderiam levantar quando as fizesse, algo que é muito difícil as crianças respeitarem uma vez que só querem pôr-se de pé e rebentarem as bolas. Mas considero que aos poucos algumas crianças vão compreendendo o conceito, embora seja algo que demora o seu tempo.

Na quarta-feira foi realizada a atividade planeada, que consistia em brincar com “massa mágica” (farinha Maizena + água), atividade que fez um grande sucesso entre

as crianças, uma vez que se mostraram muito concentradas e divertidas em mexer na massa. Esta atividade permitiu que a criança explorasse a consistência da massa e a sua textura, uma vez que a massa inicialmente é rija mas ao pegar nela fica líquida, algo que fascina as crianças. É ainda de salientar o quão relaxante é a atividade, uma vez que acalma bastante as crianças. O facto de expor o grupo “à experiencialidade, à exploração, à descoberta, [leva] a criança [a ser] imersa num mundo de experiências sensoriais que são a primeira forma de razão, inteligência e emoção.” (Formosinho & Araújo, 2013), indica-me o quão importante são estes tipo de atividades. Pude também perceber com esta atividade, que é algo que este grupo gosta particularmente de fazer e que os níveis de concentração aumentam significativamente. Isto porque, por norma as crianças deste grupo têm níveis de concentração muito baixos, as brincadeiras que fazem habitualmente na sala duram muitos poucos minutos e andam sempre a trocar de brincadeira. No caso desta atividade, as várias crianças conseguiram estar concentradas, calmas e divertidas por um bom período de tempo, algo que tenho tentado inculcar no grupo e quero continuar a fazer – alargar os períodos de concentração. Para além do intuito relaxante e de fomentar a concentração, “é também central que os materiais pedagógicos transportem mensagens e criem oportunidades, sejam responsivos às diferenças, às motivações, aos ritmos, a cada identidade ou grupo.” (Formosinho & Araújo, 2013).

Por sua vez, na quinta-feira, a atividade inicialmente planeada não foi cumprida, isto porque, para este dia estava planeada uma atividade de pintura, algo que acabaram por fazer logo na segunda-feira pelos motivos explicados anteriormente. Deste modo, decidi que poderiam fazer a atividade que deveria ter sido feita na segunda-feira, de música e dança, desta forma os planos da semana seriam cumpridos, mas com um ajuste nos dias. Posto isto, a meio da manhã dirigi-me com algumas crianças para a sala de psicomotricidade, onde coloquei música com o intuito de estas dançarem. Inicialmente deixei que o pequeno grupo dançasse à vontade, explorando o corpo e o espaço da forma que quisessem e só posteriormente é que fui dando algumas indicações (demonstrando), esperando que o grupo reagisse ao que eu fazia. O grupo reagiu muito bem, mostraram-se divertidos e interessados na atividade, e dançaram durante algum tempo a pares, que era o objetivo principal da atividade, promover a aceitação do outro e as relações interpessoais.

Por último, na sexta-feira realizou-se o projeto manhãs espetaculares com a dinamização de uma história, realizada por uma das educadoras da instituição. No

momento da dinamização, todas as crianças da instituição e encontravam na sala da educadora e, apesar de toda a agitação por estarem presentes todas as crianças, o grupo da sala onde estou, mostrou-se interessado na história que estava a ser contada.

Para além das alterações que se fizeram à planificação pensada para a semana, houve ainda situações que dão muito que pensar e que me fazem levantar várias questões. Essas situações dizem respeito às brigas que vão existindo ao longo do dia entre as crianças e que são muito recorrentes. Sei que nestas idades é habitual a disputa de brinquedos entre crianças e chorarem com muita frequência. Muitas vezes para resolver estas questões tenho de usar muito a palavra não, algo que as crianças desta sala não aceitam bem. Como tal, tenho percebido que muitas das vezes tenho de ser mais persistente que as crianças e manter a minha palavra quando converso com a criança, algo que admito ser bastante difícil umas vezes que é requerido muita paciência e persistência para lidar com estas situações. Contudo, este assunto sobre as brigas entre o grupo será mais tarde abordado noutra reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Formosinho, J. O. & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora

3.1.3. Semana de 12 a 16 de janeiro

Reflexão diária do dia 16

Hoje regressei ao estágio, depois de ter estado ausente toda a semana por motivos de saúde. No entanto deparei-me com a dificuldade em acompanhar o grupo por falta de energia (devido ao meu estado de saúde).

Reflexão semanal

Relativamente à semana de 12 a 16 de janeiro, ficou marcada pela minha ausência devido a um problema de saúde que me impediu de estar com as crianças da instituição, sendo que voltei ao estágio apenas na sexta-feira (dia 16).

Desta forma, a presente reflexão diz respeito apenas ao dia em que voltei e o qual foi marcado por algumas reuniões da educadora com os pais. Felizmente tive a oportunidade de participar nessas reuniões e ficar a perceber um pouco o que é pretendido pela educadora quando se reúne com os pais nesta altura do ano letivo.

Deste modo, as reuniões em questão tinham como objetivo fazer um balanço sobre a adaptação da criança à creche, isto porque, “a adaptação à creche é um processo muito mais complexo do que se poderia supor e que durante determinadas fases de desenvolvimento é de esperar o ressurgimento de comportamentos negativos” (Portugal, 2003, p.184). Neste sentido, a educadora questionava os pais sobre o que achavam relativamente ao processo de adaptação do respetivo filho, mais precisamente se notaram algumas alterações no comportamento da criança desde o início do ano letivo, se achavam que a criança tinha evoluído em alguma área em específico e também a opinião que tinham relativamente ao trabalho da equipa educativa. Assim, estas reuniões possibilitaram à educadora perceber um pouco mais a opinião dos pais e o que estes esperam que o filho alcance durante o ano letivo em questão. Ainda nestas reuniões a educadora apresentou aos pais o Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) de cada criança, explicando-lhes que o dito documento contém os objetivos para cada área do desenvolvimento que a criança deverá alcançar e também o tipo de atividades que se realizarão com as crianças, para que os pais fiquem a conhecer o que é espetável que a criança alcance e as estratégias para o fazer. O PDI será atualizado ao longo dos meses, contendo as vitórias da criança e também novos objetivos adequados à criança em questão, consoante o seu desenvolvimento.

Posto isto, com base no que observei nas reuniões em que pude participar, considero uma mais-valia estes encontros que tem essencialmente como objetivo fazer um balanço do “caminho” que a criança está a percorrer. Pude perceber, consoante as reuniões a que pude assistir, que existe uma grande preocupação por parte da educadora em estabelecer uma ligação com os pais e principalmente deixar claro aos progenitores que é primordial que exista uma complementação do trabalho que fazem, isto é, o trabalho que a educadora e a equipa educativa da sala fazem deve ser um complemento do trabalho que os pais fazem em casa e não o contrário, que infelizmente, é o que por vezes acontece. Ou seja, “por vezes, a permissividade [dos pais] tem a ver com um sentimento de impotência perante os comportamentos da criança. Os pais como que desistem do seu papel disciplinador.” (Portugal, 2003, p.126), logo se em casa as crianças não têm regras nem são ensinadas com comportamentos básicos e essenciais, na creche será difícil o educador impor também regras que são essenciais à vida social da criança. Esta questão, de complementaridade entre o trabalho da educadora e dos pais, deixou-me um pouco reticente uma vez que pude observar o défice que existe relativamente a esse aspeto. Percebi, com base no que

observei, que por vezes são apenas as educadoras a trabalhar com as crianças, o esforço vem apenas por parte da creche em fazer com que a criança se desenvolva integralmente, sendo que em casa essa evolução, por vezes, regride, porque “se alguns pais são extremamente calorosos e consistentes nas suas regras e limites, outros falam e ameaçam demais, sendo imprecisos acerca do que pretendem ou toleram” (Portugal, 2003, p.126), algo que se tem verificado neste grupo.

Estas são o tipo de questões que me fazem refletir, pensar e questionar: será apenas o trabalho da educadora suficiente para que a criança tenha um crescimento pleno e completo, e um desenvolvimento saudável e íntegro? Arrisco dizer que não, uma vez que considero que a educadora e a equipa educativa não conseguirão fazer um trabalho completo, coeso e que apresente resultados se em casa esse trabalho não é continuado, aliás “o controlo parental diz respeito ao grau de restringimento imposto pelos pais, o que não é sinónimo de regras e limites. Os pais podem ser pouco restritivos e terem regras claras e bem definidas.” (Portugal, 2003, p.126), portanto se os pais em casa não são assertivos nem coerentes, é difícil para um educador conseguir sê-lo também na creche.

Concluindo, a presente reflexão não reflete a semana que passou, uma vez que infelizmente não pude intervir, reflete apenas uma questão, que para mim, é muito importante e sobre a qual achei necessário refletir. Visto que tive a oportunidade de participar nas reuniões que são feitas com os pais, não só me permitiu perceber qual o trabalho que um educador faz nestas situações, como também perceber que nem sempre o trabalho do educador com a criança e o percurso que constrói com esta é facilitado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Portugal, G. (2003). Crianças, Famílias e Creches: Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche. Porto: Porto Editora

3.1.4. Semana de 19 a 23 de janeiro

Reflexão diária do dia 19

Hoje a atividade de pintura com as mãos correu como planeada, foi um momento muito gratificante. As crianças aderiram muito bem à atividade e pude perceber o quão

relaxante são este tipo de atividades. As crianças mostraram-se muito concentradas, calmas e em silêncio enquanto faziam a atividade.

Reflexão diária do dia 20

Durante a hora de almoço, a Laura e o Diogo S. começaram a brincar com a comida e a atirar massa um ao outro. A educadora cooperante chamou os dois a atenção e explicou que não o deviam fazer. Entretanto as crianças continuaram com a brincadeira, sempre divertidas e a auxiliar, sabendo que a educadora já os tinha chamado à atenção, voltou a dizer-lhes para pararem quietos, ao qual as duas crianças ignoraram. Percebendo que as crianças continuavam com a mesma situação, separei-as, afastei-as da mesa, expliquei-lhes que não era o correto o que estavam a fazer e que os tinha afastado porque não ouviram o que a Lena e a Nanda disseram. Entretanto as crianças pararam e voltei a coloca-las no lugar. Depois do almoço falei com a educadora sobre a situação e perguntei-lhe se a minha atitude tinha sido correta, uma vez que, de certa forma, os tinha colocado de castigo. A educadora explicou-me que por norma nunca chega a ser necessário o "castigo" mas que naquela situação, visto que as crianças não acataram o que se tinha dito antes, foi de facto necessária e prudente a minha atitude.

Reflexão diária do dia 21

Hoje foi realizada a atividade sensorial com gelatina. A atividade foi um sucesso entre as crianças, não só adoraram mexer nela como também comê-la. Inclusive muitas crianças não respeitavam o adulto quando este dizia para pararem de comer (mais uma vez a evidente desobediência que tenho notado neste grupo). Nesta atividade nem todas as crianças aderiram bem. Duas das crianças não quiseram fazer a atividade, provavelmente por receio em tocar na gelatina.

Reflexão diária do dia 22

Hoje foi um dia difícil e extremamente cansativo. A educadora cooperante teve de estar ausente devido a várias reuniões e uma das auxiliares está a faltar por motivos de saúde. Portanto, apenas eu e a Nanda ficámos sozinhas com o grupo. A dificuldade não foi durante as atividades mas sim na hora do repouso. Quando estamos a preparar

o grupo para o repouso, é necessário mudar fraldas, tirar roupas, deitar e adormecer e apenas duas pessoas a fazê-lo para 17 crianças, foi um momento extremamente exigente. Pude perceber o quão difícil é apenas duas pessoas assumirem o grupo. E fez-me questionar como se consegue tomar conta de tantas crianças quando há baixas de algum profissional.

Reflexão diária do dia 23

Hoje foi dia das manhãs espetaculares e deparei-me com a dificuldade em conter uma das crianças que não queria estar sentada a assistir. Tentei que ficasse ao meu colo, mas isso resultou numa grande birra. Tentei acalmá-la conversando com ela mas foi preciso algum tempo para que parasse de chorar. Esta situação provou alguma destabilização no restante grupo da sala.

Reflexão semanal

A semana de 19 a 23 de janeiro foi dedicada, principalmente, às atividades sensoriais isto porque ao longo do meu estágio tenho observado que estas não só são do agrado do grupo como também têm a particularidade de os acalmar e relaxar, algo que este grupo necessita uma vez que se trata de um grupo muito irrequieto.

As explorações sensório-motoras são uma excelente forma da criança ficar a conhecer o ambiente que a rodeia e despertar ainda mais a curiosidade que esta habitualmente já tem, neste sentido, é importante ter em conta que “*Sensório* refere-se ao modo como os bebés e as crianças mais novas recolhem informação sobre o mundo através dos seus sentidos; motor refere-se ao modo como aprendem através da acção física.” (Post & Hohmann, 2007, p.23) duas áreas que considero primordiais no desenvolvimento da criança.

Desta forma, as atividades propostas ao longo da semana tiveram como objetivo proporcionar à criança o contacto com diferentes materiais e levá-la a explorar e a utilizar os seus sentidos para conhecer estes mesmos materiais.

As atividades sensoriais planeadas para a semana foram a exploração de gelatina, pintura com as mãos, brincar com areia, digitinta e brincar com espuma. Destas atividades, apenas algumas estavam mencionadas na planificação semanal, contudo ao longo da semana fomos sentindo a necessidade de fazer mais atividades, especialmente em momentos de maior agitação, uma vez que considero que a planificação deve ser sempre adaptada ao contexto do grupo nos determinados dias.

Deste modo, as atividades realizadas permitiram à criança explorar os seus vários sentidos, deixando a criança livre de escolher de que forma queria sentir os vários materiais. As crianças “Através da coordenação do paladar, tacto, olfato, visão, audição, sentimentos e acções, são capazes de construir conhecimento. ” (Post & Hohmann, 2007, p.23) e deste modo ficar a conhecer um pouco mais o mundo que as rodeia.

Durante as atividades, fui sempre acompanhando as crianças, sentando-me ao lado delas e questionando sobre o que estavam a ver e a sentir. Desta forma, tentei que as crianças desenvolvessem a expressão verbal denominando o que estavam a fazer e explicando o que estavam a sentir quando tocavam, provavam e cheiravam os vários materiais, uma vez que, “O seu envolvimento activo [da criança] com adultos atentos e respondentes e com materiais interessantes e desafiantes proporciona-lhes uma base de experiência para interpretar o mundo.” (Post & Hohmann, 2007, p.24), algo que considero importantíssimo que a criança faça – explorar e interpretar o mundo – através de todos os seus sentidos e através da experiência e do fazer. “A premente necessidade que as crianças muito jovens têm de agir e aprender assume a forma de um contacto directo que utiliza as ferramentas que estão ao seu alcance imediato – olhos, nariz, ouvidos, boca, mãos e pés.” (Post & Hohmann, 2007, p.25), o que fomenta o que referi acima sobre a exploração do mundo através dos vários sentidos.

Ainda ao longo das atividades, deparei-me também com diversas situações em que as crianças que no momento não estavam a realizar atividade (uma vez que são sempre feitas em pequeno grupo, de forma a garantir uma melhor supervisão por parte do adulto) aproximavam-se sempre da mesa tentando tocar nos materiais que estavam a ser explorados, fazendo inclusive “birras” quando um dos adultos dizia à criança para não mexer porque não era a sua vez e não tinha avental. Estas situações ilustram bem o facto de que as crianças “não conseguem resistir a tocar ou a explorar qualquer coisa ou qualquer pessoa porque se sentem atraídas em termos sensório-motores.” (Post & Hohmann, 2007, p.25), algo com o qual tentei lidar, explicando às crianças que estas também iriam fazer a atividade mas que teriam de esperar pela sua vez, porque precisavam do avental que os amigos estavam a usar.

Por vezes, o controlo das crianças que não estão a fazer as atividades torna-se complicado, isto porque neste grupo a maioria das crianças tem muita dificuldade em aceitar o “não” e a obedecer às regras que os adultos vão tentando estabelecer. Contudo, através da comunicação vou tentando explicar à criança o porquê das minhas ações e o porquê de eu dizer “não” para que estas percebam que existem algumas

regras e que têm de ser respeitadas para que tudo funcione melhor, até porque “Os educadores podem conhecer, compreender e apoiar melhor cada criança através da atenção, observação e interação física e verbal próximas.” (Post & Hohmann, 2007, p.52) e deve ser esta forma correta de interação do adulto com a criança.

Obviamente que ainda é complexo para crianças tão pequenas perceberem este sistema e o porquê de existirem regras, mas aos poucos, se os educadores forem sempre explicando e justificando as ações, acredito que as crianças vão conseguindo interiorizar e mais tarde compreender as regras e também o “não”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

Post, J. & Hohmann, M. (2007). *Educação de bebés em infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa

3.1.5. Semana de 26 a 30 de janeiro

Reflexão diária do dia 26

Depois da hora de almoço, quando estava a preparar as crianças para a sesta, uma delas, o Sukrish (filho de pais Nepaleses) estava muito quieto sentado à espera na sua cama (costuma ser uma criança tímida). Para o animar um pouco, comecei a fazer-lhe cócegas e a brincar com ele, enquanto o ajeitava para dormir. Rapidamente perdeu a timidez e retribui a brincadeira fazendo-me cócegas também e começou a falar imenso na sua língua – nepalês – obviamente não consegui perceber o que ele estava a dizer! Tentei que a criança dissesse algumas palavras em português, tentando que ele repetisse “Vamos dormir!” mas com pouco sucesso. Esta situação fez-me pensar que provavelmente em casa a criança só deve ter contacto com a sua língua – o nepalês – e que percebe pouca coisa em português.

Reflexão diária do dia 27

Hoje durante a atividade dos jogos heurísticos fiz uma das observações a uma das crianças que escolhi. Penso que foi um excelente momento para fazer a observação devido ao tipo de atividade que estava a ser feito. Pude perceber o gosto enorme que o grupo tem em brincar com objetos do nosso dia-a-dia. Contudo existiram algumas brigas devido à disputa por uma flauta, quase todas as crianças a queriam.

Reflexão diária do dia 28

Tenho notado durante a semana a dificuldade em seguir a planificação. Ao longo dos dias têm surgido imprevistos que impossibilitam a realização das atividades planeadas, daí ter de haver alguns ajustes. Em conversa com a educadora, esta fez-me ver como é difícil por vezes seguir um plano uma vez que podem surgir vários imprevistos e que nós educadores temos de nos saber adaptar.

Reflexão semanal

A semana de 26 a 30 de janeiro foi essencialmente marcada pela constante necessidade de mudança de planos. Quero com isto dizer que ao longo da semana foi necessário alterar um pouco a planificação elaborada (para a respetiva semana) e muitas atividades tiveram de ser mudadas ou até mesmo substituídas. As alterações feitas deveram-se essencialmente ao estado e comportamento do grupo. Uma vez que o grupo é irrequieto, com dificuldades em respeitar as regras e aceitar o não e com poucos e curtos picos de atenção, algumas das atividades planeadas, como a hora do conto, os jogos de pontaria, os jogos de percursos e deslocações, não eram adequados para o momento, isto porque eu e a educadora cooperante concordamos que o grupo precisava principalmente de atividades mais relaxantes e não de atividades que elevassem a excitação do grupo, como as que estavam previstas.

Assim sendo, apesar das alterações feitas ao plano inicial, duas das atividades planeadas foram cumpridas com sucesso: a atividade com caixas de cartão e os jogos heurísticos. Ambas as atividades tiveram um forte impacto no grupo, não só proporcionaram momentos prazerosos às crianças como também incentivaram o grupo a expressar-se mais, a desenvolver a imaginação e a criatividade e a representar através do faz de conta aquilo que vêm no seu dia-a-dia, algo que lhes é muito próximo.

Durante a atividade com as caixas de cartão (ver anexo D) predominou a brincadeira das escondidas, isto é, uma das crianças escondeu-se por baixo das caixas e eu perguntava “Onde está o R.? Não o estou a ver!” e logo de seguida a criança aparecia ou até mesmo as outras crianças mostravam onde ele estava. Esta brincadeira rapidamente se tornou contagiante uma vez que todas as crianças começaram a fazer o mesmo, isto porque “o que começa por ser um movimento ocasional [...] conduz a uma descoberta fascinante e é intencionalmente repetida vezes sem conta.” (Post & Hohmann, 2007, p.26). Por sua vez, durante o jogo heurístico foi possível observar e perceber que de facto as crianças “ficam fascinadas com o objetos domésticos –

panelas, tampas, chaves, caixas, colheres – e materiais naturais – pedras, paus, folhas.” (Post & Hohmann, 2007, p.25), objetos que se encontravam distribuídos por três caixas e os quais as crianças poderiam explorar livremente. Esta atividade teve um bom impacto no grupo uma vez que as crianças gostam especialmente de representar atividades domésticas (fazer uma refeição, por a roupa a lavar, dar de comer as bonecas, telefonar, etc.) o que mostra o gosto particular em reproduzir aquilo que vêm em casa no dia-a-dia. Durante esta atividade tentei deixar as crianças mais livres para que explorassem sem a minha intervenção de forma a poder observar melhor as suas brincadeiras, como lidam com os objetos, o que fazem com eles e o que aprendem com isso.

De uma forma geral penso que a semana teve altos e baixos uma vez que tive de fazer algumas alterações ao plano inicial, tendo de improvisar em muitos momentos, mas por outro lado as duas atividades referidas acima foram um sucesso entre o grupo e inclusive algumas crianças (as mais velhas) pediram para que se voltassem a repetir, especialmente a atividade com as caixas de cartão. Pude também perceber, em particular com o jogo heurístico, que “os bebés e as crianças mais novas aprendem fazendo, porque os seus jovens cérebros estão predispostos para a ação.” (Post & Hohmann, 2007, p.23), uma vez que ao observarem o que vêm no dia-a-dia, tentam fazê-lo e reproduzi-lo na sala, mostrando que elas de facto aprendem fazendo e principalmente imitando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

Post, J. & Hohmann, M. (2007). *Educação de bebés em infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa

3.1.6. Semana de 2 a 6 de fevereiro

Reflexão diária do dia 2

A semana começou uma alteração ao plano inicial. Uma vez que o grupo é de 17 crianças e são todos assíduos, foi necessário começar-se já a contruir as máscaras de carnaval. Estava planeado fazê-lo só na próxima semana mas poderá não haver

tempo para fazer todas as máscaras, como tal tive de alterar os planos e reajustar as atividades.

Reflexão diária do dia 3

O grupo hoje esteve particularmente agitado, talvez devido ao facto de a educadora cooperante ter estado muito ausente durante o dia. Uma vez que a educadora é a substituta da diretora (quando esta falta) teve de estar muitas vezes ausente da sala para resolver problemas. Como tal, com a constante saída e entrada da educadora ouve uma grande destabilização no grupo.

Reflexão diária do dia 4

Chego à sala de manhã e uma das crianças que costuma chegar depois das nove já se encontrava na sala e estava a fazer uma grande birra. Perguntei à Nanda (uma das auxiliares) o que se passava e ela explicou-me que o Diego C. tinha chegado mais cedo porque a mãe tinha ido para a maternidade e o padrasto teve de o deixar mais cedo na creche. Como sei que o Diego C. é muito chegado ao padrasto (ao qual trata por pai) percebi que a birra se devia ao facto de não ter querido largar o pai quando este o veio pôr. Tentei falar com o Diego C. e explicar que o pai o tinha deixado conosco porque precisava de ir ter com a mamã mas que à tarde o vinha buscar. A reação do Diego C. foi pegar na cadeira que estava perto dele e atirá-la para o chão, atitude à qual chamei a atenção e disse-lhe que o que ele tinha feito não estava correto. O Diego chorou ainda mais e aos gritos. Peguei nele, sentei-o no meu colo e mesmo ele querendo sair do meu colo, mantive-o sentado (abraçando-o para que ele não se soltasse) até que ele se acalmasse. De facto o Diego acabou por se acalmar. Depois da situação, quando a criança foi brincar, comentei com a educadora (que entretanto tinha chegado e não estava a perceber o que se passava) o que tinha acontecido e disse-lhe que esta reação devia dever-se à chegada da nova irmã e que o Diego se devia sentir fora das atenções da família, daí toda a frustração dele e de não saber lidar com ela.

Reflexão diária do dia 5

Durante a atividade na biblioteca o Dionísio mostrou-se pouco interessado na exploração dos livros. As restantes crianças exploraram muito bem os livros e estavam envolvidos, mas o Dionísio não pegou em nenhum livro, nem mesmo quando lhe disse

para escolher um para eu contar. Ele estava mais interessado em subir para os móveis da sala, mostrando assim o seu desinteresse na atividade que estava planeada.

Reflexão diária do dia 6

Hoje o Diego C. faltou à creche. É sem dúvida a criança mais desestabilizadora do grupo e isso comprovou-se hoje uma vez que o dia foi bastante mais calmo e sem grandes desordens. Esta questão fez-me perceber como apenas uma criança pode destabilizar tanto um grupo e a diferença que faz quando falta.

Reflexão semanal

A semana de 2 a 6 de fevereiro foi uma semana particularmente agitada devido às preparações para as comemorações do Carnaval que se irão realizar na próxima semana. Isto porque, apesar da planificação desta semana se centrar no tema dos animais da quinta (um dos temas a serem abordados segundo o projeto pedagógico de sala) e estarem planeadas atividades relativas a esse tema, foi necessário antecipar-se a construção das máscaras de Carnaval o que impossibilitou a realização de algumas atividades planeadas. Desta forma, mais uma vez (semelhante à semana anterior) deparei-me com a necessidade de alterar os planos e ajustá-los às necessidades do grupo e do contexto em questão (preparação para o carnaval). Uma vez que foi necessário antecipar-se a construção das máscaras (ver anexo E), algo que não estava inicialmente planeado, levou o grupo a sentir as diferenças na rotina e por consequência uma maior agitação do grupo ao longo da semana. Ora, se cabe aos educadores estabelecerem “horários e rotinas conscientes em termos de organização e estilo de interação, de molde a que as crianças antecipem o que vai acontecer em seguida” (Post & Hohmann, 2007, p.15), penso que neste aspeto a minha prática no início desta semana não foi tão bem conseguida. No entanto, “os educadores planificam de forma flexível e centrada na criança o *tempo do grupo*.” (Post & Hohmann, 2007, p.15) algo que penso ter conseguido atingir, pois fui flexível relativamente à planificação, adaptando ao contexto envolvente (comemorações do carnaval) e garantindo que os objetivos da semana fossem à mesma atingidos com as atividades de construção das máscaras.

À parte da alteração de planos feita, durante a semana deparei-me com algumas situações de agressividade que me deixaram preocupada e receosa por não ter certeza de como se agir neste tipo de situações. Segundo Brazelton (1992) “uma criança que é

muito agressiva num grupo, que tira sempre todos os brinquedos, batendo-lhes quando tentam defender-se, pode não saber como parar.” (p.231) algo que verifiquei esta semana numa das situações de agressividade, de facto a criança em questão, não sabe ou não percebe o mal que está a fazer e não sabe parar, até mesmo quando um adulto a chama à atenção. Quando ocorreu a situação, a minha postura foi afastar a criança da criança a quem bateu, sentá-la longe do grupo, explicar-lhe o que tinha feito de errado e que não deve comportar-se daquela maneira, deixando-a sentada durante um tempo. Na altura questioneei bastante a minha postura pois não tinha a certeza se era a mais correta e nesse sentido conversei com a educadora cooperante de forma a tentar perceber se a minha postura tinha sido ou não acertada. Depois de muito conversar com a educadora, percebi que de facto a postura que tive é adequada, no entanto, deve ser um pouco mais firme nestas situações de controlo de agressividade, por exemplo, quando sentei a criança ao afastar-me deveria fazer a criança sentir que tem uma tarefa a cumprir que é aprender a controlar-se (Brazelton, 1992, p.232).

Ao longo das semanas de estágio tenho-me deparado com várias situações de conflito entre pares, de pequenas agressões e de birras constantes, principalmente por causa da disputa de brinquedos. Segundo Brazelton (1992), “Aprender a compartilhar é difícil na infância, mas, a criança, se entender o que se espera dela, aprenderá.” (p.232) e penso que se deve ser esta a minha função como educadora, tentar lidar o melhor que sei com estas situações (de acordo com o que vou aprendendo), manter-me firme quando converso com a criança, tentar explicar-lhe o que se espera dela e ajudá-la neste processo que também é uma aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

Brazelton, T. B. (1992). *O grande livro da criança, o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. (13^o edição). Lisboa: Editorial Presença

Post, J. & Hohmann, M. (2007). *Educação de bebés em infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa

3.1.7. Semana de 9 a 13 de fevereiro

Reflexão diária do dia 9

Ao longo de estágio tenho percebido que a Noa é a líder do grupo. É das mais velhas e com uma personalidade já muito vincada. Contudo hoje houve um momento em particular que me fez ver o quão dominadora a Noa consegue ser. Durante as atividades livres a Noa estava a brincar com mais duas crianças e uma outra aproximou-se também para brincar, mas a Noa não a deixou. A criança tentou mais umas vezes mas a Noa empurrava a criança para que ela não brincasse. Entretanto a Noa ausenta-se para ir à casa de banho e a criança aproveita para brincar e as outras crianças não se importam com a situação. Quando a Noa chega e repara que a criança está brincar diz à criança (a gritar) “Sai daí!”, a criança assusta-se, sai a correr e a Noa ainda “ralha” com os outros amigos porque deixaram a criança brincar. Esta situação deixou-me perplexa e conversei com a Noa porque a atitude dela não tinha sido correta. A Noa disse-me que não o voltava a fazer, no entanto voltei a verificar (no mesmo dia) outras situações semelhantes em que a Noa não deixa (quem ela não quer) brincar.

Reflexão diária do dia 11

Hoje o dia foi marcado pela minha ausência da sala. Devido aos preparativos e enfeites para o Carnaval estive bastante tempo ausente da sala, não podendo fazer as atividades planeadas e estando muito pouco tempo com o grupo, tal situação deixou-me desconfortável e triste. O facto de ter coisas para fazer extra sala, impossibilitou-me de poder estar com o grupo e de fazer o meu papel de educadora. Algo que me fez refletir bastante uma vez que isto é algo que acontece muito aos educadores: haver situações que nos impedem de estar na sala a fazer o nosso papel. E isso deixa-me de certa forma desagradada, porque para mim o mais importante são as crianças e com todas as questões “extra” acabamos por nos desviar do que realente importa – as crianças.

Reflexão diária do dia 12

No dia anterior não foi possível realiza-se a pintura com os pés no entanto foi possível realizá-la hoje. Foi um grande momento, as crianças adoraram e eu adorei fazê-lo com elas. Foi um momento bastante calmo, harmonioso, divertido que me deu um grande prazer fazer.

Reflexão diária do dia 13

Hoje o dia foi um misto de emoções. Feliz por tudo o que consegui e fiz durante o estágio mas muito triste por acabar e por ter de me despedir de pessoas tão incríveis e profissionais. Custa-me muito despedir-me do grupo de crianças, adorei o grupo e o que consegui alcançar com eles, mas custa-me ainda mais despedir-me da equipa educativa com quem trabalhei. Foram importantíssimas no meu processo de aprendizagem e fundamentais para fazer o que fiz. Acabei o dia e pensar que gostava de voltar a trabalhar com estas pessoas e feliz por algumas dessas pessoas terem dito o mesmo de mim.

Reflexão semanal

A presente reflexão será, de certa forma, uma breve reflexão sobre alguns aspetos que vivenciei e aprendizagens que adquiri ao longo da minha prática na sala dos 2 anos.

Desta forma, começo por referir que desde o início do estágio, um dos meus receios dizia respeito ao contacto com as famílias e se estas me iriam aceitar e principalmente me ver como uma educadora. De início a minha postura começou por ser mais resguardada, tentando sempre manter um sorriso aos familiares e uma atitude positiva, mas um pouco recuada para que as famílias não se sentissem pressionados e aos poucos, ao longo do estágio, fui aproximando-me um pouco mais até ganhar a confiança das famílias. Quando percebi que a minha presença foi totalmente aceite, tentei conhecer um pouco melhor as famílias, fazendo pequenas questões e tentando manter uma relação de confiança com estas. Entretanto, a educadora cooperante sugeriu que eu iniciasse um projeto de histórias com os pais, isto porque a educadora achou que seria uma mais-valia para a minha formação este tipo de contacto e trabalho com as famílias, para que aprendesse a envolvê-los na creche e nas atividades das crianças. Segundo Formosinho (2013) “a participação em atividades e projetos afigura-se, também, muito importante sendo que os pais poderão contribuir [...] com informação, materiais, histórias tradicionais, canções, etc.” (p.20), deste modo, uma vez que estava estipulado no projeto pedagógico de sala que o grupo deveria trabalhar o tema dos animais da quinta, eu e a educadora cooperante lançamos um pequeno projeto aos pais que consistia na criação de pequenas histórias sobre os animais da quinta, ou seja, era

atribuído a cada criança um animal da quinta e em casa a família juntamente com a criança teria de criar uma história para esse animal. Inicialmente criei expectativas um pouco baixas, isto porque ao informar as famílias sobre o pequeno projeto, estas não se mostravam muito interessadas, no entanto com o passar do tempo recebemos a primeira história, algo que me deixou entusiasmada e com a sensação de dever cumprido como educadora, ou seja, consegui de facto criar um pequeno projeto que envolvesse as famílias (ver anexo G). Através desta relação entre educador-famílias, “os pais começam a valorizar a participação das crianças e a perceber os educadores de infância, não como ameaças, mas como profissionais que colaboram com eles na procura da qualidade de serviços.” (Formosinho, 2013, p.21). Entretanto, até ao fim do estágio, recebemos ainda outras histórias, uma delas que me deixou maravilhada pelo trabalho, cuidado e atenção que a mãe da criança dedicou ao livro, algo que me deixa convicta que de facto “a participação dos pais cria oportunidades importantes para a aprendizagem das crianças e para a aprendizagem dos pais.” (Formosinho, 2013, p.21). Estas pequenas conquistas que fui alcançando ao longo do estágio proporcionaram-me uma confiança como educadora que ainda não tinha adquirido.

Outro dos meus receios como futura educadora, era se teria a postura correta com o grupo de crianças e se conseguiria transmitir-lhes aprendizagens e alguns conhecimentos. Aos poucos, com a minha prática e com as inúmeras conversas com a educadora cooperante, fui percebendo que o importante não é a aquisição de conhecimentos, mas sim possibilitar e experienciar as aprendizagens, aprendendo através da ação, do fazer, do imitar, do explorar e que “o educador constitui, pois, um gestor de oportunidades, um organizador e provocador de possibilidades de aprendizagem, estimulando o diálogo, a coação e a coconstrução de conhecimento.” (Formosinho, 2013, p.46).

Por último, existia ainda um receio que surgiu com os primeiros dias de prática e que foi difícil de equilibrar ao longo de todo o estágio, isto é, as questões de conflitos no grupo foram uma constante e por vezes, em determinadas situações, deparava-me com a dúvida de não ter certeza como agir ou se a minha ação era a mais correta. Segundo Formosinho (2013, p.52), “a resolução de problemas encontra-se alicerçada em estratégias como a aproximação calma à criança, o reconhecimento dos seus sentimentos, a recolha de informação, a apresentação do problema à criança, o questionar a criança acerca de possíveis soluções para o conflito e escolher uma delas

em conjunto”, como tal penso que muitas das vezes consegui manter esta postura e este papel que o educador deve ter, no entanto confesso que existem momentos que nem sempre nos permitem agir desta forma, devendo o educador adotar uma postura mais firme, séria e de descontentamento para que a criança perceba que de facto está a ter ações menos corretas.

Concluindo, penso que inicialmente existiam alguns receios que me preocupavam enquanto futura educadora e que foram desaparecendo ao longo da minha prática e também com as conversas que fui tendo com a educadora e com as auxiliares, que aliás, foram preciosas para a minha formação como educadora. No entanto, obviamente que os receios não desaparecem totalmente, há sempre outros que surgem e que nos fazem refletir sobre a nossa ação e o nosso papel como educadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

Formosinho, J. O. & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora

3.2. Avaliação do ambiente educativo

De acordo com Portugal (2013) “a questão da qualidade do contexto não é uma questão de fácil abordagem, nomeadamente pelo facto de a qualidade ser um conceito subjetivo, um valor a atingir, sem parâmetros muito claros e definidos” (p.193) como tal, para uma melhor avaliação do ambiente educativo será utilizada a escala “Fatores contextuais que influenciam o bem-estar e o envolvimento da criança” de Cindy Mutschen Carvalho.

Assim sendo, em relação á “Qualidade da oferta”, a nível das infraestruturas, a sala 2 anos-2 está organizada em 4 áreas distintas – a biblioteca, a garagem, o faz-de-conta (casinha) e os jogos de mesa. Estas áreas estão bem organizadas de forma a potenciar o brincar e a exploração das crianças. O espaço disponível está bem aproveitado, pensado em função das crianças. Por exemplo, na área do faz de conta está delineada por um armário, onde inclusive as crianças gostam muito de se esconder. Todos os materiais estão ao nível das crianças permitindo o fácil acesso. A utilização

do espaço exterior é feita frequentemente (se o tempo meteorológico o permitir). Ao nível dos materiais e atividades, estes são bastante diversificados, os materiais estão em boas condições e a oferta de atividades (livres e orientadas) é grande sempre de acordo com os interesses da criança. Tanto os materiais como as atividades têm em consideração as várias necessidades, interesses e níveis de desenvolvimento das crianças.

Relativamente ao “Espaço para a iniciativa – liberdade e participação”, ao nível da liberdade de escolha, as crianças da sala 2 anos-2 são livres de escolherem com o que querem brincar e com quem querem brincar, não havendo qualquer interferência por parte dos adultos. Contudo, o acesso ao exterior é limitado, acontecendo apenas durante a manhã e por decisão do educador. Ao nível das regras e convenções, estas são explicadas às crianças, tendo em consideração o seu nível de compreensão, no entanto neste grupo é difícil que as crianças respeitem as mesmas. Ao nível da participação, por norma as crianças são sempre envolvidas nas decisões.

Quanto ao “Estilo do adulto – empatia”, ao nível da intervenção estimulante, a educadora tem intervenções estimulantes durante as atividades, enriquecendo o brincar das crianças e criando novas oportunidades de evolução da brincadeira. A educadora também coloca frequentemente questões à criança estimulando-a a refletir sobre coisas. Ao nível da sensibilidade a educadora aproveita os momentos de cuidados de rotina para prestar atenção individual às crianças. Dá um constante *feedback* positivo a iniciativas das crianças, mostrando interesse, colocando questões, admirando as suas “proezas” ou reforçando positivamente, incentivado sempre a que as crianças expressem o que sentem, fazem, pensam e desejam. Ao nível da autonomia, as crianças podem escolher as atividades de que mais gostam e as suas escolhas são respeitadas, sendo que têm espaço para o fazer. A educadora dá sempre espaço suficiente à criança para ser independente em vez de fazer tudo por ela.

Por sua vez, quanto ao “Clima de grupo – sentir-se “em casa”, ao nível do ambiente e relações, existe uma atmosfera serena, relaxante e agradável: as crianças brincam, interagem, cantam entre pares e em conjunto com os adultos, uma vez que a educadora e as auxiliares fazem parte do grupo. A relação entre adulto-criança é muito boa. Ao nível das iniciativas, existe geralmente música ambiente para criar uma atmosfera calma e relaxada ou para cantar e dançar. É expostos nas paredes os desenhos das crianças ou outras coisas que tenham realizado. Existem ainda fotografias das famílias expostas na sala. Existe também a grande preocupação e

cuidado por parte do educador para que se desenvolvam relações positivas entre as crianças.

Por último, em relação à “Organização – eficácia”, ao nível da rotina diária, raramente há momentos “mortos”, durante os quais as crianças se limitam a “esperar” e os sucessivos momentos do dia e a sua duração têm em consideração a idade e necessidades das crianças. Ao nível da distribuição de tarefas, em todos os momentos, um adulto está atento e pronto a intervir, respondendo de imediato, no interesse e salvaguarda do bem-estar da criança. Os adultos que compõem a equipa educativa reagem bem uns aos outros, repartindo as tarefas de forma eficaz, em função das necessidades do grupo, desmontando um grande espírito de equipa, aprendendo com a partilha de experiências que têm. Ao nível da formação dos grupos é sempre garantido o bem-estar das crianças e tratando-se de um grupo heterogéneos, organizam-se atividades considerando a presença de diferentes níveis de desenvolvimento entre as crianças.

3.3. Avaliação do grupo de crianças

Para a avaliação do grupo de crianças procedeu-se à observação de duas crianças em três momentos distintos. Cada observação teve a duração de dois minutos, sendo que foi registado o que a criança estava a fazer naquele momento. Depois de registados os momentos procedeu-se à avaliação das crianças através dos Níveis de Bem-Estar e Envolvimento de Laevers (2005).

Apresenta-se de seguida os dados recolhidos ao longo das observações assim como a avaliação:

Tabela 8 – Observações

Momento/ Data/ Local	Nome e idade	Observação	Nível de bem-estar	Nível de envolvimento
1º 23/01/15 16h30 Numa mesa, na sala de atividades	Diego S. 27 Meses	Está a fazer um jogo de encaixa, olha para o jogo enquanto canta. Agarra numa peça (um cavalo), canta mais um pouco, chama por mim e pela Nanda (auxiliar). Olha para a criança que tem ao lado, depois encaixa a peça (o cavalo) no jogo. Observa a Nanda, repete algumas palavras que ela diz e volta a olhar para o jogo. Olha para mim, tira a peça que tinha encaixado e diz “cavalo”. Brinca com a peça, volta a encaixá-la. Distrai-se com uma criança que chega, retira a peça do cavalo. Fica com a peça na mão enquanto olha para as crianças na casinha. Olha para o jogo, tenta encaixar a peça sem qualquer atenção. Retira novamente a peça do cavalo, retira outra e começa a brincar com as duas peças.	Nível 4 – Alto	Nível 2 – Baixo
2º 27/01/15 11h20	Diego S. 27 Meses	Está envolvido numa atividade de jogos heurísticos a brincar, concentrado, com um garrafão que tem 2 nozes lá dentro. Sacode o garrafão várias vezes para tentar tirar as nozes. Percebe que as nozes não saem e diz “Não dá!”. Pousa o garrafão e dirige-se a uma caixa que tem 3 nozes lá dentro. Agarra nelas e passeia contente pela sala com as nozes. Depara-se com um	Nível 5 - Extrema mente alto	Nível 4 – Alto

Na sala de atividades		chapéu no chão, tenta apanhá-lo e deixa cair as nozes. Apanha-as e coloca-as numa caixa de ovos. Repara no garrafão com que esteve inicialmente a brincar, coloca as 3 nozes dentro do garrafão e feliz diz “Já está!”. Afasta-se e vai brincar com o chapéu.		
3º 10/02/15 10h30 Salão comum da instituição	Diego S. 27 Meses	Está a brincar com umas bolas de plástico na piscina de bolas, vê um carrinho (género de triciclo sem pedais) disponível e começa a andar. Vê uma das bolas de plástico a passar à sua frente e tenta passar por cima dela. Continua a andar, para e fica a olhar fixamente durante alguns segundos para um palhaço que está afixado na parede (decoração de Carnaval). Olha à sua volta para outras paredes e observa as decorações de Carnaval. Continua a andar pelo salão, para, sai do carrinho, volta a sentar-se no carrinho. Fica parado no carrinho e repara noutro palhaço que está afixado noutra parede. Olha novamente ao seu redor a observar as decorações que estão nas outras paredes. Movimenta várias vezes a cabeça em várias direções como se estivesse a comparar as decorações de Carnaval. Sai do carrinho e dirige-se a outro brinquedo.	Nível 3 – Moderado	Nível 3 – Moderado

Tabela 9 – Observações

Momento/ Data/ Local	Nome e idade	Observação	Nível de bem-estar	Nível de envolvimento
1º 22/01/15 11h15	Noa 37 Meses	Está numa atividade de exploração de livros na biblioteca, está com um livro na mão e começa a cantar. Enquanto canta brinca com o separador do livro. Continua a cantar durante algum tempo ao mesmo tempo que brinca com o separador do livro sem sequer abrir o livro. A canção	Nível 4 – Alto	Nível 3 – Moderado

Sentada na biblioteca infantil da instituição		parece ser inventada no momento, não avento qualquer sentido. Uma das crianças pede para a Noa se calar, a Noa para mas recomeça a cantar. A criança volta a dizer à Noa para se calar. A Noa pausa o livro e continua a cantar.		
2º 29/01/15 10h30 Numa mesa, na sala de atividades	Noa 37 Meses	Está a fazer uma atividade sensorial com gelatina, esmaga a gelatina e lambe as mãos. Ao provar a gelatina e diz que é bom. Continua a comer a gelatina, é-lhe dito para não comer e sim para esmagar a gelatina, mas ela continua a comê-la. É-lhe dito novamente para ela não comer, para esmagar com as mãos. A Noa responde “Mas é bom!”. Respeita o que o adulto diz e começa a esmagar a gelatina com as mãos. Fá-lo durante algum tempo visivelmente envolvida e divertida. Olha para as mãos, lambe-as novamente.	Nível 5 – Extremamente alto	Nível 4 – Alto
3º 10/02/15 11h00 Salão comum da instituição	Noa 37 Meses	Está em cima de uma plataforma juntamente com outra criança, visivelmente entusiasmada. Salta para o chão, espera que a outra criança salte e volta a subir apressadamente para a plataforma. Repete a situação mais duas vezes. Volta a subir para a plataforma, volta a saltar, cai e fica sentada a olhar para a auxiliar com uma expressão desconfortável. Como a auxiliar não reparou, levanta-se, volta a subir para a plataforma, espera que a outra criança suba e diz-lhe “Salta!” e saltam as duas ao mesmo tempo. A brincadeira repete-se durante algum tempo, a Noa para quando a criança com quem estava a brincar se vai embora.	Nível 4 - alto	Nível 5 – Extremamente alto

Feito o registo e atribuídos os Níveis de Envolvimento e Bem-Estar (Laevers, 2005), é necessário fazer-se uma breve análise às observações realizadas às duas crianças nos três diferentes momentos.

A primeira criança, o Diego S., mostra alguma oscilação quanto aos níveis de envolvimento e bem-estar. Quanto ao Nível de Envolvimento, em cada momento a criança demonstrou estar em 3 níveis diferentes. No 1º momento o Diego não se mostrou envolvido na atividade, distraíndo-se diversas vezes do objetivo que era encaixar as peças do jogo. Neste momento era notório a desconcentração e o desinteresse em fazer o jogo, preferindo estar atento a tudo o que o rodeava. No 2º momento o Diego já se mostrou envolvido na atividade, mostrava sinais de concentração, principalmente em tentar tirar as nozes do garrafão, contudo existiram breves momentos que quebraram essa atenção, distraíndo-se com outros brinquedos. Por fim, no 3º momento o Diego estava envolvido na atividade mas de uma forma superficial. Não se mostrava absorvido pela atividade e tinha curtos momentos de concentração. Relativamente aos níveis de bem-estar do Diego, estes também oscilaram mas de uma forma geral os níveis eram positivos e quase sempre o Diego se mostrava satisfeito e divertido, à exceção do 3º momento em que a sua expressão era bastante neutra. Habitualmente esta criança tem altos e baixos, uma vez que normalmente se encontra sempre bem-disposta, mas havendo frequentemente birras por parte dela, principalmente quando é contrariada.

A segunda criança, a Noa, quanto aos Níveis de Envolvimento demonstrou estar em 3 níveis diferentes, no entanto, de uma forma geral os níveis são positivos, mostrando quase sempre estar envolvida e concentrada nas atividades que fazia. Apenas no 1º momento a Noa mostrou pouca concentração e envolvimento na exploração do livro, contudo bastante envolvida em cantar. Relativamente aos Níveis de Bem-Estar, nos 3 momentos a Noa mostrou-se sempre satisfeita, confortável e divertida, algo que aliás é constante nesta criança.

De uma forma geral, relativamente ao grupo de crianças, a maior evolução verificada foi ao nível da aquisição da linguagem. Isto porque durante a semana de observação foi notória a inexistência de comunicação por parte de algumas crianças, principalmente as mais novas. Contudo no final da PPS já se notava alguma evolução nestas crianças, pois já conseguiam expressar por palavras o que queriam, (ver anexo A – nota de campo 8), algo que não acontecia inicialmente. Quanto às crianças mais

velhas, apesar destas já falarem, notava-se que algumas palavras não eram bem ditas e que, apesar de falarem, comunicavam pouco. No final da PPS notei a evidente evolução destas crianças porque já falavam muito mais, de forma correta, conversando frequentemente entre pares e com os adultos.

Outra evolução também sentida diz respeito à autonomia, uma vez que durante o estágio algumas 2 crianças deixaram de usar fralda e ainda outra criança já mostrava sinais de também o querer, isto porque algumas vezes avisava quando queria fazer alguma necessidade. Ainda relativamente à autonomia, durante as primeiras semanas as crianças, na hora do repouso, deixavam-se ficar na cama à espera que um adulto lhes fosse tirar a roupa e pô-las a dormir. Contudo, no final da PPS, quase todas as crianças do grupo já se despiam sozinhas, umas com mais dificuldade outras com menos, mas o importante foi a aquisição de autonomia neste aspeto, pois as crianças já não precisavam de esperar por um adulto, já sabia que quando era a hora do repouso que tinham de se despir sozinhas ou de chamar alguém caso precisassem de ajuda (ver nexos A - nota de campo 9).

Quanto ao tempo de concentração e comportamento do grupo, estes foram dois aspetos em que, no geral, não se notou evolução. Este grupo de crianças como referido no ponto 2.4. é bastante agitado e não respeita as regras e de certa forma estas características mantiveram-se, inclusive a meio da PPS este comportamento piorou (ver anexo A - nota de campo 10). A situação não tem uma justificação uma vez que a equipa educativa de sala fez os possíveis para amenizar esta situação, utilizando várias estratégias, no entanto sem sucesso. Contudo, acredita-se que com mais tempo esta situação será controlada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das 6 semanas da Prática Profissional Supervisionada sinto que deixei a minha impressão, não só junto das crianças, mas também junto da equipa educativa. Penso que a minha prática teve sempre em conta os interesses e necessidades do grupo, respeitando sempre a individualidade de cada um, apoiando o grupo, dando o melhor de mim.

Foi a primeira vez que estive em contacto, a nível profissional, com um grupo de crianças de creche e inicialmente foram muitos os receios e dúvidas, mas rapidamente, com o apoio da educadora e das auxiliares, esses receios desapareceram. No entanto,

as dúvidas acompanharam-me sempre ao longo de todo o estágio, até porque há umas que são esclarecidas mas vão sempre surgindo novas, que no fundo comprovam o meu crescimento e evolução, tanto a nível profissional como pessoal também. Algo que me ajudou muito à adaptação ao grupo foi o facto de este ser tão acessível e sociável. Claro que não se aplica a todas as crianças, mas de uma forma geral são bastante sociáveis. Rapidamente consegui ganhar a confiança das crianças e aos poucos elas foram olhando para mim como um adulto de referência, algo que me deixou bastante feliz e com um sentimento de objetivo alcançado uma vez que este era um dos meus maiores receios – o grupo não me ver como um adulto de referência. Portanto, esse receio foi mesmo ultrapassado, consegui transmitir às crianças que podiam confiar em mim e que podiam sentir-se seguras comigo, uma relação que nem sempre é fácil de se conseguir.

Outro aspeto que me surpreendeu muito foi a minha relação com a equipa educativa da sala. Senti desde a primeira semana que me integraram na equipa, olharam para mim sempre como uma educadora e uma colega, algo que me fez sentir que fazia mesmo parte daquela equipa. Todas as experiências que partilhei com esta equipa contribuíram muito para a minha formação profissional, deram-me conselhos imprescindíveis que sei que vou levar comigo durante toda a minha carreira. Aquelas profissionais, tornaram-se para mim uma excelente referência, tanto individualmente, como em equipa.

Quanto à evolução que senti relativamente ao grupo, senti que só mais para o fim é que comecei a ver esse progresso e evolução, que a partir da última semana em diante (se os estágio continuasse) iria realmente notar as diferenças no grupo, a evolução e todo o progresso que fizeram. Claro que existiram progressos que fui vendo ao longo das semanas, mas penso que 6 semanas serviram para de certa forma conhecer bem o grupo e que com mais tempo de estágio poderia ter alcançar muito mais com eles.

No fundo, mais do que a evolução das crianças, senti a minha evolução como futura educadora, senti que cresci juntamente com elas e juntamente com a equipa educativa. Penso que afirmei um pouco mais o meu papel de educadora e sem dúvida a experiência que tive nas 6 semanas de PPS em contexto de creche, com a educadora cooperante e as auxiliares de educação, fizeram de mim uma melhor profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brazelton, T., B. (1992). *O grande livro da criança. O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos.* (10ªedição). Barcarena: Editorial Presença.
- Formosinho, J. O. & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade.* Porto: Porto Editora
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creche – Uma abordagem ecológica da Adaptação do Bebê à Creche.* Porto: Porto Editora.
- Post, J. & Hohmann, M. (2007). *Educação de bebês em infantários: cuidados e primeiras aprendizagens* (3ªedição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXOS

Anexo A

Nota de campo 1 – Dia 10/12/2014: Tem sido difícil perceber o que algumas crianças querem ou pedem. Os mais novos pouco ou nada dizem e quando vêm ter comigo tenho dificuldade em perceber o que me dizem. Muitos inclusive nem falam, fazem apenas gestos.

Nota de campo 2 – Dia 9/12/2014: existem no grupo 2 crianças com famílias que não são portuguesas. Um é de origem nepalesa e outro de origem filipina. Ambos não falam nem percebem português.

Nota de campo 3 – Dia 12/12/2014: existe uma criança que foi encaminhada para Estudo de Caso (com uma psicóloga e uma assistente social), a educadora percebe que existe um atraso no desenvolvimento da criança e que esta deve ser acompanhada.

Nota de campo 4 – Dia 9/01/2015: tem sido difícil controlar o grupo nesta primeira semana, porque o grupo não respeita o que o adulto diz ou pede, não respeitam as regras ou pedidos simples que se façam.

Nota de campo 5 – Dia 20/01/2015: o grupo tem estado visivelmente agitado, muito barulhento, portam-se mal porque não respeitam o que é dito. Há inclusive casos de agressividade constante.

Nota de campo 6 – Dia 22/01/2015: hoje foi lançado aos pais um pequeno projeto sobre os animais da quinta em que eles têm de fazer uma pequena história sobre um animal.

Nota de campo 7 – Dia 09/01/2015: tenho reparado que todas as manhãs, quando chego à sala, o Diego S. leva-me para o tapete para fazer a atividade de apontar e nomear as figuras dos livros, mostrando, de certa forma, uma pequena rotina que lhe proporciona grande prazer.

Nota de campo 8 – Dia 6/02/2015: tenho reparado que o Santiago já diz bastantes palavras compreensíveis, tendo em conta que era uma das crianças que nunca se

percebia o que dizia. Hoje inclusive ouvi-o dizer “Vou fazer o jogo!”, deve ter sido a primeira frase que o ouvi dizer desde que estou a estagiar.

Nota de campo 9 – Dia 4/02/2015: O Gabriel costuma chorar quando lhe dizemos para se vestir sozinho, aos poucos fui-lhe explicando que se ele precisasse de ajuda que bastava pedir “Ajuda-me” e não precisava de começar logo a chorar. O facto é que resultou mesmo, hoje o Gabriel veio pedir-me ajuda com as mangas da camisola e no fim ele ainda disse “Obrigada por ajudares”. Deixou-me radiante.

Nota de campo 10 – Dia 23/01/2015: hoje o dia tem sido caótico, não sei o que se passa com o grupo mas andam ainda mais agitados e barulhentos.

Anexo B



Figura 1 – Mural de fotos das atividades sensoriais realizadas ao longo da PPS

Anexo C



Figura 2 – Comemoração do Carnaval

Anexo D



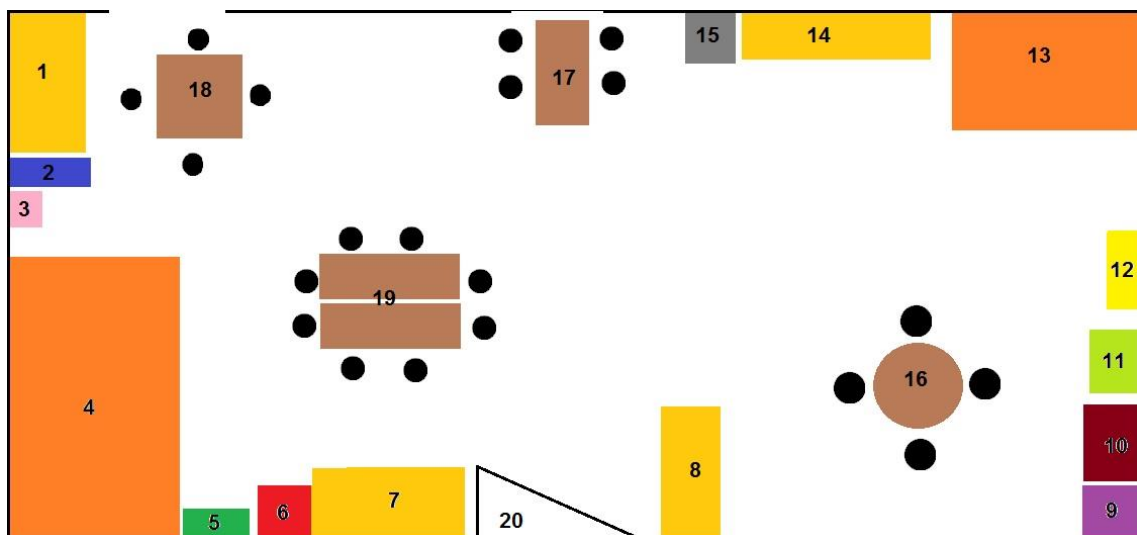
Figura 3 – exploração de caixas

Anexo E



Figura 4 – criação das máscaras de Carnaval

Anexo F



- | | |
|---|--|
| 1- Armário com duas portas, de arrumação de material de desgaste | 10- Móvel de cozinha (fogão e lava loiça) |
| 2- Biblioteca (móvel de três prateleiras) | 11- Cabeleireiro |
| 3- Caixa de fantoches | 12- Arca de trapalhadas |
| 4- Tapete de apoio à biblioteca | 13- Garagem |
| 5- Móvel com 3 prateleiras, para arrumação de papel e caixas de lápis | 14- Bancada de mudas com 16 gavetas |
| 6- Móvel com 2 portas, para arrumação de instrumentos musicais | 15- Ponto de água |
| 7- Móvel com 3 prateleiras, para arrumação de jogos de mesa | 16- Mesa de apoio ao faz-de-conta (com 4 cadeiras) |
| 8- Móvel de arrumação de jogos de chão | 17- Mesa com 4 cadeiras, para modelagem ou pinturas |
| 9- Máquina de lavar roupa | 18- Mesa com 4 cadeiras, para apoio à biblioteca |
| | 19- Duas mesas com 6 cadeiras, para execução de jogos de mesa/desenhos |

Figura 5 – planta da sala

ANEXO G



Figura 6 – História do projeto com as famílias

Anexo V – Portefólio do contexto de JI



Instituto Politécnico de Lisboa



PORTEFÓLIO DA PRÁTICA PROFISSIONAL SUPERVISIONADA EM CONTEXTO DE JARDIM-DE-INFÂNCIA

Carina Carvalho

(Nº2014080)

Trabalho apresentado no âmbito da Unidade Curricular de Prática Profissional
Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Docente: Manuela Rosa

2014-2015

ÍNDICE

1. Caracterização reflexiva do contexto socioeducativo.....	1
1.1. Meio onde está inserido o contexto	1
1.2. Contexto socioeducativo.....	2
1.3. Equipa educativa	4
1.4. Família das crianças.....	6
1.5. Grupo de crianças	7
1.6. Análise reflexiva	10
2. Análise reflexiva da intervenção	15
2.1. Planificação geral	15
2.2. Planificação semanal e diária	16
2.3. Identificação da problemática	47
3.1. Avaliação pessoal semanal (autoavaliação)	48
3.1.1. Semana de 23 a 27 de fevereiro (semana de observação) 48	
3.1.2. Semana de 2 a 6 de março 50	
3.1.3. Semana de 9 a 13 de março 51	
3.1.4. Semana de 6 a 10 de abril 53	
3.1.5. Semana de 13 a 17 de abril 55	
3.1.6. Semana de 20 a 24 de abril 56	
3.1.7. Semana de 27 a 30 de abril 57	
3.1.8. Semana de 11 a 15 de maio 58	
3.1.9. Semana de 18 a 22 de maio 59	
3.2. Avaliação do ambiente educativo	59
3.3. Avaliação do grupo de crianças.....	61
3.3.1. Avaliação geral do grupo.....	61
3.3.2. Avaliação das observações.....	63
4. Considerações finais	51
Referências bibliográficas.....	54
Anexos	55

INDICE DE FIGURAS

Figura 1. Planta da sala 6	57
Figura 2. Inquérito aos pais	59
Figura 3. Capa do portefólio e página 1	60
Figura 4. Portefólio da criança - página 2, 3, 4 e 5	61
Figura 5. Portefólio da criança - página 6, 7, 8 e 9	62
Figura 6. Portefólio da criança - página 10, 11, 12 e 13	63

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Informações sobre o grupo de crianças	8
Tabela 2. Áreas da sala de atividades 6	11
Tabela 3. Espaços comuns às crianças da instituição	12
Tabela 4. Rotina semanal da sala de atividades 6	13
Tabela 5 - Planificação da semana de 2 a 6 de março.....	16
Tabela 6. Planificação da semana de 9 a 13 de março.....	18
Tabela 7. Planificação da semana de 16 a 20 de março.....	22
Tabela 8. Planificação da semana de 6 a 10 de abril.....	25
Tabela 9. Planificação da semana de 13 a 17 de abril.....	29
Tabela 10. Planificação da semana de 20 a 24 de abril.....	32
Tabela 11. Planificação da semana de 27 a 30 de abril.....	35
Tabela 12. Planificação da semana de 4 a 8 de maio.....	38
Tabela 13. Planificação da semana de 11 a 15 de maio.....	41
Tabela 14. Planificação da semana de 18 a 22 de maio.....	42
Tabela 15. Planificação da semana de 25 a 29 de maio.....	44

5. CARATERIZAÇÃO REFLEXIVA DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO⁶

5.1. Meio onde está inserido o contexto

A instituição na qual foi realizada a Prática Profissional Supervisionada (PPS) pertence a um dos concelhos mais recentes de Portugal. Situada no distrito de Lisboa, a instituição está inserida numa das sete freguesias do concelho.

Apesar de a freguesia ter sido, durante muitos anos, uma zona predominantemente rural, atualmente possui características urbanas e detém uma densidade populacional das mais significativas no concelho (mais de 10 000 habitantes/ km^2). Assim, a localidade onde está inserida a instituição é caracterizada por uma paisagem marcadamente urbana onde predominam os prédios plurifamiliares, existindo poucos espaços verdes e locais para as crianças brincarem.

O comércio existente tem vindo a aumentar, uma vez que o acesso à freguesia tem sido cada vez mais facilitado com a contribuição de infraestruturas rodoviárias, que, reforçadas também por outros meios de transporte como o metro e várias carreiras de autocarros, reduziram o isolamento da região e permitiram a fixação de novas empresas no concelho, especialmente novas superfícies comerciais que proporcionaram a criação de 2500 postos de trabalho.

As atividades económicas mais representativas do concelho são, por ordem crescente: a construção civil, a indústria trabalhadora (de papel, artes gráficas e edição, indústria metalúrgica e metalomecânica, indústria de máquinas e de eletrónica), a hotelaria e a restauração e o comércio (a retalho e por grosso).

O concelho apresenta uma grande variedade de comércio e de serviços, existindo posto de correios, farmácias, casas de repouso e centros de dia para a terceira idade, cafés, restaurantes, hiper e supermercados, floristas, escolas de condução, centros de saúde, esquadra de Polícia e Segurança Pública, Posto de Bombeiros, Proteção Civil, entre outros.

⁶ Todas as informações presentes na secção 1 do portefólio são retiradas do Projeto Educativo da Instituição de 2014/2017 e do Projeto Pedagógico da sala 6

Nota de campo

Observámos, por exemplo, uma das educadoras a sair da instituição com as crianças para ir comprar ingredientes para fazer um bolo, pois era o aniversário de uma das crianças. Se não existisse o tipo de comércio descrito, tal oportunidade de aprendizagem não era possível de acontecer.

Relativamente ao património histórico da freguesia, este é rico. Possui de uma vasta lista de lendas e de personagens da realeza e do clero, assim como infraestruturas históricas. Fazem parte do património histórico da freguesia a Igreja Matriz, o Memorial, o Jardim do Largo com o Coreto e o Chafariz, o Padrão e a Quinta da Memória.

Na freguesia existem também várias associações ligadas à cultura, como, por exemplo, um rancho, uma Associação Recreativa e Cultural Indo-portuguesa e a Sociedade Musical, ao desporto, como, por exemplo, o Atlético Clube, o Ginásio Clube e o Centro Karaté-do-Shotokan, e à juventude, como, por exemplo, o Corpo Nacional de Escutas.

Em suma, a localidade onde está inserida a instituição pode-se caracterizar como tendo uma grande densidade populacional, assim como uma vasta variedade de comércio e de serviços, possibilitada pelo fácil acesso através de infraestruturas rodoviárias e meios de transporte públicos, contando ainda com um património histórico e cultural e também com associações culturais, desportivas e juvenis.

5.2. Contexto socioeducativo

A instituição surgiu em 1980 sobre a alçada do instituto da família e ação social, do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, no entanto, em 2011 a instituição passa para a gestão da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), através do Decreto de lei nº 16/2011 de 25 de Janeiro, onde é estabelecido o regime legal da cedência dos Estabelecimentos Integrados do ISS, por um período de três anos.

Nota de campo

Por toda a instituição podemos observar um clima de incerteza e mal-estar, desde os funcionários às famílias das crianças, uma vez que a SCML não irá continuar a assegurar a gestão do estabelecimento, estando este em risco de encerrar no próximo ano letivo.

Observámos uma manifestação de pais contra o encerramento da instituição e observámos por inúmeras vezes conversas em que os funcionários demonstram falta de motivação e desânimo perante o seu trabalho.

A instituição oferece à população as respostas sociais de creche institucional com capacidade de 34 crianças (2-3 anos), creche familiar com capacidade para 92 crianças (distribuídas por 23 amas), jardim-de-infância com capacidade de 141 crianças e um gabinete de intervenção precoce composto por 5 ajudantes familiares, supervisionadas por uma técnica do núcleo de supervisão do sistema nacional de intervenção precoce na infância.

O edifício pertence à camara municipal que cedeu uma parte do edifício à junta de freguesia, onde funciona um centro de dia para idosos. E a outra parte, onde funciona a instituição, foi cedida ao instituto da segurança social que a cedeu posteriormente à SCML.

O edifício encontra-se em razoável estado de conservação, no entanto, necessita de alguns melhoramentos.

Nota de campo

A fachada da instituição encontra-se extremamente degradada devido ao vandalismo (grafitis).

Algumas salas de atividades necessitam de um revestimento novo para o pavimento.

Em conversa com uma educadora esta afirmou que a instituição necessita de obras, no entanto, estas não são realizadas pois a SCML não quer investir num edifício que não estará sobre a sua tutela no próximo ano.

No piso 1 encontram-se a secretaria, o gabinete da direção, 2 salas de atividades afetas à valência de creche e 2 salas afetas à valência de jardim-de-infância, uma sala de apoio à creche familiar, uma sala de reuniões, um refeitório para a creche, um refeitório para funcionários, 2 casas-de-banho para crianças e outras 2 para adultos, um

salão polivalente, uma sala de intervenção precoce, um recreio exterior e duas despensas.

No piso 0 encontram-se 4 salas de atividades afetas à valência de jardim-de-infância, 1 salão polivalente, 1 refeitório, 1 cozinha, 1 casa de banho de adultos, 4 casas-de-banho de crianças, 1 arrecadação, 1 despensa, 1 recreio exterior e uma lavandaria.

A instituição tem como prioritária a educação de crianças provenientes de famílias com carências económicas, admitindo e integrando crianças provenientes de estratos socioeconómicos variados e com Necessidades Educativas Especiais (NEE), com idades compreendidas entre os 4 meses e os 6 anos. O lema da instituição é: “Educar hoje para colher amanhã”, ou seja, educar para o futuro. A missão é a “melhoria das condições de qualidade de vida das crianças, promovendo o seu desenvolvimento, com uma efetiva igualdade de oportunidades, em função das suas características individuais”. A visão afirma que pretendem “Inovação na adequação e aplicação das metodologias de intervenção, definindo como eixos prioritários o saber ser, saber fazer, saber estar, que permitem prestar serviços de excelência, de modo a que todos os que são alvo de uma atividade se sintam os protagonistas da instituição”. Os valores que orientam a prática educativa da instituição são o respeito pela criança, a equidade, a responsabilidade e a integridade.

Os princípios educativos que regem a ação pedagógica vão encontro do que é definido no lema, missão, visão e valores definidos anteriormente, “valorizando sempre atitudes e comportamentos com o horizonte no crescimento global e saudável das crianças”.

Através da análise dos documentos orientadores da ação educativa e daquilo que observámos podemos afirmar que a equipa educativa aposta na qualidade educativa, no entanto o ambiente que se vive na instituição devido às incertezas do próximo ano letivo afetam a prática pedagógica e a relação entre a própria equipa educativa e por consequência afeta o funcionamento da instituição e o grupo de crianças.

5.3. Equipa educativa

A equipa educativa da instituição é composta por 57 pessoas, sendo que 34 trabalham dentro da instituição e 23 trabalham fora da instituição. Ou seja, dentro da

instituição a equipa é constituída por 1 diretor pedagógico, 1 assistente administrativo, 12 educadoras de infância, 5 ajudantes familiares, 12 auxiliares de ação socioeducativa e 3 auxiliares de serviços gerais. As 23 pessoas que trabalham fora da instituição, mas que integram a equipa educativa, dizem respeito às amas.

A Instituição abrange várias respostas sociais: a creche familiar, que é composta por 4 educadoras de infância e 23 amas; a creche: que é composta por 2 educadoras de infância e 4 auxiliares de ação socioeducativa; o jardim-de-infância: que é composto por 6 educadoras de infância e 8 auxiliares de ação socioeducativa; e a intervenção precoce: que é composta por 1 psicóloga e 5 ajudantes familiares. Existe ainda uma equipa interdisciplinar que fornece apoio à instituição e que é composta por 3 pessoas: 1 psicóloga, 1 técnica superior de educação e 1 técnica superior de serviço social.

Uma vez que são muitos os membros que compõe a equipa educativa, as relações tornam-se um pouco mais distantes e pontuais, ou seja, o trabalho e união da equipa é verificado através de reuniões que existem e de momentos regulares em que, por exemplo, as auxiliares e educadoras estão todas juntas (acolhimento e recreio).

Nota de campo

Foi-se percebendo ao longo dos dias de observação que o contacto entre educadoras e auxiliares do JI faz-se essencialmente durante o acolhimento, em que estão todas as educadoras e todas as auxiliares juntas enquanto vão chegando as crianças ou então durante o recreio onde também se reúnem todas.

Foi ainda possível verificar que existe alguma separação por valências, isto é, não existe muita comunicação entre as educadoras e auxiliares de creche e de JI.

Nota de campo

Foi observado que existe uma clara separação entre educadoras e auxiliares da creche e do JI pois são raros os momentos em que existe comunicação entre os membros das duas valências. Ou seja, ainda não assistimos a qualquer contacto ou cooperação entre as educadoras e auxiliares de cada contexto.

Relativamente ao ambiente da equipa educativa, foi observado que este é por vezes hostil e instável, pois é notório o desagrado e a insegurança sentida pelas funcionárias devido à situação que se vive na instituição, uma vez que estão em causa dos postos de trabalho.

Nota de campo

Tem sido observado um clima de incerteza e mal-estar e um ambiente hostil por parte dos funcionários devido à situação da instituição uma vez que a SCML não irá continuar a assegurar a gestão do estabelecimento, estando este em risco de encerrar no próximo ano letivo. Como tal os postos de trabalho são incertos e os funcionários sentem-se inseguros quanto ao seu futuro.

Relativamente à equipa educativa da sala, onde foi realizada a minha PPS, esta é composta por uma educadora-de-infância e uma auxiliar de ação educativa que já trabalham em equipa há três anos.

5.4. Família das crianças

A família das crianças da sala na qual foi realizada a PPS em JI caracterizam-se por abrangerem apenas 3 tipologias de agregados familiares: Família Nuclear ou Simples, Família Monoparental e Família Alargada ou Extensa. O nível de escolaridade é em média o 9º ano, o que contribui para que a situação laboral mais recorrente seja o desemprego. Desta situação resulta uma maioria de famílias que se encontra num nível socioeconómico baixo com limitações e carências. Quanto às famílias que se encontram ativas profissionalmente, estas trabalham geralmente na área do comércio, da construção civil e da limpeza doméstica. Relativamente à nacionalidade das famílias, existem uma grande multiculturalidade, uma vez que os pais das crianças são oriundos de diversos países: Guiné, Angola, Moldávia, Brasil, São Tomé, Portugal, Senegal, Roménia e México.

A relação das famílias com a equipa educativa de sala é, de uma forma geral, razoável havendo algumas conversas informais entre os pais e a equipa. No entanto, existem muitos casos em que os pais se limitam a “deixar” as crianças à porta da sala, sem entregarem o filho a algum membro da equipa e sem transmitirem quaisquer informações à educadora ou auxiliar.

Nota de campo

Hoje a Eva chegou à sala com uma queimadura grave numa das mãos, a queimadura veio completamente expostas, sem sinais de ter sido tratada. Perguntamos à Eva o que tinha acontecido e onde estava a pai para podermos falar com ele e ela disse que foi um tio que a veio por e que já se tinha ido embora.

Existe à porta da sala uma pasta respetiva a cada criança que os pais devem assinar quando vão pôr e buscar a criança, contudo este tipo de registo é raramente utilizado pelas famílias. Relativamente à participação das famílias no JI, na sala 6, esta é assegurada através da participação dos pais num dia da semana em que vão à sala fazer uma atividade com o grupo e também através da participação nos projetos da sala, contribuindo com informações caso a educadora o solicite.

Nota de campo 7

Hoje a mãe da Cristina veio à sala fazer uma atividade de artes plásticas com o grupo. Criou uma espécie de quadro com uma laço gigante que diz ser um símbolo da primavera e da mulher na Roménia (o seu país de origem).

5.5. Grupo de crianças

O grupo de crianças da sala na qual foi realizada a PPS em JI era inicialmente composto por 20 crianças, mas devido a duas desistências no início do ano letivo o grupo encontra-se composto por 18 crianças, sendo que 8 são do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Quanto ao nível das idades, o grupo é heterógeno, as crianças têm entre 3 e 4 anos (até à data). Neste grupo, 4 crianças apresentam atrasos significativos ao nível do desenvolvimento mas apenas 3 estão diagnosticadas com NEE e estas são acompanhadas por técnicas de intervenção precoce. Uma das crianças com NEE tem

uma doença degenerativa nervosa que a coloca numa posição mais protegida e de maior segurança por parte da equipa educativa. As crianças com NEE e as crianças de 3 anos ainda fazem repouso.

Tabela 12. Informações sobre o grupo de crianças

Nome	Idade	Género	Colocação anterior
Alexandra	4 anos	F	Sala 6
Alexandre	4 anos	M	Sala 6
Cristina	4 anos	F	Sala 6
Damien	4 anos	M	Outro JI
Daniel	3 anos	M	Meio familiar
Dione	4 anos	F	Transitou da sala 5
Eliaquim	4 anos	M	Sala 6
Érica	4 anos	F	Sala 6
Eva	4 anos	F	Sala 6
Francisco	4 anos	M	Sala 6
Inês	3 anos	F	Meio familiar
Íris	4 anos	F	Sala 6
João	3 anos	M	Ama
Mathias	3 anos	M	Meio familiar
Nénéta	4 anos	F	Sala 6
Pedro	4 anos	M	Sala 6
Rafaela	4 anos	F	Meio familiar
Serena	4 anos	F	Sala 6

Quanto às características do grupo, este é na maioria das vezes bem-disposto, interessado, comunicativo e bastante receptivo aos adultos e ao que estes propõem.

Nota de campo 12

Hoje a educadora cooperante propôs ao grupo fazerem um cartaz para divulgar uma notícia. Uma das crianças referiu que não estava planeado fazerem isso ao que a educadora contrapõe dizendo que não estava planeado mas que se quisessem poderiam fazê-lo, mas se não quisessem também não havia problema. As crianças rapidamente disseram que sim, que não havia problema em fazerem o cartaz porque “era para ficar bonito”.

São, regra geral, faladores, espontâneos e participativos havendo uma ou outra criança mais tímida e com maior dificuldade em falar em público.

Nota de campo 13

Hoje depois da educadora cooperante me ter apresentado ao grupo e depois de eu ter dito algumas coisas, foram muitas as perguntas e curiosidades colocadas pelas crianças. Praticamente todas tinham algo a dizer ou perguntar. Percebe-se que é um grupo bastante comunicador.

A partir da observação foi possível perceber que se trata de um grupo com muitas ideias e curiosidades. No entanto, foi também observado que, uma vez que o grupo é muito falador, por vezes torna-se difícil que o grupo faça silêncio e se concentre no que o educador está a dizer, sendo por vezes difícil a comunicação entre o educador e o grupo, considerando-o como tal, barulhento e agitado.

Nota de campo 14

Tenho reparado neste primeiros dias que o grupo é bastante comunicativo e falador, por vezes até um pouco demais. Hoje a educadora teve inclusive que ter uma “conversa séria” com o grupo porque estes estavam a falar muito alto e ao mesmo tempo e não conseguiam ouvir os adultos quando estes os mandavam fazer silêncio.

Ainda outra característica observada é a constante atitude destas crianças para com as crianças com NEE, ou seja, durante as atividades as crianças com NEE são sempre auxiliadas pelas outras e no recreio é dada uma grande atenção às crianças com NEE, uma vez que as outras as incluem sempre nas brincadeiras.

Quanto aos interesses das crianças, estas têm uma maior preferência pela área da construção, a área do faz-de-conta e a garagem. Uma vez que, como referido anteriormente, o grupo é bastante curioso, predomina o gosto pelas histórias e o que podem descobrir a partir destas.

5.6. Análise reflexiva

Na sala 6, a equipa educativa tem como objetivo principal contribuir para uma boa formação da personalidade de cada criança, transmitindo-lhes tanto conhecimentos curriculares como também valores morais e sociais. Para tal, a equipa tem como base a afetividade, a aceitação, a compreensão e, simultaneamente, a firmeza.

De acordo com o projeto pedagógico de sala, o Modelo Pedagógico adotado na sala 6 é o Movimento da Escola Moderna (MEM), pois são usados alguns instrumentos característicos deste modelo, os nominados “instrumentos de pilotagem” (ver anexo A) uma vez que “estes instrumentos ajudam o educador e as crianças a orientar/regular (planear e avaliar) o que acontece (individualmente e em grupo) na sala construindo-se como «informantes na regulação formativa».”, (Niza, 1996, citado por Folque, 2014, p.55). Contudo o modelo seguido não é totalmente linear mas sim adaptado.

Nota de campo 15

Hoje quando questioneei a educadora sobre o Modelo Pedagógico que seguiam, esta explicou-me que se regem pelo MEM, no entanto é de uma forma adaptada uma vez que nem sempre tudo se adequa ao grupo e portanto teve de fazer algumas adaptações.

Desta forma, a equipa educativa da sala valoriza a gestão democrática do grupo ao promover a partilha do poder, entre crianças e adultos, e com o intuito de conduzir a uma educação para a cidadania. Uma vez que o MEM valoriza a aprendizagem partilhada e centrada nos interesses e necessidades das crianças, na sala 6 são respeitados os interesses, as necessidades e acima de tudo a opinião do grupo.

Nota de campo 16

Como hoje foi o ultima dia da semana, quando o grupo estava a planear o que fazer na próxima semana, uma das crianças sugeriu fazer um bolo. A educadora inicialmente tentou dissuadir o grupo porque tinham muitos trabalhos para fazer, mas uma outra criança insistiu que já não faziam culinária à muito tempo e que queria também fazer um bolo. Rapidamente surgiram as ideias de que o bolo deveria ser de chocolate, com morangos e pintinhas coloridas. A educadora acabou por concordar com a ideia, respeitando o desejo do grupo.

Como no MEM se destaca o cooperativismo, a solidariedade, a autonomia, a criatividade, a autoestima e a responsabilidade, estes são princípios que são tidos em conta pela equipa educativa de sala.

A sala de atividades 6 (ver anexo B) está situada no piso 0 do edifício e no anexo C encontram-se as principais características da sala. A sala é bem estruturada e organizada por 7 áreas distintas:

Tabela 13. Áreas da sala de atividades 6

Áreas	Descrição
Biblioteca	Espaço com uma estante com livros infantis, adequadas às idades, uma pequeno sofá e almofadas.
Oficina da escrita	Espaço com um quadro magnético, letras, imagens, canetas, lápis, tesoura, cola e um computador.
Faz-de-conta	Espaço onde se desenvolvem os papéis sociais e as relações interpessoais. É um espaço equipado com uma mesa, um fogão, um armário para a louça, uma cama para bonecas e bonecas.
Matemática e ciência	Espaço que oferece às crianças o contacto com os números, as quantidades, as formas geométricas, as

	medidas, os pesos, jogos de encadeamento e lógica, blocos lógicos, balança, fita métrica, lupa e outros materiais de apoio à realização de experiências.
Plástica	Espaço onde se exploram diversos materiais e técnicas de expressão plástica. Neste espaço existem tintas, plasticina, tecidos, revistas, etc.
Construções e jogos	Espaço composto por jogos de encaixe, de associação, puzzles e legos.
Reunião	Espaço composto por mesas várias mesas onde todas as crianças se sentam e onde se realizam as reuniões de grande grupo, onde se contam novidades, onde se faz o plano do dia e também a avaliação do mesmo.

É ainda equipada com mobiliário e material lúdico-didático adequados à faixa etária das crianças e “Os materiais são organizados de modo a estarem acessíveis, permitindo que as crianças os utilizem sem precisarem de ajuda.” (Folque, 2014, p.57). Fora da sala existem ainda alguns espaços que são destinados a todas as crianças da instituição e onde estas realizam diversas atividades:

Tabela 14. Espaços comuns às crianças da instituição

Espaços	Descrição
Salão polivalente	Espaço onde se faz o acolhimento das crianças, composto por uma televisão e um leitor de cd's. Espaço onde se realizam também outro tipo de atividades, como por exemplo a aula de música.
Recreio exterior	Espaço amplo e dividido em dois recreios. Um deles é coberto por um pano que protege parte da área do

	sol. Equipado com balouços, escorregas e uma casa de madeira.
Auditório	Auditório exterior ao edifício mas ao qual existe acesso por escadas. Local se realiza a expressão motora.

Quanto à rotina do grupo, esta é semanal, uma vez que em cada dia da semana é explorado uma área de conteúdo diferente. Esta é bem delineada e adequada ao grupo de crianças da sala e à faixa etária do mesmo, contudo é importante referir que “As rotinas, tendo embora uma organização nem definida, devem ser flexíveis para dar resposta às necessidades do grupo e de cada criança, de acordo com os fatores contextuais da vida diária.” (Folque, 2014, p.59).

Tabela 15. Rotina semanal da sala de atividades 6

Hora/Dia	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
09h00	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
09h30	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo
10h00	Exploração das áreas e projetos	Expressão Motora e Hora do conto	Exploração das áreas e projetos	Expressão Musical e Hora do conto	Exploração das áreas e projetos
11h15	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11h50	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene
12h00	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13h00	Recreio/Repouso	Recreio/Repouso	Recreio/Repouso	Recreio/Repouso	Recreio/Repouso
14h00	Jogos sociais ou dramatizações	Atividades de linguagem e escrita	Atividades de plástica ou tarde com as famílias	Atividades de matemática ou ciência	Arrumar trabalhos semanais
15h30	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo	Reunião de grupo

15h50	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene
16h00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
Obs. Às 2ª e 5ª feira, as atividades são feitas quinzenalmente.					

6. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

6.1. Planificação geral

Ao longo das semanas de intervenção, as planificações foram sendo realizadas gradualmente, sempre de acordo com os interesses que o grupo de crianças demonstrava. No entanto, apesar das planificações irem sempre ao encontro dos interesses do grupo, foi necessário trazer para a sala algumas atividades que fomentassem e fossem promotoras de capacidades, que julguei, que deveriam ser mais desenvolvidas neste grupo, uma vez que as considero uma fragilidade. Estas capacidades estão relacionadas com o pensamento crítico das crianças, uma vez que, apesar de ser um grupo muito curioso, a capacidade de reflexão deste grupo é muito reduzida, considerando, por mim, primordial enriquecer esta capacidade através de diversas atividades, isto porque “A pouco e pouco, as crianças são estimuladas para refletir sobre essas atividades e assim começam a atribuir-lhes significado e intencionalidade” (Folque, 2014, p.59), deste modo o objetivo é fomentar o grupo a questionar-se mais, a refletir sobre o mundo que os rodeia, fazendo-os pensar mais profundamente sobre as questões colocadas sobre os variados temas. Aliada a esta capacidade está também a capacidade de concentração, pois visto tratar-se de um grupo agitado, considereei necessário implementar atividades que praticassem a concentração, a calma, o silêncio, de modo a que o grupo se fosse concentrando mais ao longo das atividades realizadas.

Por último, considero relevante também centrar-me em algumas potencialidades do grupo, nomeadamente o gosto que este tem em comunicar as experiências que têm e em dialogar com os colegas. Segundo Niza (1998) citado por Folque (2014), “A comunicação é uma componente central na pedagogia do MEM, constituindo um meio de desenvolvimento social e cognitivo.” (p.61), como tal, ao longo da minha prática serão proporcionados momentos de diálogo e de a partilha de experiências, incentivando a participação de todos os elementos do grupo, pois faz parte do papel do educador, saber ouvir as crianças, dando-lhes espaço e tempo para se expressarem.

6.2. Planificação semanal e diária

Serão então apresentadas as planificações diárias e semanais, sendo que foram planeadas ao longo da PPS e com o conhecimento de que poderiam sofrer ajustes e alterações. Como tal, em alguns dias, por motivos de doença a educadora cooperante não pode estar presente, assim sendo, algumas tardes foram comprometidas e não foi possível realizar as atividades planeadas.

Tabela 16 - Planificação da semana de 2 a 6 de março

Dia 04/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala.	-----	-----	-----
Tarde	Expressão Plástica	<p style="text-align: center;"><u>Técnica do borrão</u></p> <p>A atividade é realizada por todas as crianças, na mesa de trabalho. É disponibilizado a cada criança uma folha A4, vincada no centro, e vários recipientes com tinta de várias cores. Cada criança deverá colocar tinta espalhada pelo centro da folha e de seguida deverá dobrar a folha ao meio, na vertical. Depois deverá passar a mão por cima da folha, de forma a espalhar a tinta. Por fim abre a folha e verifica o que aconteceu.</p>	<p>Utilizar corretamente a técnica do borrão;</p> <p>Compreender o conceito de simetria.</p>	<p>Utiliza corretamente a técnica do borrão;</p> <p>Compreende o conceito de simetria.</p>	<p>Folhas A4</p> <p>Recipientes com tinta</p> <p>Pinceis</p>
Dia 05/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Música	Aula dada por um professor de música.	-----		-----
	Hora do conto	Leitura da história “Frederico”.	<p>Ouvir atentamente a história;</p> <p>Responder corretamente às questões colocadas;</p>	Ouve atentamente a história;	Livro

			Recontar corretamente a história;	Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	
Tarde	Matemática	<p align="center"><u>Qual é a figura?</u></p> <p>A atividade é feita em grande grupo à volta da mesa. Esta consiste em se adivinhar, através do tato, que figura está dentro da caixa. Cada criança, uma a uma, terá que agarrar num bloco lógico, que está dentro de uma caixa, apalpa-la (sem a ver) e perceber de que figura se trata tendo que adivinhar qual é, dizendo o seu nome. Depois de adivinhar qual é a figura, a criança deve retirá-la e ver se acertou. Todo o grupo deve confirmar se a resposta esta certa. A criança, posteriormente, terá que desenhar a figura que adivinhou numa folha.</p>	<p>Nomear corretamente a figura geométrica;</p> <p>Reproduzir a figura geométrica através do desenho.</p>	<p>Nomeia corretamente a figura geométrica;</p> <p>Reproduz a figura geométrica desenhando-a corretamente.</p>	<p>Caixa de sapatos</p> <p>Blocos lógicos</p> <p>Folha de papel</p> <p>Lápis</p>
Dia 06/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos		Recursos
Manhã	Exploração de áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala.	-----	-----	-----
Tarde	Culinária	<p align="center"><u>Bolo de chocolate e morango</u></p> <p>Em grande grupo, com a ajuda da educadora, fazer um bolo de chocolate com recheio de morango.</p>	-----	-----	-----

Tabela 17. Planificação da semana de 9 a 13 de março

Dia 09/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	<p>As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas;</p> <p>Atividade orientada (individual): <u>Dominó</u> Esta atividade é realizada entre o educador e uma criança, jogando com ela ao dominó (o dominó tem números e pintas). Esta atividade é realizada com as crianças mais velhas.</p>	<p>Estabelecer relação entre símbolo numérico e quantidade</p> <p>Compreender que o último termo contado corresponde ao número total de objetos de um conjunto (cardinalidade);</p> <p>Conhecer os números naturais de 1 a 6</p>	<p>Estabelece relação entre o símbolo numérico e o número de pintas</p> <p>Compreende que o último termo contado corresponde ao número total de objetos de um conjunto</p> <p>Conhece os números naturais de 1 a 6</p> <p>Identifica o símbolo numérico</p>	Jogo do dominó (com números e pintas)
Tarde	Jogo Social	<p><u>Jogo: Quem será?</u></p> <p>O educador deve descrever uma criança (estrutura física, roupa, etc.) e pedir ao grupo que adivinhe qual é a criança de que se está a falar. Posteriormente deverá pedir-se a uma criança que descreva outra e que as restantes adivinhem qual é.</p>	<p>Observar atentamente a criança que está a descrever;</p> <p>Exprimir oralmente factos através da descrição correta de uma das crianças;</p> <p>Utilizar corretamente vocabulário adequando à situação;</p>	<p>Observa atentamente a criança que está a descrever;</p> <p>Exprime oralmente factos;</p> <p>Descreve corretamente uma das crianças;</p> <p>Utiliza corretamente vocabulário adequando à situação;</p>	-----

Dia 10/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Expressão Motora	<p style="text-align: center;"><u>Deslocamentos e Equilíbrios</u></p> <p>Aquecimento: Série de exercícios que envolvam diversas formas de deslocamento (andar, correr, pé coxinho, saltar a pés juntos, saltar à tesoura, etc.) Desenvolvimento: Fazer um percurso que envolva equilíbrio (andar em cima de uma corda, andar em linha reta, andar em zig-zag, fazer curvas, andar e atirar uma bola ao ar, etc.) Retorno à calma: Jogo acorda dorminhoco</p>	<p>Realizar diferentes deslocamentos;</p> <p>Equilibrar-se num espaço limitado;</p> <p>Desenvolver o espírito de grupo/equipa.</p>	<p>Recomeça parte do percurso quando não respeitou a forma de realizar essa parte;</p> <p>Realiza diferentes deslocamentos;</p> <p>Equilibra-se num espaço limitado;</p> <p>Torce pelos colegas da sua equipa.</p>	<p>Cordas</p> <p>Bolas</p> <p>Papel autocolante</p>
	Hora do Conto	<p style="text-align: center;">Leitura da história</p>	<p>Ouvir atentamente a história;</p> <p>Responder corretamente às questões colocadas;</p> <p>Recontar corretamente a história;</p>	<p>Ouve atentamente a história;</p> <p>Responde corretamente às questões que são colocadas;</p> <p>Reconta corretamente a história;</p>	<p>Livro</p>
Tarde	Linguagem e Escrita	<p style="text-align: center;"><u>O meu nome rima com...</u></p> <p>Ensinar a cada criança uma rima que inclui o seu nome para esta a decore e comece a perceber o conceito de rima. Pedir às crianças que tentem dizer outras palavras que rimem com o seu nome.</p>	<p>Ouvir atentamente a rima que é ensinada;</p> <p>Reproduzir corretamente a rima;</p>	<p>Ouve atentamente a rima que é ensinada;</p> <p>Reproduz corretamente a rima;</p>	<p>-----</p>

			Compreender o conceito de rima; Dizer palavras que rimem;	Compreende o conceito de rima; Diz palavras que rimam;	
Dia 11/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas Atividade orientada (individual): <u>Identificar cores</u> Pedir a uma criança para ir buscar diversos objetos de diferentes cores; vermelho, azul, amarelo, verde, etc. Esta atividade é realizada com as crianças mais novas.	Identificar a cor que é solicitada; Identificar a cor associada ao objeto que é solicitado;	Identifica a cor que é solicitada; Identifica o objeto que é solicitado; Identifica o objeto da cor que é solicitada.	Objetos da sala de atividades
Tarde	Expressão Plástica	<u>Desenho ditado</u> A atividade consiste em dizer por palavras o que a criança deverá desenhar na folha. Esta deverá desenhá-lo consoante o que é indicado.	Ouvir atentamente o que é ditado; Desenhar corretamente o que é ditado;	Ouve atentamente o que é ditado; Desenha corretamente o que é ditado;	Folhas A3 Canetas de feltro Lápis de cor
Dia 12/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Música	Aula dada por um professor de música.	-----	-----	-----
	Hora do Conto	Leitura da história	Ouvir atentamente a história;	Ouve atentamente a história;	Livro

			Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história;	Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	
Tarde	Ciências	<u>Leite Psicadélico</u> Atividade consiste em mostrar às crianças uma experiência com leite e corante e verificar que inicialmente as cores não se misturam no leite mas depois de se por detergente acabam por se misturar. Depois deve perguntar-se às crianças porque acham que tal acontece e fazer o registo ilustrativo da experiência.	Observar atentamente a experiência; Descrever corretamente o processo da experiência; Dar sugestões de explicação sobre a experiência.	Observa atentamente a experiência; Descreve corretamente o processo da experiência; Dá sugestões de explicação sobre a experiência.	Leite Corantes Detergente Folhas A4 Lápis de cor
Dia 13/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração de áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas Atividade orientada: <u>Padrões com formas geométricas</u> A atividade consiste em criar padrões simples com 4 formas geométricas (triângulo, quadrado, retângulo e círculo) e pedir à criança que complete o padrão.	Nomear corretamente a figura geométrica; Reproduzir corretamente o padrão inicial;	Nomeia corretamente a figura geométrica; Reproduz corretamente o padrão inicial;	Blocos lógicos: triângulo, círculo, quadrado e retângulo
Tarde	Arrumar trabalhos ou atividade orientada	Arrumação de trabalhos	-----	-----	-----

Tabela 18. Planificação da semana de 16 a 20 de março

Dia 16/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	<p>As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas;</p> <p>Atividade orientada (individual): <u>Dominó</u> Esta atividade é realizada entre o educador e uma criança, jogando com ela ao dominó (o dominó tem números e pintas). Esta atividade é realizada com as crianças mais velhas.</p>	<p>Estabelecer relação entre símbolo numérico e quantidade</p> <p>Compreender que o último termo contado corresponde ao número total de objetos de um conjunto (cardinalidade);</p> <p>Conhecer os números naturais de 1 a 6</p>	<p>Estabelece relação entre o símbolo numérico e o número de pintas</p> <p>Compreende que o último termo contado corresponde ao número total de objetos de um conjunto</p> <p>Conhece os números naturais de 1 a 6</p> <p>Identifica o símbolo numérico</p>	Jogo do dominó (com números e pintas)
Tarde	Dramatização	<p><u>Dramatização: Capuchinho Vermelho</u></p> <p>A atividade será realizada pelas crianças com o auxílio do educador. A atividade consiste na dramatização da história do capuchinho vermelho com fantoches. Antes de se iniciar a dramatização deve-se recordar a história com o grupo de crianças.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reproduzir corretamente a história; - Manipular corretamente o fantoche; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reproduz corretamente a história; - Manipula corretamente o fantoche; 	Fantoches

Dia 17/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Expressão Motora	<p>Aquecimento: Brincar a apanhada</p> <p>Desenvolvimento: Manipulação de bolas. Lançamentos entre pares.</p> <p>As crianças a pares terão de lançar a bola uma à outra e tentar apanhar.</p> <p>Retorno à calma: Jogo acorda dorminhoco</p>	<p>Lançar corretamente a bola;</p> <p>Apanhar a bola com as duas mãos;</p> <p>Desenvolver o espírito de grupo/equipa.</p>	<p>Lança corretamente a bola;</p> <p>Apanha a bola com as duas mãos;</p> <p>Torce pelos colegas da sua equipa.</p>	Bolas
	Hora do Conto	Leitura da história	<p>Ouvir atentamente a história;</p> <p>Responder corretamente às questões colocadas;</p> <p>Recontar corretamente a história;</p>	<p>Ouve atentamente a história;</p> <p>Responde corretamente às questões que são colocadas;</p> <p>Reconta corretamente a história;</p>	Livro
Tarde	Linguagem e Escrita	<p><u>O meu nome rima com...</u></p> <p>Ensinar a cada criança uma rima que inclui o seu nome para esta a decore e comece a perceber o conceito de rima. Pedir às crianças que tentem dizer outras palavras que rimem com o seu nome.</p>	<p>Ouvir atentamente a rima que é ensinada;</p> <p>Reproduzir corretamente a rima;</p> <p>Compreender o conceito de rima;</p> <p>Dizer palavras que rimem;</p>	<p>Ouve atentamente a rima que é ensinada;</p> <p>Reproduz corretamente a rima;</p> <p>Compreende o conceito de rima;</p> <p>Diz palavras que rimam;</p>	-----
Dia 18/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Recursos	Recursos

Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas Atividade orientada (individual): <u>Identificar cores</u> Pedir a uma criança para ir buscar diversos objetos de diferentes cores; vermelho, azul, amarelo, verde, etc. Esta atividade é realizada com as crianças mais novas.	Identificar a cor que é solicitada; Identificar a cor associada ao objeto que é solicitado;	Identifica a cor que é solicitada; Identifica o objeto que é solicitado; Identifica o objeto da cor que é solicitada.	Objetos da sala de atividades
Tarde	Expressão Plástica	<u>Desenho ditado</u> A atividade consiste em dizer por palavras o que a criança deverá desenhar na folha. Esta deverá desenhá-lo consoante o que é indicado.	Ouvir atentamente o que é ditado; Desenhar corretamente o que é ditado;	Ouve atentamente o que é ditado; Desenha corretamente o que é ditado;	Folhas A3 Canetas de feltro Lápis de cor
Dia 19/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Música	Aula dada por um professor de música.	-----	-----	-----
	Hora do Conto	Leitura da história	Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas;	Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	Livro

			Recontar corretamente a história;		
Tarde	Matemática	<p style="text-align: center;"><u>Jogo dos padrões</u></p> <p>A atividade consiste na construção de padrões simples com 3 figuras. O educador começa por dar início ao padrão e a criança terá de o continuar.</p>	<p>Observar atentamente;</p> <p>Reproduzir corretamente o padrão;</p>	<p>Observa atentamente;</p> <p>Reproduz corretamente o padrão;</p>	<p>Papel A4</p> <p>Figuras em papel</p> <p>Cola</p>
Dia 20/03/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração de áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	<p>Nomear corretamente a figura geométrica;</p> <p>Reproduzir corretamente o padrão inicial;</p>	<p>Nomeia corretamente a figura geométrica;</p> <p>Reproduz corretamente o padrão inicial;</p>	Blocos lógicos: triângulo, círculo, quadrado e retângulo
Tarde	Arrumar trabalhos ou atividade orientada	Arrumação de trabalhos	-----	-----	-----

Tabela 19. Planificação da semana de 6 a 10 de abril

Dia 6/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
--------------------------	-------------------------	------------------	------------------	--------------------	-----------------

Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas;	-----	-----	-----
Tarde	Jogo Social	<u>Jogo do espelho</u> As crianças a pares deverão (à vez) fazer uma série de gestos e o respetivo parceiro terá de imitar tudo o que o par está a fazer.	Realizar os movimentos do parceiro corretamente; Mostrar criatividade na realização dos movimentos.	Realiza os movimentos do parceiro de forma correta e literal; Mostra criatividade na realização dos movimentos.	-----
Dia 07/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Expressão Motora	Aquecimento: Brincar a apanhada Desenvolvimento: Manipulação de bolas. Lançamentos entre pares. As crianças a pares terão de lançar a bola uma à outra e tentar apanhar. Retorno à calma: Jogo acorda dorminhoco	Lançar corretamente a bola; Apanhar a bola com as duas mãos; Desenvolver o espírito de grupo/equipa.	Lança corretamente a bola; Apanha a bola com as duas mãos; Torce pelos colegas da sua equipa.	Bolas
	Hora do Conto	Leitura da história “Não!”	Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história;	Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas;	Livro

				Reconta corretamente a história;	
Tarde	Linguagem e Escrita	<u>À procura das letras:</u> Encontrar as letras do nome de cada criança em revistas e jornais, recortar e colar numa folha.	Reconhecer as letras do nome.	Reconhece as letras do seu nome.	-----
Dia 08/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	Identificar a cor que é solicitada; Identificar a cor associada ao objeto que é solicitado;	Identifica a cor que é solicitada; Identifica o objeto que é solicitado; Identifica o objeto da cor que é solicitada.	Objetos da sala de atividades
Tarde	Expressão Plástica	<u>Desenho invisível</u> Fazer um desenho com uma tubo de cola numa folha, posteriormente colocar brilhantes por toda a folha e por fim sacudir. Observar o que aconteceu.	Desenhar com o tubo de cola mesmo sem conseguir ver; Mostrar coerência na realização do desenho.	Desenha com o tubo de cola mesmo sem conseguir ver o que está a desenhar; Mostra coerência na realização do desenho, desenhando com seguimento de acordo com o que quer desenhar.	Folhas de papel Tubos de cola Brilhantes
Dia 09/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Música	Aula dada por um professor de música.	-----	-----	-----

	Hora do Conto	Leitura da história “O pinto careca”	Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história;	Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	Livro
Tarde	Ciência	<u>Eletricidade estática</u> Realização de duas atividades que envolvem eletricidade estática. Numa delas, as crianças terão de esfregar um balão com a própria roupa e de seguida aproximar o balão e verificar o que acontece. Na outra, cada criança terá uma caneta e um conjunto de papelinhos pequenos e terão de esfregar a caneta na roupa, depois aproximar dos papelinhos e verificar o que acontece.	Conseguir realizar a atividade com a caneta sozinha; Ter paciência ao tentar apanhar os papelinhos com a caneta; Refletir, explicando o que aconteceu na atividade.	Consegue esfregar a caneta na roupa sozinha; Consegue apanhar os papéis com a caneta sozinho sem o auxílio do adulto; Tenta explicar o que aconteceu em ambas as atividades.	Balões Canetas Papel
Dia 10/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração de áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	Nomear corretamente a figura geométrica; Reproduzir corretamente o padrão inicial;	Nomeia corretamente a figura geométrica; Reproduz corretamente o padrão inicial;	Blocos lógicos: triângulo, círculo, quadrado e retângulo
Tarde	Arrumar trabalhos ou atividade orientada	Arrumação de trabalhos	-----	-----	-----

Tabela 20. Planificação da semana de 13 a 17 de abril

Dia 13/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas;	-----	-----	-----
Tarde	Dramatização	<p><u>Dramatização do Capuchinho Vermelho</u></p> <p>A atividade será realizada pelas crianças com o auxílio do educador. A atividade consiste na dramatização da história do capuchinho vermelho com fantoches. Antes de se iniciar a dramatização deve-se recordar a história com o grupo de crianças.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reproduzir corretamente a história; - Manipular corretamente o fantoche; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reproduz corretamente a história; - Manipula corretamente o fantoche; 	Fantoches
Dia 14/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Expressão Motora	<p><u>Vem que eu vou-te ensinar</u></p> <p>Aquecimento com os passos da coreografia. Aprendizagem de uma coreografia. Relaxamento ao som de uma música</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar atento à coreografia; - Reproduzir corretamente os passos da coreografia - Reproduzir corretamente a sequência dos passos da coreografia 	<ul style="list-style-type: none"> - Está com atenção à coreografia; - Reproduz corretamente alguns passos da coreografia; 	Música Colunas

				<ul style="list-style-type: none"> - Reproduz corretamente todos os passos da coreografia; - Reproduz corretamente parte da sequência dos passos; 	
	Hora do Conto	Leitura da história “A Charada da Bicharada”	<ul style="list-style-type: none"> Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história; 	<ul style="list-style-type: none"> Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história; 	Livro
Tarde	Linguagem e Escrita	<p style="text-align: center;"><u>Poema da verdade</u></p> <p>Aprendizagem de um poema. Exploração das palavras do poema. Ilustração do poema.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir atentamente o poema; - Reproduzir corretamente o poema quando solicitado; 	<ul style="list-style-type: none"> - Ouve atentamente o poema; - Reproduz corretamente as frases do poema; 	Livro
Dia 15/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Recursos	
Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	-----	-----	-----

Tarde	Expressão Plástica	<p align="center"><u>Desenho ditado</u></p> <p>A atividade consiste em ser o educador a dizer às crianças o que devem desenhar e estas terão de desenhar tal como o educador descreve. Por exemplo: desenhem uma menina, com cabelos castanhos, de olhos verdes, com um vestido azul e com sapatos vermelhos.</p>	<p>Respeitar as orientações dadas;</p> <p>Desenhar o que é descrito;</p>	<p>Respeita as orientações dadas pelo educador;</p> <p>Desenha os elementos que são descritos de forma correta;</p>	<p>Papel</p> <p>Lápis</p>
Dia 16/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
	Música	Aula dada por um professor de música.	-----	-----	-----
Manhã	Hora do Conto	Leitura da história	<p>Ouvir atentamente a história;</p> <p>Responder corretamente às questões colocadas;</p> <p>Recontar corretamente a história;</p>	<p>Ouve atentamente a história;</p> <p>Responde corretamente às questões que são colocadas;</p> <p>Reconta corretamente a história;</p>	Livro
Tarde	Matemática	<p align="center"><u>Jogo dos padrões</u></p> <p>A atividade consiste na construção de padrões simples com 3 figuras. O educador começa por dar início ao padrão e a criança terá de o continuar.</p>	<p>Observar atentamente;</p> <p>Reproduzir corretamente o padrão;</p>	<p>Observa atentamente;</p> <p>Reproduz corretamente o padrão;</p>	<p>Papel A4</p> <p>Figuras em papel</p> <p>Cola</p>

Dia 17/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração de áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	Nomear corretamente a figura geométrica; Reproduzir corretamente o padrão inicial;	Nomeia corretamente a figura geométrica; Reproduz corretamente o padrão inicial;	Blocos lógicos: triângulo, círculo, quadrado e retângulo
Tarde	Arrumar trabalhos ou atividade orientada	Arrumação de trabalhos	-----	-----	-----

Tabela 21. Planificação da semana de 20 a 24 de abril

Dia 20/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas;	-----	-----	-----
Tarde	Jogo Social	<u>Jogo do espelho</u> As crianças a pares deverão (à vez) fazer uma série de gestos e o respetivo parceiro terá de imitar tudo o que o par está a fazer.	Realizar os movimentos do parceiro corretamente; Mostrar criatividade na realização dos movimentos.	Realiza os movimentos do parceiro de forma correta e literal; Mostra criatividade na realização dos movimentos.	-----

Dia 21/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Expressão Motora	<u>Jogos com música:</u> Jogo da estátua; Jogo das cadeiras;	Fazer estátua quando a música para; Procurar uma cadeira quando a música para;	Faz estátua quando a música para, mantendo-se imóvel; Procura uma cadeira disponível quando a música para;	Leitor de música Colunas Cadeiras
	Hora do Conto	Leitura da história “Não!”	Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história;	Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	Livro
Tarde	Linguagem e Escrita	<u>Criação de uma história</u>	Contribuir com ideias para a história; Fazer uma sequência lógica da história;	Contribui com ideias para a história; Contribui com ideias que tenham seguimento com a história.	-----
Dia 22/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	-----	-----	-----

Tarde	Expressão Plástica	<p align="center"><u>Pintura insuflável</u></p> <p>Inicialmente faz-se uma tinta própria para esta pintura: junta-se farinha, sal, água e corante alimentar num recipiente e mexe-se. De seguida, pinta-se com a tinta que foi feita e por fim leva-se ao micro-ondas por alguns segundos</p>	<p>Colocar os ingredientes corretamente no recipiente;</p> <p>Melhorar os movimentos de precisão;</p> <p>Refletir sobre o que aconteceu à pintura;</p>	<p>Cola os ingredientes no recipiente de acordo com o que é indicado;</p> <p>Agarra corretamente no pincel, melhorando os movimentos de precisão;</p> <p>Reflete sobre o resultado da pintura depois de ir ao micro-ondas;</p>	<p>Farinha</p> <p>Água</p> <p>Sal</p> <p>Corante alimentar</p> <p>Recipientes</p> <p>Folhas</p> <p>Pinceis</p> <p>Micro-ondas</p>
Dia 23/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Música	Aula dada por um professor de música.	-----	-----	-----
	Hora do Conto	Leitura da história	<p>Ouvir atentamente a história;</p> <p>Responder corretamente às questões colocadas;</p> <p>Recontar corretamente a história;</p>	<p>Ouve atentamente a história;</p> <p>Responde corretamente às questões que são colocadas;</p> <p>Reconta corretamente a história;</p>	Livro
Tarde	Ciência	<u>As sementes precisam ou não de terra?</u>	<p>Seguir corretamente os procedimentos para semear as sementes em terra;</p>	<p>Segue corretamente os procedimentos para</p>	Sementes

		Realização de uma experiência para se verificar, futuramente, se as sementes precisam ou não de terra para germinar. Deste modo, as crianças semearam várias sementes em terra e semearam outras sementes numa mica.		semear as sementes em terra;	Pacote de leite Terra Mica Agrafador Folhas de papel Água
Dia 24/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração de áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	-----	-----	-----
Tarde	Arrumar trabalhos ou atividade orientada	Arrumação de trabalhos	-----	-----	-----

Tabela 22. Planificação da semana de 27 a 30 de abril

Dia 27/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
---------------------------	-------------------------	------------------	------------------	--------------------	-----------------

Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas;	-----	-----	-----
Tarde	Dramatização	<u>Dramatização: Vamos ao circo!</u> Esta atividade consiste em realizar um espetáculo de circo, em que cada criança é uma personagem do circo (à sua escolha) e terá de representá-la. As crianças em conjunto criaram um espetáculo de circo.	Representar corretamente a personagem escolhida; Cooperar com o grupo para criar o espetáculo;	Representa corretamente a personagem escolhida; Coopera com o grupo na criação do espetáculo;	Materiais disponíveis na sala
Dia 28/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Expressão Motora	<u>Jogos de pontaria</u> As crianças serão alinhadas em duas filas, e à vez terão de tentar acertar com uma bola dentro da caixa que está a sua frente. No final, o relaxamento consistirá na realização de massagens com as bolas.	Lançar a bola corretamente; Acertar com a bola no recipiente; Fazer a massagem ao colega cuidadosamente;	Lança a bola corretamente; Acerta com a bola no recipiente; Faz a massagem ao colega cuidadosamente;	Bolas 2 Recipientes
	Hora do Conto	Leitura da história “Presos”	Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história;	Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	Livro

Tarde	Linguagem e Escrita	<p><u>Palavras que começam com a letra X</u></p> <p>As crianças terão de procurar no ficheiro de imagens palavras que comecem com a mesma letra inicial dos seus nomes. Por exemplo: Cristina-Carro Posteriormente terão copiar as palavras e fazer os respetivos desenhos.</p>	<p>Identificar a inicial do seu nome;</p> <p>Conseguir encontrar palavras com a mesma inicial do seu nome;</p> <p>Copiar corretamente as letras da palavra;</p> <p>Fazer o desenho correspondente à palavra.</p>	<p>Identifica a inicial do seu nome;</p> <p>Consegue encontrar palavras com a mesma inicial do seu nome;</p> <p>Copia corretamente as letras da palavra;</p> <p>Faz o desenho correspondente à palavra.</p>	<p>Ficheiro de imagens</p> <p>Folhas</p> <p>Lápis</p>
Dia 29/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	-----	-----	-----
Tarde	Expressão Plástica	Terminar as prendas do dia da mãe			
Dia 30/04/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Festa do dia da mãe					

Dia	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
01/05/2015					
Feriado					

Tabela 23. Planificação da semana de 4 a 8 de maio

Dia	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
04/05/2015					
Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas;	-----	-----	-----
Tarde	Jogo Social	<u>Quem é quem</u> A atividade inicia-se com todas as crianças do grupo em fila lado a lado. Posteriormente é escolhida uma criança que ficará de olhos vendados e que será colocada à frente de um colega, através do tato a criança terá de adivinhar qual é o colega, dizendo o seu nome.	-----	-----	-----
05/05/2015					
Manhã	Expressão Motora	<u>Deslocamentos e Equilíbrios</u>	Realizar diferentes deslocamentos; Equilibrar-se num	Recomeça parte do percurso quando não respeitou a forma de realizar essa parte;	Cordas Bolas

		Apanhada em corrente, Estafetas e apanhada a andar;	espaço limitado; Desenvolver o espírito de grupo/equipa.	Realiza diferentes deslocamentos; Torce pelos colegas da sua equipa.	Papel autocolante
	Hora do Conto	Leitura da história “A melhor camisola do mundo”	Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história;	Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	Livro
Tarde	Linguagem e Escrita	<u>Palavras na frase</u> A atividade consiste em perceber quantas palavras existem numa frase. Como tal o educador pede a cada criança que diga uma frase e depois em conjunto com o educador, contam-se as palavras batendo-se palmas sempre que se disser uma palavra. Todas as crianças dizem uma frase e todos em conjunto contam quantas tem.	Conseguir identificar as palavras na frase; Bater uma palma quando se diz uma palavra;	Consegue identificar as palavras na frase; Bate uma palma quando se diz uma palavra;	-----
Dia 06/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Recursos	
Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	-----	-----	-----

Tarde	Expressão Plástica	<u>Construção de um papagaio de saco de plástico</u> Cada criança terá um saco de plástico que terá de decorar fazendo colagens. Depois de feitas as colagens, cada criança amarrará um cordel às asas do saco. No fim, as crianças irão à rua e irão correr com os papagaios e verificar qual o que voa mais alto.	-----	-----	-----
Dia 07/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Música	Aula dada por um professor de música.	-----	-----	-----
	Hora do Conto	Leitura da história: “O dia em que os lápis desistiram”	Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história;	Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	Livro
Dia 08/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração de áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	-----	-----	-----
Tarde	Arrumar trabalhos ou atividade orientada	Arrumação de trabalhos	-----	-----	-----

Tabela 24. Planificação da semana de 11 a 15 de maio

Dia 11/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas;	-----	-----	-----
Dia 12/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Expressão Motora	Jogos com bola; chutar entre dois pinos; chutar em grupo; lançar pelo chão dizendo nomes de animais			
	Hora do Conto	Leitura da história “Os três porquinhos”	Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história;	Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	Livro
Dia 13/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	Ida à biblioteca;	-----	-----	-----
Dia 14/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Música	Aula dada por um professor de música.	-----	-----	-----

	Hora do Conto	Leitura da história	Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história;	Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	Livro
Dia 15/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração de áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	-----	-----	-----
Obs. Nesta semana as tardes não foram planeadas por falta de educadoras. Uma vez que não estão presentes, as crianças ficam toda a tarde no recreio.					

Tabela 25. Planificação da semana de 18 a 22 de maio

Dia 18/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
---------------------------	-------------------------	------------------	------------------	--------------------	-----------------

Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas;	-----	-----	-----
Dia 19/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Expressão Motora	<u>Repetição da aula de expressão motora que mais gostaram</u> Jogos com música: Jogo da estátua; Jogo das cadeiras;	Fazer estátua quando a música para; Procurar uma cadeira quando a música para;	Faz estátua quando a música para, mantendo-se imóvel; Procura uma cadeira disponível quando a música para;	Leitor de música Colunas Cadeiras
	Hora do Conto	Leitura da história	Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história;	Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	Livro
Dia 20/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	Ida à biblioteca	-----	-----	-----
Dia 21/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos

	Música	Aula dada por um professor de música.	-----	-----	-----
Manhã	Hora do Conto	Leitura da história	Ouvir atentamente a história; Responder corretamente às questões colocadas; Recontar corretamente a história;	Ouve atentamente a história; Responde corretamente às questões que são colocadas; Reconta corretamente a história;	Livro
Dia 22/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração de áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas	-----	-----	-----
Obs. Nesta semana as tardes não foram planeadas por a educadora faltar toda a semana. Como tal as tardes são comprometidas e não são realizadas atividades.					

Tabela 26. Planificação da semana de 25 a 29 de maio

Dia 25/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
---------------------------	-------------------------	------------------	------------------	--------------------	-----------------

Manhã	Exploração das áreas e projetos	As crianças deverão trabalhar nos projetos em que estão envolvidas, sendo que quem não está a trabalhar no projeto pode explorar as diversas áreas da sala ou fazer atividades orientadas;	-----	-----	-----
Tarde	Jogo Social	<u>1, 2, 3...Macaquinho do Chinês</u>	-----	-----	-----
Dia 26/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Assistir à comunicação do projeto da sala 5				
Tarde	Ensaiai comunicação do projeto a ser apresentado na 5ª feira				
Dia 27/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Exploração das áreas e projetos	Assistir à comunicação do projeto da sala 4			
Tarde	Expressão Plástica	<u>Construção de aviões de papel</u> A atividade consiste na construção de aviões de papel, que as crianças terão de fazer seguindo os passos que o educador vai demonstrando. Antes da construção as crianças farão um desenho na folha	Seguir os passos demonstrados pelo educador; Fazer as dobras corretamente;	Segue os passos demonstrados pelo educador; Faz as dobras corretamente;	Folhas de papel Lápis de cor Canetas

		que posteriormente servirá para construir o avião. No final da construção dos aviões, as crianças irão á rua lançar os aviões e ver qual o que voa mais longe.			
Dia 28/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã	Música	Aula dada por um professor de música.	-----	-----	-----
		Preparar comunicação do projeto			
Tarde		Comunicação do projeto às outras salas			
Dia 29/05/2015	Área de conteúdo	Atividade	Objetivos	Indicadores	Recursos
Manhã		Manhã de cinema			
Tarde		Festa de despedida das estagiárias			

6.3. Identificação da problemática

Ao longo da PPS em creche, surgiu uma questão que me inquietou relativamente ao comportamento do grupo de crianças. Essa inquietação manteve-se durante toda a prática em creche, pensando então que seria um bom tema para ser investigado, nomeadamente a ação que o educador pode ter para mediar o comportamento do grupo, uma dificuldade com a qual me deparei durante a prática em creche. Contudo, uma vez que a investigação não seria possível ser feita em creche, decidi que não seria o tema mais plausível uma vez que pensava ser um problema característico daquele grupo de crianças. Assim sendo, teria de decidir apenas na PPS em JI que tema iria abordar e investigar.

Quando se iniciou a prática em JI, ao longo das primeiras semanas, deparei-me precisamente com o mesma dificuldade sentida anteriormente em creche – de que forma pode o educador controlar o comportamento do grupo de crianças. Sabendo que “À medida que a criança cresce e passa mais tempo na escola, o efeito do conhecimento das emoções sobre um comportamento socialmente adaptado torna-se cada vez mais importante” (Santos & Veríssimo, 2008, p.466), durante a intervenção em JI, uma vez que o grupo em questão é muito falador, barulhento e agitado, foi por vezes difícil controlar o comportamento das crianças. Após uma conversa com a supervisora institucional, que concordou ser um tema possível de abordar e investigar, decidi então abordar o tema: A ação do Educador na Mediação do Comportamento do Grupo de Crianças.

Uma vez que se trata de um tema muito presente e que me suscitou dificuldades - gerir as dinâmicas de grande grupo - tendo assim um interesse especial em encontrar soluções para o resolver, considero que se trata de um bom tema de estudo, análise e reflexão.

Assim sendo, ao longo da PPS, foram alguns os momentos “ em que as crianças «nos põem à prova». Necessitam de ver se os adultos estão seguros ou inseguros, qual a sua capacidade de resposta, de atuação, de resolução dos problemas” (Reyes, 2010, citado por Catarina Fonseca, 2013), portanto foi necessária a implementação de algumas estratégias de forma a “controlar” o comportamento do grupo, tornando-se imprescindíveis ao longo da prática. Foi ainda colocado aos pais um inquérito de forma a recolher informações relativas ao comportamento dos filhos (anexo D).

7. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO

7.1. Avaliação pessoal semanal (autoavaliação)

7.1.1. Semana de 23 a 27 de fevereiro (semana de observação)

Reflexão semanal

A semana de observação em contexto de pré-escolar iniciou-se a uma quinta-feira, dia 19 de fevereiro, sendo que no dia seguinte a instituição estava fechada, pelo que não foi possível fazer observação nesse dia. Como tal, foi considerada como semana de observação, do dia 23 a dia 27 de fevereiro. Contudo, na segunda-feira e na terça-feira não me foi possível estar presente no estágio devido a uma lesão. Posto isto, durante 4 dias foi possível fazer uma boa observação sendo que esta foi participante, ou seja, ao longo dos 4 dias tentei interiorizar-me no grupo, trabalhando e brincando com eles de forma a conhecer um pouco melhor o grupo e a rotina deste, e também permitindo que as crianças do grupo me conhecessem e começassem a ganhar confiança em mim.

Quanto à instituição, logo no primeiro dia, deparei-me com o mau aspeto exterior do edifício. Este está visivelmente vandalizado, com frases, palavras e desenhos claramente utilizados como forma de demarcação de territórios entre grupos, algo comum nesta localidade. Este mau aspeto com o qual me deparei assim que cheguei à instituição levou-me a refletir e a tirar algumas conclusões quanto ao meio em que está inserido o contexto e também a prever como deverá ser o contexto socioeducativo. Contudo, os pensamentos não passaram de suposições com base na primeira impressão, até porque ainda não tinha conhecido realmente a instituição “por dentro”.

Desta forma, observado o exterior da instituição, quando entrámos (eu e as minhas colegas) fomos recebidas por uma auxiliar que nos indicou à diretora da instituição. A diretora não foi esclarecedora quanto ao funcionamento da instituição, indicou-nos apenas as educadoras com que iríamos ficar (foram previamente escolhidas) e levou-nos até às salas para as conhecermos. A sala onde irei realizar a minha PPS situa-se no piso 0, onde estão 4 das 6 salas de JI.

Depois de a diretora nos indicar onde estavam as educadoras, conheci a Ed. Rute com a qual iria colaborar e esta mostrou-nos de uma forma geral as instalações.

De seguida encaminhou-nos para o salão polivalente onde se faz o acolhimento e onde conhecemos as restantes educadoras, também auxiliares de ação educativa e algumas crianças. A educadora explicou-nos logo que o acolhimento das crianças é sempre feito naquele espaço, e por voltas das 9h30 as educadoras vão para as salas com o respetivo grupo. Apesar da hora de acolhimento das crianças ser até às 9h30, nem todas as crianças chegam até essa hora, muitas vão chegando ao longo da manhã.

Feitas as apresentações, cada estagiária foi com o respetivo grupo e educadora para a sala. Quando cheguei a sala onde iria trabalhar, percebi que não havia o espaço no chão, onde se costuma fazer a conversa da manhã, como era habitual nos outros locais onde estagiei. Reparei que o grupo se sentou a volta da mesa que estava no centro da sala e a educadora sentou-se no seu lugar, que explicou ser sempre o mesmo, ao contrário do grupo, pois na sala e no refeitório não existem lugares marcados, as crianças sentem-se onde querem, devendo ser elas a gerir os lugares da sala.

Posto isto, a Educadora apresentou-me às crianças que estavam presentes na sala, dizendo-lhes que eu estava ali para aprender a ser professora, tal como a Rute e que me deveriam respeitar tal como a respeitam a ela e à Fernanda, a Auxiliar de ação educativa da sala. A educadora aproveitou o momento também para me informar das 3 crianças com Necessidades Educativas Especiais e também de algumas questões de funcionamento da sala.

Ao longo da semana aproveitei para conhecer o grupo, brincar um pouco com eles pelas áreas e conhecer melhor os gostos e curiosidades delas. Pude-me aperceber que se trata de um grupo bastante curioso e interessado, muito ativo e falador, e demonstram uma grande vontade em aprender.

Durante a semana a educadora cooperante mostrou-se também disponível para esclarecer todas as minhas dúvidas e foi-me explicando toda a metodologia utilizada na sala e as rotinas do grupo e também da instituição.

Essencialmente, esta semana serviu para conhecer o grupo de crianças com o qual irei trabalhar, quais os seus interesses e necessidades, e começando a formular algumas atividades que irei trazer de início de forma a cativar o grupo e ganhar a confiança das crianças.

7.1.2. Semana de 2 a 6 de março

Reflexão semanal

Esta semana caracterizou-se por ser uma adaptação minha ao grupo e ao funcionamento deste, sendo que foi partilhado entre mim e a educadora os vários momentos e atividades. Na segunda e terça-feira, fiz ainda observação, para completar os dias que faltei na semana anterior por motivos de doença. Como tal, comecei na quarta-feira a intervir aos poucos, tentando-me assumir também como educadora e mostrando ao grupo que seria eu a intervir daqui adiante. No entanto, como referido anteriormente, a educadora cooperante foi sempre intervindo quando necessário e foi-me auxiliando nestes “primeiros passos”.

Iniciei a minha intervenção, na quarta-feira, com uma atividade de pintura, de certa forma para conseguir perceber qual a posição do grupo relativamente a este tipo de atividades e também para perceber quais as crianças com mais ou menos dificuldades. A atividade foi muito bem recebida pelo grupo, mostraram agrado e surpresa conforme iam fazendo a atividade e Foi possível perceber que algumas crianças têm mais dificuldade em perceber o que é pedido, sendo precisa a nossa ajuda para fazer o trabalho.

Na quinta-feira, a atividade que propus era de matemática e consistia em descobrir as figuras geométricas através do tato sem realmente ver a figura. Penso que a atividade foi bem conseguida, no entanto foi interessante perceber que a partir das formas geométricas, que teriam de desenhar posteriormente numa folha, as crianças começavam a agrupar as figuras por cores. Esta situação levou-me a perceber que algumas crianças pensam para além do que é pedido, brincam com o material que lhes é dado e entretanto já estão a aprender novos conceitos, novas aprendizagens. Ao início quando me deparei com a brincadeira, estava mais focado em que eles soubessem os nomes das figuras geométricas, que era o objetivo da atividade que propus, mas entretanto percebi que mesmo que não fosse aquele o objetivo (formar conjunto por cores) também era algo enriquecedor e se era o que queriam fazer então decidi brincar com eles e retirar o melhor daquela brincadeira.

7.1.3. Semana de 9 a 13 de março

Reflexões diárias

Dia 9:

Hoje a educadora cooperante por motivos de saúde não pode vir ao JI, fiquei um pouco nervosa, uma vez que sei que o grupo ainda não me vê como uma referência, mas a Fernanda (auxiliar) deu-me bastante apoio. O dia acabou por correr bem, fiz o plano do dia com eles, fiz os textos do fim-de-semana e uma vez que a Rute não estava presente as crianças não trabalharam nos projetos como era suposto, no entanto fiz uma atividade orientada (como estava planeado) e correu bem. À tarde a Fernanda também não esteve presente, contudo fiquei no recreio com as crianças e mais duas educadoras que me supervisionaram. Fiquei agradada com o facto de as crianças me procurarem, sendo a única referência da sala, e inclusive pediram para irmos para a sala fazer o jogo que tínhamos planeada de manhã. Apesar dos receios de ter estado á frente do grupo sozinha, sem o apoio da educadora, sinto que correu bem o dia, e que de certa forma, o facto de estar sozinha me fez aproximar mais do grupo e que aos poucos as crianças me vão vendo como uma referência.

Dia 10:

A Rute continua a faltar, depois da ginástica não foi feita a leitura da história (foram logo para o recreio), à tarde só fomos para a sala quando a Fernanda voltou do repouso as 15h20, como tal não foi possível fazer a atividade da escrita. Li a história e fizemos o reconto, de certa forma para compensar o facto de não se ter feito a atividade da tarde.

Dia 11:

Hoje uma das crianças trouxe uma flor e em grupo surgiram muitos comentários sobre a flor. Como não sabiam como se chamava aquela flor, deram-lhe o nome de fofinha. Guardou-se a flor na sala para ver o que depois lhe acontecia.

Dia 12:

Hoje mais crianças trouxeram flores (imitação). Voltou-se a falar sobre as flores e o que se poderia descobrir. Sugeri que se fizesse um projeto para descobrirmos mais coisas sobre as flores. Surgiram diversas ideias, principalmente plantar.

Dia 13:

Em sequência de ter surgido um tema para o projeto, falei com o grupo e perguntei quem queria realmente participar neste projeto e depois de “inscritis” as crianças, apontei tudo o que diziam sobre as flores e o que gostariam de fazer.

Reflexão semanal

Esta semana foi marcada pela ausência da Educadora cooperante, que por motivos de saúde não pode estar presente. Esta situação deixou-me um pouco nervosa, inicialmente, uma vez que sei que o grupo ainda não me vê como uma referência, mas aos poucos foi conseguindo “agarrar” o grupo e a Fernanda (auxiliar) deu-me bastante apoio nesse sentido, explicando por vezes às crianças que teriam de me respeitar como se fosse a Rute a estar presente. Aos poucos, ao longo da semana, senti que o grupo já me procurava para resolver problemas uma vez que quando a Fernanda também não estava presente, eu era a única referência da sala. Apesar dos receios de ter estado á frente do grupo sozinha, sem o apoio da educadora cooperante, sinto que correu bem a semana, e que de certa forma, o facto de estar sozinha me fez aproximar mais do grupo e que aos poucos as crianças me vão vendo, cada vez mais, como uma referência.

Outra dificuldade que senti, não estando a educadora presente, foi o facto de não poder trabalhar com o grupo à tarde, uma vez que não podia ir sozinha para a sala com as crianças. Visto que a Fernanda ficava no dormitório até por volta das 15h30, eu só poderia ir para a sala com o grupo quando a Fernanda chegasse, como tal, tinha de ficar no recreio com as crianças e supervisionada por outras educadoras ou então o grupo era dividido pelas outras salas e eu teria de optar também por ir para outra sala. Esta situação muitas das vezes foi um obstáculo, pois tudo o que era planeado para a tarde não era realizado. Contudo, apesar desta situação desagradável, considero que também aprendi um pouco ao ir para a sala das outras educadoras, foi uma for de ver o trabalho que elas fazem o seu grupo e alargar um pouco mais os conhecimentos que tenho sobre a gestão do grupo, percebendo como elas o fazem e que de facto isso varia muito de educadora para educadora.

Para além destas questões que de certa forma dominaram a gestão da semana, pude, durante as manhãs abordar alguns temas com as crianças, nomeadamente o facto de as crianças trazerem flores para a sala. Começou por ser apenas uma criança, mas rapidamente, nos restantes dias, muitas das crianças do grupo traziam flores que

arrancavam dos canteiros ao virem para o JI. Quando abordei o assunto das flores, rapidamente uma das crianças ralhou com os colegas dizendo que não se devia arrancar flores. Percendo todo o interesse que o grupo tinha sobre esta questão, comecei a fazer algumas perguntas sobre as flores, principalmente o que elas já sabiam e fui apontando numa folha. Sabendo que “o projeto deverá corresponder a uma iniciativa das crianças, tendo como ponto de partida os seus interesses ou decorrendo de uma situação imprevista que desperta a sua curiosidade.” (DEB,ME, 1998, p.102), achei que este seria um bom tema. No final da semana, uma vez que o assunto das flores se foi mantendo ao longo dos dias, eu em conjunto com o grupo decidimos que deveríamos fazer um projeto sobre as flores e descobrir um pouco mais sobre elas, dando-se assim início ao projeto que irei desenvolver com as crianças.

REFERÊNCIAS

DEB,ME (1998). *Qualidade e Projeto na Educação Pré-escolar*. Departamento da Educação Básica-Núcleo de Educação Pré-escolar. Lisboa: Ministério da Educação.

7.1.4. Semana de 6 a 10 de abril

Reflexões diárias

Dia 6:

Primeiro dia depois das férias da páscoa. Ainda foi dia de “férias”. As crianças só brincaram nas áreas, não se trabalhou.

Dia 7:

Dia de ginástica. Aula com bolas, apanhada e acorda dorminhoco. À tarde atividade de escrita e linguagem, procurar as letras do nome em jornais e revistas. Muitas crianças frustradas e diziam que não conseguiam, outras gostaram muito. Concelho da educadora em fazer com um grupo mais pequeno da próxima vez e com menos jornais (havia muito caos).

Dia 8:

Faltei de manhã (conjuntivite). Fui à tarde para fazer a atividade de plástica. Desenho misterioso. Fiz a atividade só com 3 crianças de cada vez, correu bem, adoraram. Dificuldade do Damien em não ver o desenho ficou frustrado.

Dia 9:

Aula de música. Hora do conto. Desenho da história. Atividade de eletricidade estática. Adoraram. Acabamos por brincar com os balões. Contadora de histórias, crianças atentas, gostaram muito.

Dia 10:

Falar sobre o projeto da flor, concordaram, deram ideias, o Eliaquim juntou-se ao projeto. Falei também com o Eliaquim sobre o portefólio, aceitou a ideia, deu muitas ideias de como quer o portefólio. À tarde fizeram observação, comentários e exploração de um quadro (Heroic Roses de Paul Klee), pintaram nas mesas com vários materiais e puseram uma folha por cima.

Reflexão semanal

Na reflexão desta semana, irei falar essencialmente de uma situação que aconteceu durante uma atividade orientada de artes plásticas que realizei na quarta-feira à tarde e que consistia em fazer um desenho “às cegas” com um tubo de cola numa folha de papel, que depois ao ser coberto por brilhantes, desvendava o desenho feito pela criança. As reações das crianças ao fazerem o desenho foram muito variadas, umas gostavam de estar a desenhar sem ver o que faziam, outras não sabiam o que desenhar porque não conseguiam ver o que faziam, mas tentavam mesmo assim, outras apesar de não verem o desenho esforçavam-se e faziam o melhor que conseguiam, e no fim quando punham brilhantes por cima do desenho que fizeram com a cola e sacudiam depois a folha, ficavam muito admiradas com o desenho que fizeram, e outras crianças ficavam tristes porque afinal não era bem aquilo que queriam desenhar.

Foram de facto muitas as reações a esta atividade, contudo houve uma que me deixou bastante admirada. Uma das crianças, quando começou a fazer o desenho, começou logo por dizer que não conseguia porque não estava a ver nada, eu expliquei-lhe que não tinha importância se não visse o que estava a desenhar, pois o importante era tentar e de certa forma, decorar o que ia fazendo, para dar continuidade ao desenho. A criança tentou fazer mais um pouco do desenho e logo de seguida atirou com o tudo de cola para cima da mesa. Perguntei-lhe porque tinha feito o que fez e a criança respondeu-me dizendo que não queria mais desenhar porque não via nada. Compreendi o que a criança estava a sentir, mas voltei a explicar que não fazia mal se o desenho não ficasse bem feito, que o importante era depois ver o resultado quando se pusesse

os brilhantes. A criança tentou mais uma vez continuar a desenhar, mas entretanto começa a chorar muito irritando e evidentemente frustrado, dizendo que não sabia o que estava a desenhar porque não conseguia ver. Esta situação deixou-me intrigada, porque, apesar de explicar à criança que não fazia mal ela desenhar sem ver, que não importava o desenho mas sim tentar e descobrir o que acontecia no final, ela continuava muito frustrada por não conseguir ver o que estava a fazer, tão frustrada ao ponto de chorar por ser algo tão desconhecido. De facto acho que foi isto mesmo que aconteceu, o lidar com o desconhecido, o de olhar para a folha enquanto desenhava mas não o conseguir ver e esta situação foi deixando a criança cada vez mais frustrada pois não conseguia ver o que estava a fazer, ao contrário de tudo o que acontece à sua volta. A criança consegue ver sempre o que faz, quando desenha, quando faz plasticina, quando pinta, quando faz construções, tem o resultado visível à sua frente, mas nesta atividade isso não acontecia, estava a desenhar sem conseguir ver e esta situação foi tão desconhecida para ela que a deixou num estado de grande aflição e sobretudo de frustração por não ver o que estava a fazer.

Depois desta situação, falei com a educadora sobre o que tinha acontecido e ela explicou-me que a criança em questão, mais do que todas as outras, tem muita dificuldade em lidar com as situações que acontecem no seu dia-a-dia, principalmente quando não consegue resolver problemas, ou até mesmo fazer certas atividades, e que fica tão frustrada que chora e paralisa, sem conseguir continuar a fazer o que estava a fazer. Em conversa com a Educadora, referi que já sabia que era comum estas situações de frustração nas crianças, mas que este caso me surpreendeu pelo elevado nível de frustração da criança. A educadora referiu que de facto a criança tem dificuldade em lidar com os problemas e obstáculos que surgem no dia-a-dia, por menores que sejam, e que é algo que deve ser tido em conta e que devemos estar mais atentas a esta criança e incentivá-la a fazer tudo mesmo que ao início a criança se sinta frustrada e chore, pois é fundamental que esta criança consiga ultrapassar esta dificuldade.

7.1.5. Semana de 13 a 17 de abril

Reflexões diárias

Dia 13:

Foi feita a dramatização da história do capuchinho vermelho com fantoches, as crianças gostaram muito. No entanto, uma vez que a zona onde estava a ser feita a dramatização

era ao pé da porta do recreio, as crianças começam-se a cansar e querem ir para a rua porque veem os outros lá fora.

Dia 14:

Hoje a atividade da tarde era a aprendizagem de um poema, contudo as crianças ficaram frustradas muito facilmente, tendo isso influenciado a atividade.

Dia 15:

Não se fez atividade de artes plásticas porque teve de se fazer a prenda do dia da mãe, também faz parte da expressão plástica, mas os dias comemorativos influenciam a planificação, tendo-se de optar por não fazer as atividades planeadas.

Dia 16:

Atividade de matemática sobre padrões, feito a pares, correu bem, perceberam o conceito, a Serena era mais rápida do que a Nénéta, quando a Nénéta queria fazer a Serena já tinha feito, tive de separá-las e fazer individualmente. Pedro estava muito empenhado na atividade ao contrário do que é habitual.

7.1.6. Semana de 20 a 24 de abril

Reflexões diárias

Dia 20:

O Pedro teve dificuldade em fazer o jogo do espelho. Sem ideias, sem criatividade, sempre a olhar para mim parado, com receio e vergonha, esta situação levou-me a refletir e a falar com a educadora sobre a situação.

Dia 21:

Aula de ginástica, jogo da estátua, das cadeiras, gostaram muito, reação da Inês quando não encontrou a cadeira (ficou amuada). Atividade de escrita, realização de uma história em grande grupo, o grupo aderiu bem, correu bem, gostaram e mostraram-se criativos.

Dia 22:

Dia de passeio das salas 3, 4 e 5. De amanhã acabou-se as prendas para o dia da mãe. A tarde, devido ao passeio, ficaram na rua, fiz a atividade da pintura insuflável com duas crianças de cada vez, ia chamando-as do recreio. Gostaram muito, grandes reações porque a pintura ficou “gorda”, “rija”, “grande”, etc.

Dia 23:

Hoje estivemos a plantar, plantou-se em terra e numa mica. Disseram que na mica não ia “ nascer” porque não tinha terra.

Dia 24:

Dia de passeio ao centro de ciência viva. Gostaram muito, no entanto algumas atividades eram demais para as idades deles. À tarde ficamos no recreio por causa das diferenças de horários de almoço (por causa do passeio).

7.1.7. Semana de 27 a 30 de abril

Reflexões diárias

Dia 27:

Fazer o desenho do dia da mãe. Por causa das comemorações altera-se a planificação para despachar os trabalhos.

Dia 28:

Atividade de palavras com a mesma letra do nome. Perfeição e rapidez da Sacha ao escrever as palavras. Ao falar com a Rute explicou-me que em casa a mãe treina com a filha a escrita, não brinca, só trabalha. A Rute explica ainda que as crianças dos países de leste treinam muito o português em casa.

Dia 29:

Reação das crianças às flores que estão ainda maiores. Registou-se o que estavam a ver. Pouca criatividade do grupo ao refletir sobre o que aconteceu às sementes. Situação complicada com o grupo andam muito agitados, a comportarem-se mal e não tenho querido impor-me demais ao grupo. A Rute teve de intervir e disse-me para não ter medo de me impor e ser mais firme com o grupo.

Dia 30:

Dia da mãe. Correu bem. Reparei que as crianças com as mães se portam muito mal. Até mesmo aquelas que costumam ser mais calmas. Não respeitam as mães nem as educadoras quando estão com as mães.

7.1.8. Semana de 11 a 15 de maio

Reflexões diárias

Dia 11:

Falta de educadoras. Confusão por causa das horas de almoço. À tarde, por causa do calor não foram para a rua, ficaram na sala, não só o nosso grupo como também metade de outra sala, por falta de educadoras.

Dia 12:

Hoje a Érica, quando chegou ao ji, disse-me que era dia 12 e eu perguntei-lhe como é que ela sabia, ao que ela me respondeu “Foi a minha mãe que me disse!”, ao qual respondi “E sabes qual é que é o número 12?” e a Érica disse-me que sim. Nesse momento desafiei-a a apontar-me o número quando estivéssemos a fazer o plano do dia e a ver a data de hoje. Quando fomos para a sala, chegou a hora de ver que dia era hoje, e a Érica voltou rapidamente a dizer “É dia 12!!” e eu disse-lhe “Então vai lá mostrar-me qual é o número 12 e põe-no lá no sitio!” (na parede da sala existem os números expostos até 31, equivalentes aos dias do mês). Quando a Érica foi buscar o número começou a contar pelos números que estavam na parede “1, 2, 3, 4... 11, 12... É este Carina!!!”. Esta situação deixou-me muito surpreendida e pensativa, ao perceber a capacidade de raciocínio da Érica, que ao não saber qual deles era o número 12, começou a contar até chegar a ele. Por vezes apercebo-me que desvalorizo um pouco a capacidade de algumas crianças, isto porque o grupo no geral não apresenta grande capacidade de raciocínio e a maioria do grupo nem sequer sabe contar até 10. Mas com esta situação que aconteceu com a Érica, não só percebi que a capacidade de raciocínio dela se destaca (que já evidenciou noutras situações), mas também que não me devo deixar influenciar pelo facto do grupo no geral não demonstrar muito raciocínio e a ficar mais alerta e atenciosa a certas crianças que apresentam esta capacidade.

Dia 13:

Incêndio no JI. Evacuação das crianças. Uma das auxiliares sentiu-se mal a frente das crianças. Mantive sempre o jogo limpo com as crianças explicando o que se estava a passar, não escondi.

Dia 14:

A Rute não veio, a planificação não foi cumprida, fomos apenas a aula de música.

Dia 15:

A Rute de novo a faltar. Conversei com outra educadora, aconselhou-me a fazer algo sobre o dia internacional da família, segui o seu conselho. Fiquei maravilhada com o desenho da cristina que fez um bebe na barriga da mãe.

7.1.9. Semana de 18 a 22 de maio

Reflexões diárias

Dia 18:

Rute a faltar a semana toda. Toda a semana será comprometida porque como a Rute esta a faltar, não vou poder realizar as atividades porque as crianças têm de ser divididas pelas salas.

Dia 20:

Suposta ida à biblioteca, mas uma vez que a Rute esta a faltar não foi possível ir.

Dia 21:

Dia de passeio à quinta pedagógica. As crianças gostaram, mas considero que a quinta não tinha as condições necessárias para acolher as crianças.

Dia 22:

Dificuldade em trabalhar com o Eliaquim no portefólio, não queria, só fazia disparates, diz que estava cansado, mas queria ir brincar para as áreas.

7.2. Avaliação do ambiente educativo

De forma a fazer uma correta avaliação do ambiente educativo será utilizada a escala “Fatores contextuais que influenciam o bem-estar e o envolvimento da criança” de Cindy Mutschen Carvalho.

Assim sendo, em relação á “Qualidade da oferta”, a nível das infraestruturas, a sala 6 está organizada em 7 áreas distintas – a biblioteca, a garagem, o faz-de-conta, os jogos de mesa e construções, a plástica, a matemática e ciência e a oficina da escrita. Estas áreas estão bem organizadas de forma a potenciar a exploração das crianças. O espaço disponível está bem aproveitado, pensado em função das crianças. Todas as

áreas estão muito bem delineadas e são todas voltadas para o centro da sala onde se encontra a mesa de reunião.

Todos os materiais estão ao nível das crianças permitindo o fácil acesso. A utilização do espaço exterior é feita diariamente uma vez que existe uma porta na sala que dá acesso direto ao recreio, contudo esse acesso é decidido pelo educador ou auxiliar. Ao nível dos materiais e atividades, estes são bastante diversificados, os materiais estão em boas condições e a oferta de atividades (livres e orientadas) é grande sempre de acordo com os interesses da criança. Tanto os materiais como as atividades têm em consideração as várias necessidades, interesses e níveis de desenvolvimento das crianças.

Relativamente ao “Espaço para a iniciativa – liberdade e participação”, ao nível da liberdade de escolha, as crianças da sala 6 são livres de escolherem com o que querem brincar e com quem querem brincar, não havendo qualquer interferência por parte dos adultos. Ao nível das regras e convenções, estas são explicadas às crianças, tendo em consideração o seu nível de compreensão, sendo que este grupo tem uma grande facilidade em compreender e respeitar as regras. Ao nível da participação, por norma as crianças são sempre envolvidas nas decisões.

Quanto ao “Estilo do adulto – empatia”, ao nível da intervenção estimulante, a educadora tem intervenções estimulantes durante as atividades, enriquecendo o brincar das crianças e criando novas atividades e oportunidades que garantem a evolução da criança. A educadora também coloca frequentemente questões à criança estimulando-a a refletir sobre coisas, algo no qual o grupo tem alguma dificuldade. Ao nível da sensibilidade a educadora aproveita os momentos de exploração livre para prestar atenção individual às crianças. Dá um constante feedback positivo às iniciativas das crianças, mostrando interesse, colocando questões, admirando as suas “proezas” ou reforçando positivamente, incentivando sempre a que as crianças expressem o que sentem, fazem, pensam e desejam. Ao nível da autonomia, as crianças podem escolher as atividades de que mais gostam e as suas escolhas são respeitadas, sendo que têm espaço para o fazer. A educadora dá sempre espaço suficiente à criança para ser independente em vez de fazer tudo por ela. Neste grupo, a autonomia é evidente, não sendo necessário o adulto fazer alguma coisa pela criança.

Por sua vez, quanto ao “Clima de grupo – sentir-se “em casa”, ao nível do ambiente e relações, existe uma atmosfera serena, relaxante e agradável: as crianças brincam, interagem, dialogam entre pares e em conjunto com os adultos, uma vez que

a educadora e as auxiliares fazem parte do grupo. A relação entre adulto-criança é boa. Ao nível das iniciativas, é expostos nas paredes os trabalhos que as crianças tenham realizado. Existe também a grande preocupação e cuidado por parte do educador para que se desenvolvam relações positivas entre as crianças.

Por último, em relação à “Organização – eficácia”, ao nível da rotina diária, raramente há momentos “mortos”, durante os quais as crianças se limitam a “esperar”, exceto nos momentos de higiene em que as crianças têm de esperar umas pelas outras. Ao nível da distribuição de tarefas, estas são distribuídas semanalmente pelo grupo, sendo que o adulto está sempre atento e pronto a intervir, respondendo de imediato, no interesse e salvaguarda do bem-estar da criança. Os adultos que compõem a equipa educativa reagem bem uns aos outros, repartindo as tarefas de forma eficaz, em função das necessidades do grupo, desmontando um grande espírito de equipa, aprendendo com a partilha de experiências que têm.

7.3. Avaliação do grupo de crianças

7.3.1. Avaliação geral do grupo

Numa análise global ao grupo, devem ser tidos em conta vários aspetos, nomeadamente: as competências sócio emocionais, o comportamento, a autonomia, a precisão motora, o nível linguístico, entre outros.

Ao nível da autonomia, este grupo é bastante autónomo, quer na realização das tarefas, quer na higiene e até mesmo na hora do repouso, em que são eles mesmos a se deitar sem precisarem do auxílio do adulto. Contudo, nas horas das refeições, principalmente ao almoço, existem algumas crianças que necessitam de ajuda para comer, isto porque, segundo a educadora, em casa são acostumados a que sejam os pais a dar a comida à criança.

Ao nível do comportamento, é um grupo muito falador, barulhento e agitado, algo que por norma dificulta a comunicação entre o grupo e o educador, contudo são de forma geral respeitadores das regras estabelecidas.

A nível linguístico, praticamente todas as crianças apresentam um desenvolvimento adequado à idade. No entanto, existem três crianças com alguma dificuldade na fala, uma delas por ter apenas três anos e por ser de origem mexicana,

sendo esse o seu dialeto, e as outras duas por terem necessidades educativas especiais.

Ao nível da precisão motora, existem 4 crianças que ainda demonstram alguma dificuldade no manuseamento do lápis, e até os próprios desenhos não passam de garatujas, mas na maioria são capazes de agarrar corretamente no lápis, de utilizar a tesoura ou um pincel.

Ao nível sócio emocional, é um grupo muito sociável, bem-disposto, comunicativo e bastante interessado nas atividades. Existem apenas algumas crianças que evidenciam alguma falta de atenção, estando muitas vezes abraçadas ao adulto e a querer conversar.

7.3.2. Avaliação das observações

Para a avaliação mais aprofundada do grupo de crianças procedeu-se à observação de duas crianças em três momentos distintos. Cada observação teve a duração de dois minutos, sendo que foi registado o que a criança estava a fazer naquele momento. Depois de registados os momentos procedeu-se à avaliação das crianças através dos Níveis de Bem-Estar e Implicação abordados por Portugal e Laevers (2011).

Apresenta-se de seguida os dados recolhidos ao longo das observações assim como a avaliação dos níveis de bem-estar e de implicação definidos pelos autores acima referidos.

Tabela 8 – Observações

Momento/D ata/ Local	Nome e idade	Observação	Nível de bem-estar	Nível de envolvimento/ implicação
1º 4 de Maio 10h40 Na sala de atividades	Eliaquim 4 anos	O Eliaquim está a fazer plasticina com outra criança. Está a fazer um carro com os moldes. Não consegue tirar a plasticina á volta do molde e começa a brincar com outro pedaço de plasticina. Entretanto desmancha o carro que fez. Começa a amassar a plasticina e a parti-la em vários pedaços. Olha á sua volta para ver o que as outras crianças estão a fazer. Enquanto mexe na plasticina diz que vai fazer um macaco. A outra criança pergunta o que é um macaco e o Eliaquim responde que é um gorila. Entretanto começa a fazer os gestos dos gorilas (batendo no peito). Continua a mexer na plasticina sem fazer o macaco. Conversa com a outra criança e diz que da muito trabalho fazer o macaco. Entretanto para e diz a outra criança que está ao seu lado que esta a fazer um macaco, continuando apenas a amassar a plasticina.	5 Muito alto	3 Médio

<p>2º</p> <p>11 de maio 15h15</p> <p>Na sala de atividades na área da garagem</p>	<p>Eliaquim 4 anos</p>	<p>O Eliaquim está na garagem com mais 4 crianças. Está a brincar com um carrinho e deixa-o cair propositadamente. Bate palmas e ri-se, pega num skate pequeno e começa a empurrar outro carrinho com o skate. Dá um empurrão no carrinho atirando-o para o chão. Continua a brincar com o skate que tem na mão fazendo “mortais” pelo ar. Põe o skate na boca e começa a mexer num armário que existe perto da garagem. Entretanto vem mostrar-me o skate. Digo-lhe que o skate é para brincar na garagem. Ignora o que é dito e dirige-se para a área das construções. Atira o skate para o chão e começa a brincar com as construções. Distrai-se com a construção que outra criança esta a fazer. Volta a fazer construções. Agarra no skate novamente e destrói a construção que fez com o skate.</p>	<p>3</p> <p>Médio</p>	<p>2</p> <p>Baixo</p>
<p>3º</p> <p>20 de maio 14h50</p> <p>No recreio</p>	<p>Eliaquim 4 anos</p>	<p>Esta no recreio com as restantes crianças da escola e está em pé a observar o que um grupo de crianças está a fazer. Vai-se embora e começa a nadar pelo recreio. Esconde-se percebendo que estou a olhar para ele. Entretanto começa a correr pelo recreio atrás de outra criança de forma divertida. De repente começa ele a fugir a outra criança vem atrás dele. A criança diz-lhe para ele ir com ele e começam os dois a correr. Fazem uma corrida em direção a sala. Ficam ambos a conversar junto á sala. São chamados a atenção por uma educadora e saem de perto da porta da sala. O Eliaquim afasta-se e começa a fazer pinos atirando-se para o chão. É repreendido por uma educadora dizendo-lhe que ele se vai magoar. O Eliaquim ignora e ri-se, continuando a sua brincadeira.</p>	<p>4</p> <p>Alto</p>	<p>4</p> <p>Alto</p>

Tabela 9 – Observações

Momento/D ata/ Local	Nome e idade	Observação	Nível de bem-estar	Nível de envolvimento/ implicação
1º 4 de Maio 15h20 Na sala de atividades	Érica 4 anos	Érica a fazer um puzzle com outra criança. Tenta montar as peças do puzzle mas não consegue. Conversa com a outra criança e diz “está estragado”. A outra criança diz-lhe que falta ali uma peça, a Érica vai procurar a peça. Tenta montar o puzzle com a peça que foi buscar mas não dá. Volta a ir procurar outra. Tentar montar essa peça e consegue. Vai buscar mais uma peça e monta. Entretanto para e fica a olhar para a outra criança que continua a montar o resto do puzzle. A Érica diz á criança para continuar para acabar o jogo. Continua a olhar para a criança e a vê-la montar o puzzle. Mantém-se assim até o puzzle acabar.	3 Médio	3 Médio
2º 11 de maio 10h50 Na sala de atividades	Érica 4 anos	A Érica está no tapete a brincar com as construções e com outra criança. Chama-me, diz-me para ver o que está a fazer e diz que está a fazer uma casa. Continua a construir a casa e diz que vão lá morar os peixes (uma peça de lego com peixes desenhados). Começa a brincar com a peça fazendo o movimento dos peixes a nadar. Entretanto agarra na casa que se desmancha. Volta a construí-la reforçando-a com mais peças. Fica alguns segundos à procura de peças. Achou uma peça e diz que é a porta, porque as casas têm portas. Tenta montá-la mas não consegue, vai buscar outra peça de suporte para a porta e insiste até conseguir. Depois de montar a porta diz que a casa já está quase montada, que só falta o telhado. Põe-se à procura de peças para fazer o telhado.	4 Alto	5 Muito alto

<p>3º</p> <p>20 de maio</p> <p>14h20</p> <p>No recreio</p>	<p>Érica</p> <p>4 anos</p>	<p>Está no recreio com as restantes crianças da escola. Está a nadar sozinha pelo recreio, com uma expressão séria. Senta-se numa plataforma. E escorrega pela pequena descida que a plataforma tem. Sobe para cima da plataforma pula para o chão e vai ter com uma educadora que lhe diz para ir brincar. A Érica retira-se e dirige-se aos pulos para junto do portão do recreio. Começa a andar pelo recreio sozinha, de forma apática. Sobe por um escorrega e volta a descer. Continua a andar pelo recreio. Vai sentar-se novamente na plataforma junto de outra criança. Retira-se e vai a correr em direção a porta da sala. Fica a espreitar lá para dentro e vem-se embora. Vem ter comigo e pergunta-me se pode ir beber água. Digo-lhe para esperar que a outra criança que foi beber água volte. Vira-se e vai subir pelo escorrega. Desiste e sobe pelas escadas do escorrega.</p>	<p>2</p> <p>Baixo</p>	<p>2</p> <p>Baixo</p>
--	----------------------------	---	-------------------------------------	-------------------------------------

Segundo Laevers (2003) citado por Portugal e Leavers (2011), “quando queremos saber como cada criança está num contexto, primeiro temos que explorar o grau que as crianças se sentem à vontade, agem espontaneamente, mostram vitalidade e autoconfiança.” (p.20), após o registo e atribuídos os Níveis Bem-Estar e Implicação (Portugal & Laevers, 2011), é necessário fazer-se uma breve análise às observações realizadas às duas crianças nos três diferentes momentos.

A primeira criança, o Eliaquim (4 anos), é por norma uma criança bastante ativa e empenhada nas atividades que faz, geralmente alegre e bem-disposta. Nas três observações realizadas tal é possível ser verificado, exceto no 2º momento pois apesar de apresentar sinais positivos de bem-estar apresenta também alguns sinais de desconforto. Quanto à implicação/envolvimento a concentração é superficial e limitada, isto porque “a complexidade da atividade em curso situa-se a baixo das capacidades da criança.” (Portugal & Laevers, 2001, p.28). Nos restantes dois momentos os níveis de bem-estar e implicação são razoáveis uma vez que “Acontecem momentos de intensa atividade mental, a criança sente-se desafiada e a sua imaginação é estimulada.” (Portugal & Laevers, 2011, p.29) e também porque a criança “[evidencia] sinais claros de satisfação/felicidade.” (Portugal & Laevers, 2011, p.23), algo que é muito constante nesta criança, apresentando este nível em quase tudo o que faz.

A segunda criança, a Érica (4 anos), é uma menina bastante empenhada e motivada em todas as atividades que realiza, apresentando geralmente boa disposição, sendo no entanto, por vezes tímida. Nas observações realizadas é possível verificar-se estas características, exceto no 3º momento em que a Érica “[evidencia] frequentemente sinais de desconforto emocional, embora sinais positivos de bem-estar alternem com sinais mais negativos: postura, a expressão facial e as ações indicam que a criança não se sente à vontade.” (Portugal & Laevers, 2011, p.22). Contudo nos outros dois momentos a postura da Érica já se altera, sendo mais de acordo com as características da criança, uma vez que “Existe grande implicação expressa em elevada concentração, energia, persistência e criatividade.” (Portugal & Laevers, 2011, p.29), tal como acontece no 2º momento. É ainda importante referir que no 1º momento a Érica apresenta “uma postura neutra: não existem sinais claros indicando propriamente tristeza ou prazer, conforto ou desconforto.” (Portugal & Laevers, 2011, p. 23), algo que não é muito constante nesta criança, uma vez que evidencia na maioria das vezes motivação e agrado nas atividades que realiza.

7.3.3. Portefólio Individual da Criança

Segundo Parente (2006), “O termo portfólio . . . abrange uma grande variedade de interpretações em função da diversidade de propósitos que os portfólios podem servir.” (p.30), neste contexto de Jardim-de-infância os portfólios permitem à criança envolver-se, não só no seu processo de aprendizagem, como na sua avaliação, através da seleção, análise e apreciação dos trabalhos que considera mais relevante, tal como afirma a mesma autora ao citar McAfee e Long (2006) “pode-se definir portfólio como sendo uma coleção sistemática, organizada e intencional de amostras de trabalhos e evidências das aprendizagens das crianças, recolhidos ao longo do tempo e que demonstram e documentam os progressos realizados, as aprendizagens e as competências das crianças” (p.30).

Desta forma, o portfólio individual da criança foi realizado com uma criança do grupo, escolhida por mim e de acordo com a educadora, pois através da observação realizado pude perceber tratar-se da criança mais ativa do grupo e que apresenta um grande desenvolvimento cognitivo, sendo a mais criativa e interessada do grupo.

A organização do portfólio foi decidida com a criança que inclusive escolheu o formato do portfólio e a forma de o dividir por secções. Os trabalhos a serem incluídos no portfólio foram também escolhidos pela criança, escolhendo os que mais lhe interessavam e fazendo um breve comentário de como tinha feito o trabalho e porque o achava importante para colocar no portfólio. A seleção dos trabalhos foi feita durante as últimas duas semanas de intervenção e a avaliação do mesmo pela criança também realizada na última semana. A avaliação que a criança fez do portfólio foi débil uma vez que a criança não a queria fazer, dizendo apenas que “aprendeu muitas coisas giras e que foram importantes”.

Sabendo que “O *portefólio* apresenta-se como uma estratégia de avaliação . . . e que apresenta componentes adequadas para a avaliação de crianças mais pequenas, tornando possível aceder às múltiplas fontes de evidência para olhar e documentar o processo de aprendizagem da criança.” (Parente, 2006, p.30), considero que existiu uma clara evolução nas produções da criança ao longo do tempo e que a área mais trabalhada foi a plástica e a menos trabalhada foi a matemática.

De uma forma geral, considero que o empenho da criança no portfólio foi insuficiente uma vez que a criança queria sempre ir brincar quando se tratava de trabalhar no portfólio, não mostrando grande motivação e interesse na realização do mesmo, sendo pouca a sua colaboração.

No anexo E é possível ver alguns excertos do portfólio da criança.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da Prática Profissional Supervisionada julgo que deixei a minha marca no grupo de crianças com o qual tive o grande prazer de trabalhar. Ao longo da minha prática garanti sempre os interesses e necessidades do grupo, respeitando sempre a individualidade de cada um, apoiando o grupo, dando o melhor de mim a cada uma delas, uma vez que senti que também elas deram o melhor de si.

Esta foi a segunda vez que tive a oportunidade de trabalhar em contexto de JI, a primeira foi de apenas um mês, tendo sido pouco o tempo para trabalhar com o grupo. Desta segunda vez, foram quase três meses e, apesar de achar ainda pouco tempo, foi uma oportunidade incrível para por em prática tudo o que foi aprendido ao longo de quatro anos de estudo. Contudo, seria desonesto se afirma-se que foi a melhor experiência, que aprendi tudo o que poderia aprender e até mesmo que pus em prática tudo o que cria e ambicionava.

Primeiramente, não foi a melhor experiência que tive, por um conjunto de razões que influenciaram a minha prática. Não foram muitas, mas foram suficientemente fortes para que me levassem a descuidar um pouco da minha verdadeira motivação e intenção como educadora, essencialmente senti que ao longo da prática pus em causa diversas vezes a minha verdadeira capacidade para ser educadora e acima de tudo a vocação, contudo acho que a prática serve para isso mesmo, para nos fazer questionar e muitas vezes duvidar da nossa intenção e vocação, e muitas vezes essas dúvidas acabam por ser fortalecidas precisamente porque nos obrigamos a questionar e a refletir sobre cada passo dado, de uma forma geral foi o que aconteceu com a minha intervenção, mais incertezas do que certezas e mais desmotivação do que motivação, mas que no fundo serviram para me fazer crescer e melhorar como profissional.

Seguidamente, penso que o facto de não ter sido a melhor experiência, ou o facto de ter estado mais desmotivada, acabou por não permitir que eu alcançasse o que realmente queria e que me desse a mim e às crianças todas as oportunidades que merecíamos, para aprender mais e crescer melhor. Julgo que como educadora, poderia ter explorado muito mais com o grupo, ter feito mais atividades, mais empolgantes e desafiadoras, penso que ficou há quem daquilo que realmente poderia ter feito.

Por fim, é importante referir que apesar de não ter sido a melhor prática e a melhor experiência, não significa que não tenha sido uma boa experiência, porque no fundo foi, essencialmente, porque o contexto em que foi realizada a PPS deu-me uma grande bagagem para enfrentar muitas situações complexas e desafiadoras que terei certamente de enfrentar no meu futuro profissional. Posso ainda dizer que todas as inseguranças e incertezas sentidas ao longo da prática fizeram-me perceber que apesar de por vezes ser difícil de continuar e de exigir muito de nós, no fim, essas questões acabam por nos fortalecer e ajudar a afirmar aquilo que queremos ser e fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Folque, M. A. (2014). *O aprender a Aprender no Pré-escolar: O modelo pedagógico do movimento da escola moderna*. (2ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fonseca, C. (2013). *A construção da disciplina na educação pré-escolar: um desafio para o educador*. (Dissertação de mestrado) Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Parente, C. (2006). *Portefólios como Metodologia de Avaliação em Educação de Infância*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa
- Portugal, G. & Laevers, F. (2011). *Avaliação em Educação Pré-Escolar - Sistema de Acompanhamento das Crianças*. (2ª edição). Porto: Porto Editora
- Santos, A. & Veríssimo, M. (2006). *Relações entre o conhecimento das emoções, as competências académicas, as competências sociais e a aceitação entre pares*. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), 463-478.

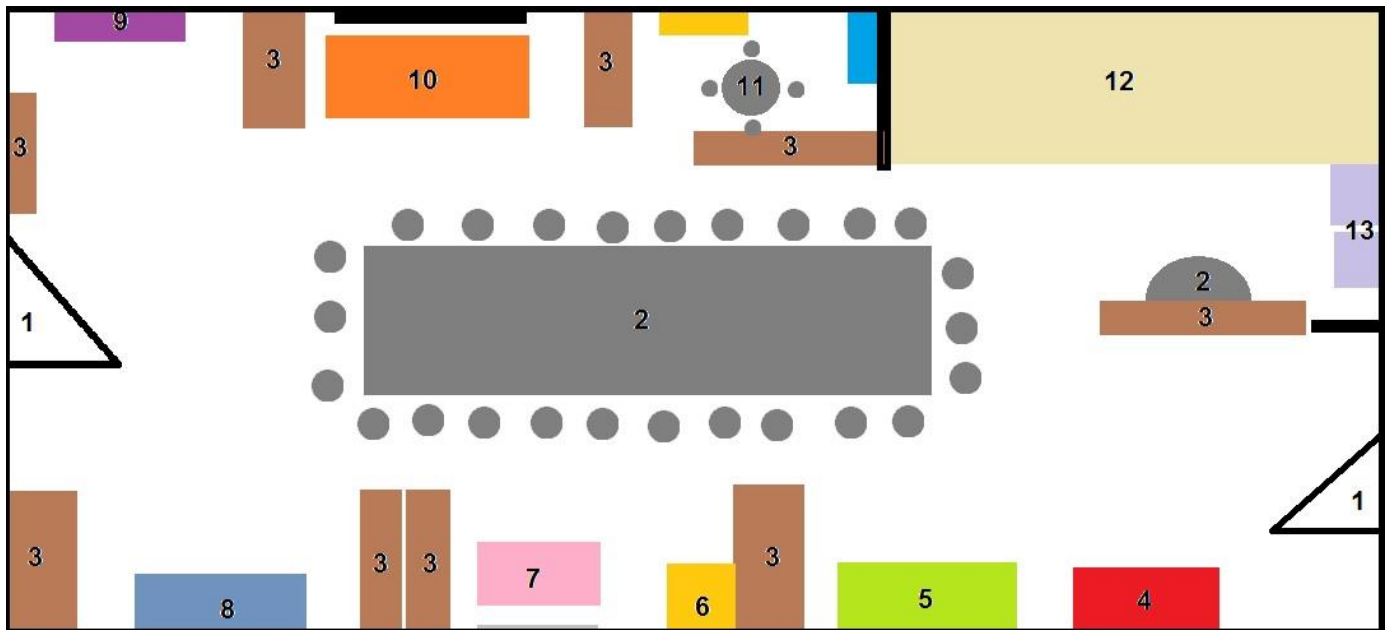
ANEXOS

Anexo A – Instrumentos do MEM utilizados

Instrumentos do MEM utilizados na sala de atividades 6:

- Mapa de presenças
- Diário de turma
- Mapa de tarefas
- Mapa de atividades
- Mapa do tempo
- Plano do dia
- Mapa de projetos

Anexo B – Planta da sala de atividades 6



- | | |
|----------------------------------|-----------------------------------|
| 1 – Porta | 7 – Área da escrita e linguagem |
| 2 – Mesa de trabalho | 8 – Área da Biblioteca |
| 3 - Armário de arrumação | 9 – Área da Garagem |
| 4 – Área da Plástica | 10 – Área das construções e jogos |
| 5 – Área da Matemática e Ciência | 11- Área do faz-de-conta |
| 6- Computador | 12 – WC's |
| | 13- Lavatórios |

Figura 3. Planta da sala 6

Anexo C – Principais características físicas da sala de atividades 6

Características físicas da sala de atividades 6:

- Luz natural através de duas janelas e uma porta vidrada;
- Inclui duas casas de banho (para meninos e para meninas);
- Inclui dois lavatórios;
- Bem climatizada;
- Existência de uma porta na sala que dá acesso direto ao recreio.

Anexo D – inquérito aos pais

Questionário

Caros pais, o presente questionário está a ser realizado no âmbito da minha Prática Profissional Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-escolar. Este tem como objetivo recolher algumas informações relativamente a uma investigação sobre a mediação do comportamento do grupo de crianças da sala, que está a ser realizada durante o meu estágio. As questões colocadas dizem respeito ao modo como caracterizam o comportamento dos vossos filhos, de forma a serem encontradas estratégias adequadas ao grupo. Deste modo, venho solicitar a vossa participação sendo que todos os questionários serão anónimos e a informação recolhida será utilizada exclusivamente para o uso académico. Agradeço a vossa participação.

1. Como caracteriza o comportamento do(a) seu filho(a)?

Calmos Carinhosos Desobedientes
Agressivos Barulhentos Outros Qual? _____

2. Que estratégias utiliza para controlar/mediar o comportamento do(a) seu filho(a) quando ele(a) faz algo de errado?

Dá-lhe uma palmada Ignora Grita com ele(a)
Conversa com ele(a) Raiha com ele(a) Põe-no(a) de castigo
Outro Qual? _____

3. Tendo em conta a resposta anterior, qual é a reação que o(a) seu filho(a) tem?

Ignora Não obedece Bate
Pede desculpa Chora Grita
Outro Qual? _____

4. Acrescente quaisquer comentários adicionais, suscitados pelo presente questionário relativamente ao comportamento do seu filho(a).

Obrigada pela sua colaboração!
A estagiária,
Carina Carvalho

Figura 4. Inquérito aos pais

Anexo E – Portfólio da criança

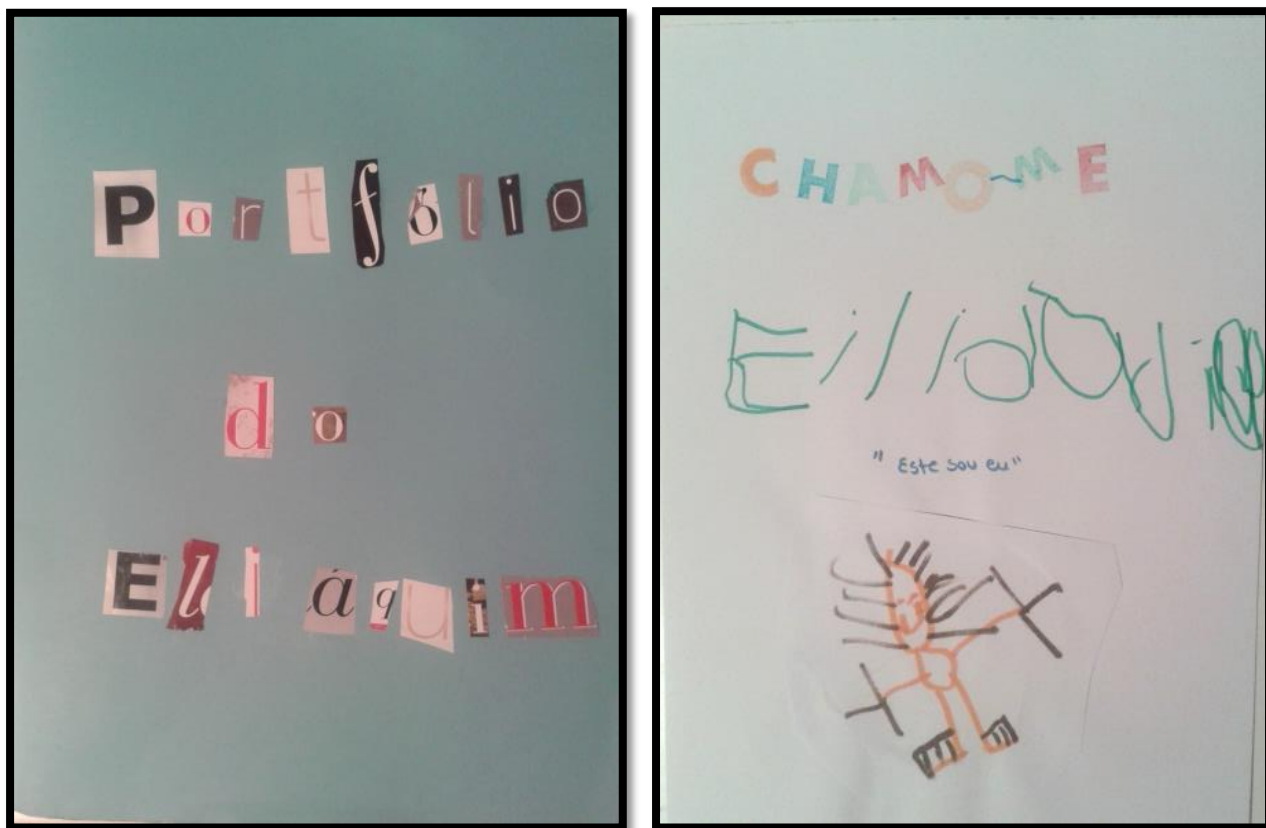


Figura 5. Capa do portefólio e página 1

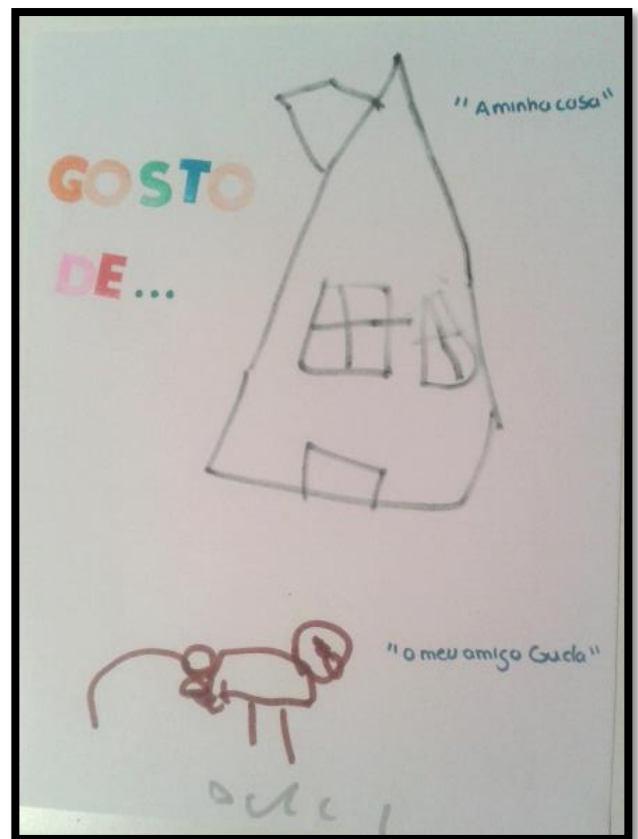
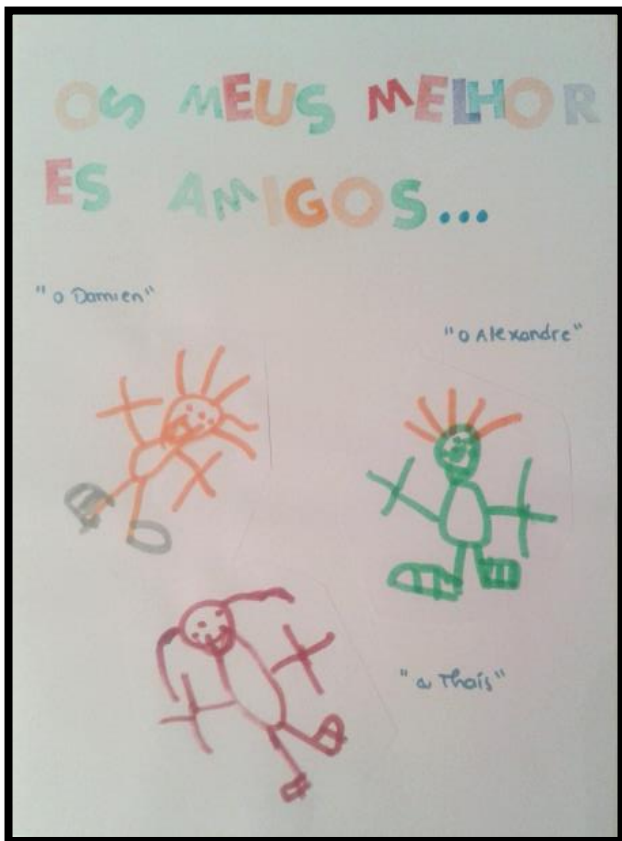
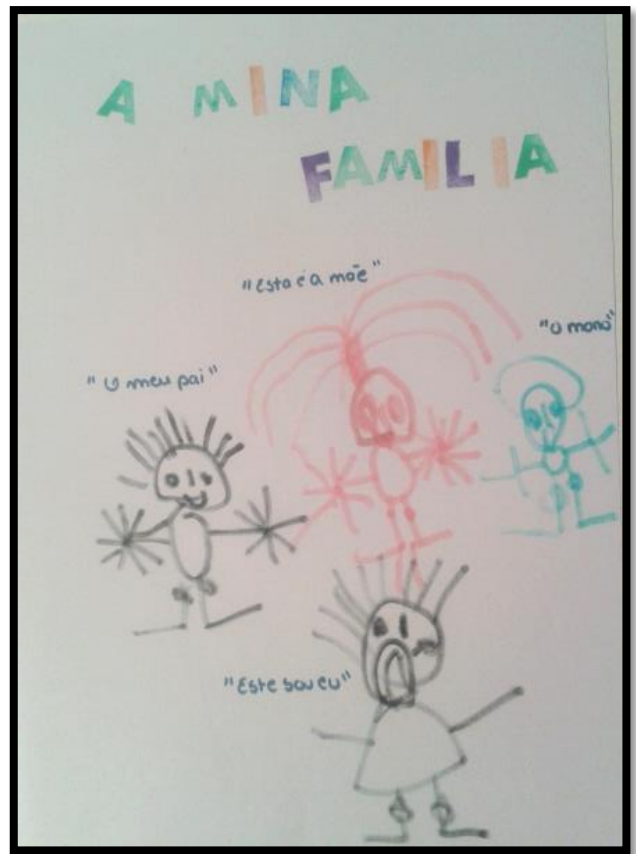
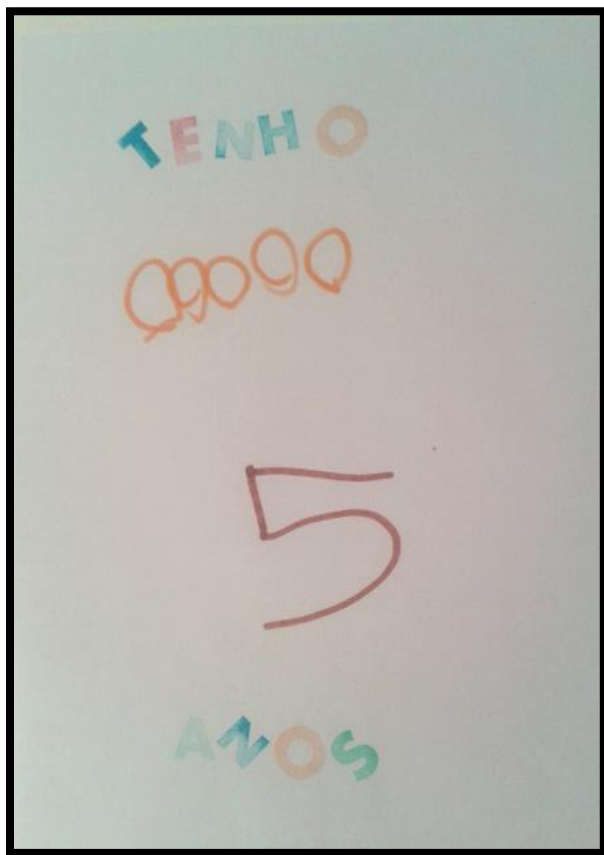
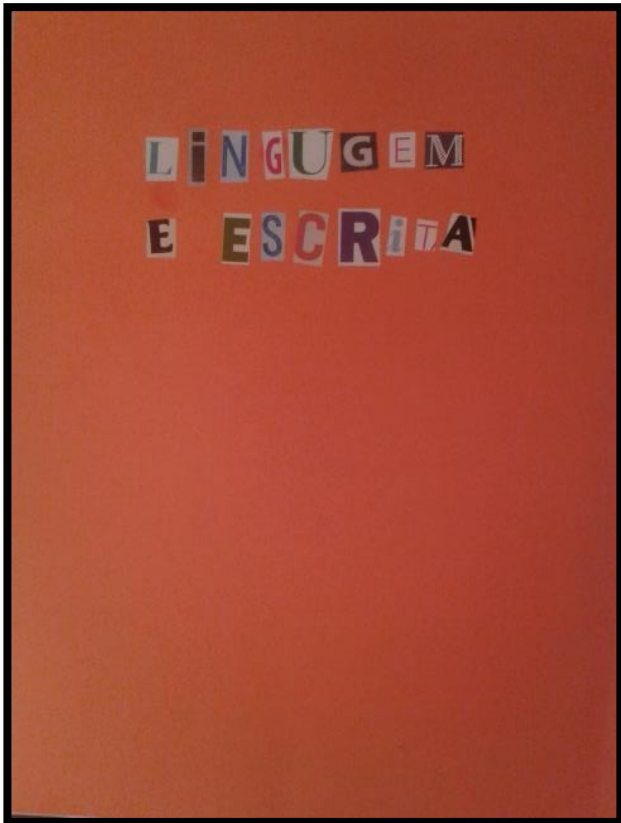


Figura 6. Portefólio da criança - página 2, 3, 4 e 5



Palavras que começam com a letra E

Como é que foi feito?
 "Procurei no ficheiro das imagens as letras do meu nome."

Porque achas que é importante?
 "Foi importante porque aprendi muitas letras e fiz o desenho das coisas que escolhia."

Palavras que começam com E	
Eliaquim	
EEE 1109	
E I @ + F I C O	
E K V 1 1 0 9 ?	
E 1 0 0	
E E E + f	

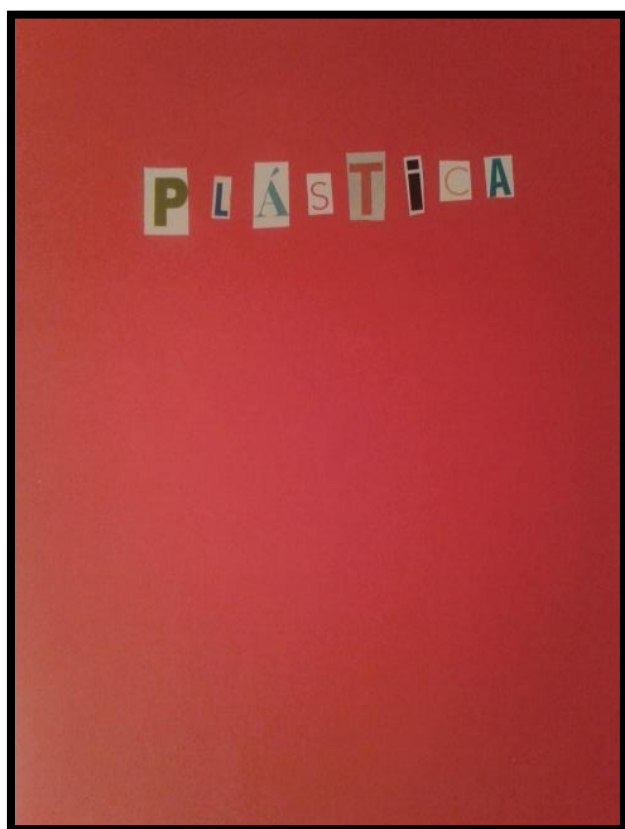


Café nos copos

Como foi feito?
 "Botamos as bolinhas de café nos copos com números depois colamos na folha."

Porque achas que é importante?
 "É importante para sabermos os números. Assim é bueda giro. O meu era o 7."


Figura 7. Portefólio da criança - página 6, 7, 8 e 9



Desenho com terra e folhas de árvore

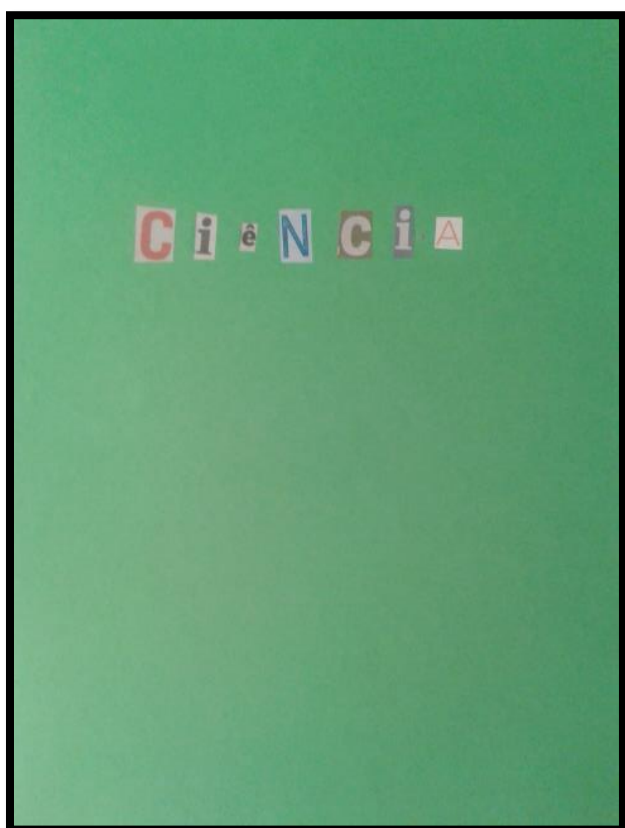
Como é que foi feito?
"Foi numa folha, pusemos terra e folhas verdes e puxámos com os dedos."

Porque achas que foi importante?
"Porque fizemos desenhos sem ser com as canetas, foi com terra, é mais giro."



Desenho com terra e com folhas das árvores


Elisavete
9-5-10

A page from a portfolio with a white background. At the top, it says "Desenho com terra e folhas de árvore". Below that are two questions in Portuguese: "Como é que foi feito?" and "Porque achas que foi importante?", each followed by a handwritten answer. In the center is a photograph of a drawing on a piece of paper. The drawing consists of light brown and green smudges and lines, made with soil and tree leaves. Above the drawing, the text "Desenho com terra e com folhas das árvores" is written in blue ink. In the bottom right corner of the drawing, the name "Elisavete" and the date "9-5-10" are written.

Experiência de Mistura de cores

Como é que foi feito?
"Botaram a cor azul, a cor vermelha e a cor amarela e fez verde depois. Elas misturaram e fizemos desenhos, a mistura ficou em aranha."

Porque achas que foi importante?
"Ela foi muito gira que eu lembro e eu gosto dela, ficou bonito."



Experiência: Mistura de cores

A page from a portfolio with a white background. At the top, it says "Experiência de Mistura de cores". Below that are two questions in Portuguese: "Como é que foi feito?" and "Porque achas que foi importante?", each followed by a handwritten answer. In the center is a photograph of a drawing on a piece of paper. The drawing shows three small circles of primary colors (red, yellow, blue) at the top, with lines leading down to three larger, irregular shapes of secondary colors (green, orange, purple) below. Above the drawing, the text "Experiência: Mistura de cores" is written in blue ink.

Figura 8. Portefólio da criança - página 10, 11, 12 e 13

Anexo X – Questionário aos pais

Questionário

Caros pais, o presente questionário está a ser realizado no âmbito da minha Prática Profissional Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-escolar. Este tem como objetivo recolher algumas informações relativamente a uma investigação sobre a mediação do comportamento do grupo de crianças da sala, que está a ser realizada durante o meu estágio. As questões colocadas dizem respeito ao modo como caracterizam o comportamento dos vossos filhos, de forma a serem encontradas estratégias adequadas ao grupo. Deste modo, venho solicitar a vossa participação sendo que todos os questionários serão anónimos e a informação recolhida será utilizada exclusivamente para o uso académico. Agradeço a vossa participação.

1. Como caracteriza o comportamento do(a) seu filho(a)?

Calmos Carinhoso Desobediente
Agressivo Barulhento Outro Qual? _____

2. Que estratégias utiliza para controlar/mediar o comportamento do(a) seu filho(a) quando ele(a) faz algo de errado?

Dá-lhe uma palmada Ignora Grita com ele(a)
Conversa com ele(a) Ralha com ele(a) Põe-no(a) de castigo
Outro Qual? _____

3. Tendo em conta a resposta anterior, qual é a reação que o(a) seu filho(a) tem?

Ignora Não obedece Bate
Pede desculpa Chora Grita
Outro Qual? _____

4. Acrescente quaisquer comentários adicionais, suscitados pelo presente questionário relativamente ao comportamento do seu filho(a).

Obrigada pela sua colaboração!

A estagiária,
Carina Carvalho